

DENISE ARAUJO MEIRA

**ROMPENDO SILÊNCIOS: A TRAJETÓRIA DO PROFESSOR
FRANKLIN CASCAES NA ESCOLA INDUSTRIAL DE
FLORIANÓPOLIS (1941-1970)**

FLORIANÓPOLIS – SC

2009

DENISE ARAUJO MEIRA

**ROMPENDO SILÊNCIOS: A TRAJETÓRIA DO PROFESSOR
FRANKLIN CASCAES NA ESCOLA INDUSTRIAL DE
FLORIANÓPOLIS (1941-1970)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, na linha de História e Historiografia da Educação.

Banca Examinadora

Orientadora: _____
Dra. Maria Teresa Santos Cunha
UDESC

Membro: _____
Dra. Ana Chrystina Venancio Mignot
UERJ

Membro: _____
Dra. Isabela Mendes Sielski
CEFETSC

Membro: _____
Dra. Vera Lucia Gaspar da Silva
UDESC

Para uma professora: minha Avó Lia.

AGRADECIMENTOS

Nesse momento, agradeço as pessoas que sempre me acompanham, outras que colaboraram, incentivaram e me apoiaram nos caminhos da pesquisa, em especial:

Juliana, pelos cuidados dispensados quando estava envolvida nos estudos e na elaboração do texto.

Gerson, pela constante companhia.

A Ida e Orestes, pelo apoio incondicional.

Guto, Luciano, Alcides, Heloisa, Graça e Vilma pelo incentivo.

A Maria Teresa Santos Cunha pelas indispensáveis contribuições, pela paciência, e pelo apoio constante.

A Ana Chrystina Venancio Mignot, Isabela Mendes Sielski e Vera Lucia Gaspar da Silva pelas valorosas contribuições durante a qualificação deste trabalho.

Aos colegas de mestrado, Vanessa, Ângela, Maria Clarete, Maria Cristina, Marcos, Denise e Virginia, por compartilhar a experiência na UDESC.

Aos professores da linha de pesquisa História e Historiografia da Educação pela formação e pela contribuição intelectual.

A Caren pela preciosa colaboração em todos os momentos da pesquisa.

As alunas da Parte Diversificada V, em especial, Carolina, Aline e Jessica, pelo estímulo e pelo carinho.

A Anelise pela disponibilidade, atendendo minhas solicitações nos momentos em que precisei de ajuda.

Aos colegas do Centro Federal de Educação, que não preciso nomear aqui, porque sabem o quanto apoiaram na realização deste trabalho. Agradeço em especial Baltazar, Claudia, Terezinha, Karine, Marcos Davi e Ângela.

Aos integrantes do LIO, por encorajar a elaboração do projeto de mestrado.

Meu agradecimento especial aos ex-alunos do professor Franklin Cascaes que com seus depoimentos, possibilitaram a realização deste trabalho.

Mire e veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou.

(**ROSA**, 1985, p.21)

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo problematizar a trajetória e analisar os contornos da prática docente do professor de Desenho, Franklin Joaquim Cascaes na Escola Industrial de Florianópolis (atual Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina), no período de 1941 a 1970. Através de documentos da escrita cotidiana preservados nos arquivos do Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina e no Museu Universitário Osvaldo Rodrigues Cabral, tais como caderno de desenho, provas, diários de classe, documentos administrativos e correspondências presentes na sua pasta funcional, além dos relatos orais de ex-alunos busca-se visibilizar a trajetória do professor que foi silenciada em narrativas biográficas e autobiográficas em benefício de seu lado de artista/folclorista renomado. Trata-se de um trabalho de história da educação que tenta compreender questões relacionadas ao cotidiano da sala de aula através da trajetória de um professor desde o seu ingresso como aluno até sua aposentadoria como professor da Escola Industrial de Florianópolis.

Palavras-Chave: Franklin Cascaes. Escola Industrial de Florianópolis. Prática docente. Escritas Cotidianas.

ABSTRACT

The present dissertation has as its objective placing in perspective the professional trajectory and analyzing the teaching practice characteristics of the Art Drawing teacher, Franklin Joaquim Cascaes in the period from 1941 to 1970 when he was working for the Industrial School in Florianópolis (presently called CEFET - Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina [Federal Centre for Technological Education of Santa Catarina]). By means of the records of his daily writings which have been kept in the CEFET archives and in the Osvaldo Rodrigues Cabral University Museum, such as drawing notebooks, exam papers, classroom diaries, administrative documents and mail which are present in his functional files, as well as the oral reports given by ex-pupils, the aim is to have a view of the trajectory of Franklin Cascaes as a teacher, something that remains silenced in biographical and auto-biographical narratives due to the greater emphasis put on his renown fame as artist/folklorist. This is a history of education research paper which tries to understand questions related to the classroom everyday life by means of the professional trajectory of a teacher from the time of his initiation as a student to the time of his retirement as a teacher for the Industrial School of Florianópolis, SC, Brazil.

Keywords: Franklin Cascaes. Industrial School of Florianópolis. Teaching Practice. Daily Writings.

SUMÁRIO

CAMINHOS DA PESQUISA.....	11
1. O ARTISTA E O PROFESSOR INSCRITO NAS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS E BIOGRÁFICAS	24
1.1. O ARTISTA E O PROFESSOR, POR SI MESMO.....	28
1.2. O ARTISTA E O MESTRE, POR OUTROS.....	39
1.2.1. Por Adalice Maria de Araujo e Heloisa Espada	40
1.2.2. Por Evandro André de Souza e Claudia Regina Silveira	42
1.2.3. Por Reinaldo Lindolfo Lohn	46
1.2.4. Por Oswaldino Hoffmann.....	49
2. A TRAJETÓRIA DO PROFESSOR FRANKLIN NOS DOCUMENTOS ADMINISTRATIVOS DA ESCOLA INDUSTRIAL.....	55
2.1. O CURSO NOTURNO DE DESENHO E O SEU INGRESSO COMO PROFESSOR DA ESCOLA INDUSTRIAL.....	56
2.2. O CURSO DE FÉRIAS DA ESCOLA TÉCNICA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO.....	64
2.3. A PARTICIPAÇÃO NAS COMEMORAÇÕES CÍVICAS E RELIGIOSAS	69
2.4. SOBRE A APOSENTADORIA	75
2.5. DEPOIS DA APOSENTADORIA	78

3. A PRÁTICA DOCENTE DO PROFESSOR FRANKLIN CASCAES NAS ESCRITAS COTIDIANAS.....	83
3.1. FRANKLIN, O PROFESSOR DE DESENHO TÉCNICO	84
3.2. SOBRE AS PRÁTICAS E OS SABERES ENSINADOS NAS DÉCADAS DE 40 E 50.....	86
3.3. SOBRE AS PRÁTICAS E OS SABERES ENSINADOS NOS ANOS 60	100
ENTRELAÇANDO ALGUNS FIOS	111
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	115

Caminhos da pesquisa...

Em primeiro lugar, cabe dizer que, como em boa parte dos casos, o tema central de reflexão desta pesquisa é muito anterior ao meu ingresso no Mestrado e tem relação direta com a minha trajetória como professora do Instituto Federal de Santa Catarina¹ (IF/ SC). Conheci Franklin Cascaes em 1982, no Museu Universitário Oswaldo Rodrigues Cabral, como aluna do Curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Na época atuava como bolsista em projetos de História Oral. A pesquisa desenvolvida por Franklin Cascaes, de registrar os relatos orais dos nativos da Ilha de Santa Catarina me chamava atenção. Em 1988 comecei a trabalhar na antiga Escola Técnica Federal de Santa Catarina, na mesma instituição onde o professor Franklin havia lecionado, por quase 30 anos.

Em 2002, com implantação do Laboratório de Imagem e Oralidade (LIO) do IF/SC², houve um questionamento, especialmente, pelo ex-aluno Oswaldino Algemiro Hoffmann sobre quando a história do referido professor seria contada. Oswaldino Algemiro Hoffmann, aluno do professor Franklin Cascaes na Escola Industrial de Florianópolis, no início dos anos 60, conviveu com o professor por dez anos. Assim como o mestre, tornou-se professor de desenho da Escola Técnica de Santa Catarina, em 1968. A proximidade do centenário de nascimento (outubro de 2008) de Franklin Cascaes levou os integrantes do LIO a estruturar o projeto “Franklin Cascaes: o professor”.

Franklin Joaquim Cascaes (1908-1983) como artista/folclorista, sensível ao “desmonte da cidade”, buscou nos relatos dos moradores nativos da Ilha de Santa Catarina – os seus narradores benjaminianos³ - uma estratégia para registrar “um

1 O Instituto Federal de Santa Catarina (IF/SC) vivenciou várias modificações na sua trajetória como escola profissionalizante. Iniciou em 1909 como “Escola de Aprendizes Artífices” através do decreto n.º 7.566, de 23/09/1909. Em 1937, passou a denominar-se “Liceu Industrial de Florianópolis” e depois em 1942, transformou-se em “Escola Industrial de Florianópolis”. Em agosto de 1965 a escola recebeu a denominação de “Escola Industrial Federal de Santa Catarina”, e em 1968 passou a denominar-se “Escola Técnica Federal de Santa Catarina”. Em 2002, foi criado o Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina. Durante a sua atuação como docente, o professor Cascaes vivenciou três momentos de mudança na trajetória da instituição que ainda hoje é conhecida pelos moradores mais antigos da cidade como “a Industrial”.

Disponível em <http://www.ifsc.edu.br>. Acesso em 30 de março de 2009.

2 O Laboratório de Imagem e Oralidade Franklin Cascaes (LIO) está situado nas dependências do Instituto Federal de Santa Catarina, na Avenida Mauro Ramos, número 500, Centro, Florianópolis. Tem como objetivo promover pesquisa e atividade acadêmica baseadas no uso da imagem e da oralidade e no uso dos procedimentos metodológicos específicos de cada linguagem. As linhas de ação tanto acadêmicas quanto de pesquisa objetivam: realizar o registro e a análise das diversas variações lingüísticas; proporcionar ao educando o acesso adequado às línguas estrangeiras em situação de comunicação real; acessar a produção cultural (cinema, música, artes plásticas) tanto em manifestações nacionais quanto estrangeiras; disponibilizar, mediante autorização dos narradores, o uso público das entrevistas para consulta e pesquisa; publicar resultados de projetos desenvolvidos no LIO com vistas à divulgação do conhecimento ao público em geral e; arquivar os conjuntos documentais.

3 Para Walter Benjamin (1994, p.198), a experiência é a fonte que recorrem todos os narradores. Destaca que entre as narrativas escritas as melhores são as que se aproximam das narrativas orais contadas pelos narradores anônimos. Apresenta dois grupos de homens que “sabiam narrar devidamente”: do “camponês sedentário” que, sem sair de seu país, conhecia suas histórias e tradições; e a do “marinheiro comerciante” que, por viajar, tinha muito que contar. O homem das comunidades pesqueiras da Ilha de Santa Catarina corresponde ao primeiro grupo: sem sair do seu local, conhece sua história e tradição.

tempo que estava terminando”⁴. Franklin Cascaes, como diria Marshall Berman, faz parte de um grupo de pessoas que experimenta a modernidade como uma ameaça a toda a sua história e tradição.⁵

No início da década de 30, monta um presépio na Capela de Nossa Senhora dos Navegantes de Itaguaçu e através deste trabalho consegue o emprego de servente na Escola Profissional Feminina de Florianópolis.⁶ Estimulado pelas alunas organiza exposições. Frequenta o Curso Noturno do Liceu Industrial de Florianópolis como aluno ouvinte. Trabalha como auxiliar de mestre, contramestre, na oficina de modelagem da Escola Industrial de Florianópolis.

No dia 01 de outubro de 1941, o então aluno da Escola de Aprendizes e Artífices de Santa Catarina passa a condição de Coadjuvante de Ensino no Curso de Desenho do Liceu Industrial de Florianópolis, dando início a uma carreira que iria durar até 27 de novembro de 1970 quando se aposenta.

A relação entre a memória e a história do professor da Escola Industrial pode ser claramente entendida quando, na véspera do seu centenário de nascimento, o jornal “Diário Catarinense” (2007) ao traçar a sua biografia silencia a sua atuação como docente. O próprio Franklin, em entrevista concedida a Raimundo Caruso, em 1981, questiona se o mesmo sabia o que significa ser professor. Conclui: um miserável. O entrevistado ao narrar sua vida também esquece ou silencia o seu trabalho como mestre da oficina de modelagem e como professor de desenho da Escola Industrial de Florianópolis.

Sendo assim, o professor que merece a atenção desta pesquisa é aquele que detém uma sólida posição como artista, mas não como professor. O personagem deste estudo tem sua escolha sustentada pelo lugar privilegiado onde constrói sua história, contudo, é o seu silêncio com relação à Escola que me interessa. Problematizar a trajetória e os contornos da prática docente do Professor Franklin Cascaes, é o que pretende este estudo.

A partir do conhecimento do projeto “Franklin Cascaes: o professor” visitou-se o acervo de documentos da antiga Escola Industrial de Florianópolis, hoje Instituto

4 Expressão utilizada por Franklin Cascaes em entrevista concedida a Raimundo Caruso, posteriormente publicada no livro Franklin Cascaes - Vida e Arte - E a Colonização Açoriana organizado pelo entrevistador, em 1981. CASCAES, Franklin. Método de Trabalho. In: CARUSO, Raimundo. Franklin Cascaes - Vida e Arte - E a Colonização Açoriana. 2. ed. Florianópolis: Ufsc, 1989, p. 20.

5 BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar, a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.17.

6 ESPADA, Heloisa, 1997 (1996), Na Cauda do Boitatá: Estudo do Processo de Criação nos Desenhos de Franklin Cascaes, Florianópolis, Letras Contemporâneas, p.71.

Federal de Santa Catarina. Está guardado numa pequena e estreita sala, com pouca ventilação, que é uma espécie de depósito de “coisas velhas”. Depositados neste lugar insalubre, as fotografias e a ata do concurso de ingresso do professor, foram requisitadas e está hoje sob a guarda do Laboratório de Imagem e Oralidade Franklin Cascaes.

As dificuldades relacionadas ao cotidiano da escola, especialmente a participação de uma parte significativa do grupo do Laboratório de Imagem e Oralidade Franklin Cascaes em um projeto de implantação de curso, transformaram o projeto que inicialmente seria uma produção coletiva em um projeto individual de mestrado.

Nas minhas primeiras aproximações com o tema, observei que no começo do século XX, no momento de criação das Escolas de Aprendizes e Artífices, a palavra indústria estava vinculada aos ofícios e ao artesanato e não à mecanização. Criadas pelo decreto N.7566, de 23 de setembro de 1909, as Escolas deveriam “habilitar os filhos dos desfavorecidos da fortuna com o indispensável preparo técnico e intelectual, como fazê-los adquirir hábitos de trabalho profícuo, que os afastará da ociosidade ignorante, escola do vício e do crime”, oferecendo “ensino prático e os conhecimentos técnicos necessários”.⁷ O próprio decreto determina que, conforme as especificidades da indústria local, as oficinas deveriam ser de trabalho manual ou mecânico. Podemos afirmar que o decreto tinha como objetivo “não o desenvolvimento da indústria e das profissões, mas, principalmente, reduzir os problemas sociais que a urbanização incipiente do país já trazia”⁸.

Luiz Antônio Cunha, afirma que na década de 40, o ensino profissional permaneceu no nível pós - primário e que a lei orgânica do ensino industrial, “junto com a sua congênere do mesmo ano, relativa ao ensino secundário, moldaram a dualidade social no ensino médio”. Levando em consideração o formato impresso por Gustavo Capanema, ministro da Educação do Estado Novo, Luiz Antonio Cunha conclui: “o ginásio e o colégio para as “individualidades condutoras” e as escolas profissionais para as “classes menos favorecidas.”⁹

7 ALMEIDA Acides Vieira de. Dos Aprendizes Artífices ao CEFET/SC: Resenha Histórica. Florianópolis: Gráfica Agnus, 2002,p. 8.

8 SCHWARTZMAN, Simon et al. TEMPOS DE CAPANEMA: O ENSINO INDUSTRIAL. Disponível em: <http://WWW.Schwartzman.org.br/Simon/Capanema/capit8.html>. Acesso em 20 de abril, 2008.

9 CUNHA, Luiz Antônio. O ENSINO INDUSTRIAL-MANUFATUREIRO NO BRASIL: Disponível em: <http://www.flacso.org.br/data/biblioteca/392.pdf>. Acesso em: 01 de maio, 2008.

Simon Schwartzman, Helena Bomeny e Vanda Costa afirmam que a Lei do Ensino Industrial, de 1942, “é uma grande declaração de intenções, acompanhada de um amplo painel da organização à qual o ensino industrial se deveria ajustar” Destacam:

Em termos de intenções, ela busca atender, simultaneamente, aos interesses do trabalhador, "realizando sua preparação profissional e sua formação humana"; das empresas, "nutrindo-as, segundo suas necessidades crescentes e mutáveis, de suficiente e adequada mão-de-obra"; e da nação, "procurando continuamente a mobilização de eficientes construtores de sua economia e cultura”¹⁰.

Nos anos 40, o decreto de criação do Serviço Nacional de Aprendizagem (SENAI), estabelece que o mesmo se encarregaria da "formação profissional dos aprendizes". As Escolas Industriais e o Serviço Nacional de Aprendizagem buscavam atender os interesses do trabalhador realizando a sua preparação profissional. As Escolas Industriais deveriam realizar também a “sua formação humana”.

Sérgio Pereira Cândido¹¹, aluno do professor Franklin em 1970, afirma que as disciplinas voltadas para a “formação humana” como artes, português e história eram vistas como “perfumarias” pelos professores das disciplinas técnicas. Analisar a trajetória de um professor de uma disciplina que no início da sua carreira era aparentemente valorizada, mas que nos anos finais era tida como ‘perfumaria’ foi também uma das razões da escolha do tema.

Explicando de onde eu falo e justificando a opção por desenvolver um projeto na linha de História e Historiografia da Educação, espero não cair na armadilha da “ilusão autobiográfica” que nos alerta Pierre Bourdieu, de tratar a vida como uma trajetória de coerência, como um fio único, quando sabemos que na vida de qualquer pessoa, multiplicam-se os azares, as sortes, as oportunidades e as casualidades, os imponderáveis, enfim!

Impulsionada pelo desejo de dar continuidade ao projeto, apresentei proposta de projeto de mestrado a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Com

¹⁰ Idem.

¹¹ CANDIDO, Sérgio Pereira. Entrevista concedida a Denise Araújo Meira, outubro de 2006. Disponível no acervo do Laboratório de Imagem e Oralidade Franklin Cascaes.

o objetivo de compreender a forma como os contemporâneos, do artista/folclorista Franklin Cascaes, representam a sua prática como docente, na Escola Industrial de Florianópolis, entre 1941 e 1970. O projeto tinha como proposta recorrer às fontes orais e se arriscar por uma metodologia de pesquisa marcada pelo uso da história oral.

Depois de uma leitura inicial da obra “Franklin Cascaes- Vida e Arte- E a Colonização Açoriana” de Raimundo Caruso, fiz uma nova visita ao “arquivo morto” da escola à procura de sinais, pistas deixadas pelo professor. Naquele momento, a escassez aparente de fontes não me preocupava, na medida em que a proposta inicial do projeto tinha a história oral como metodologia, ou seja, a opção era de provocar um arquivo, construindo as fontes.

No ano de 2007, enquanto cursava as disciplinas do mestrado, realizei algumas visitas a arquivos e bibliotecas, o que me possibilitou o contato com outras fontes e também com outra possibilidade metodológica. O projeto inicial tomava novos rumos.

Um novo e atento olhar nesse conjunto de materiais me ofereceu pistas e indícios muito significativos da sua trajetória e da sua prática como docente. O uso de fontes analisadas a partir da especificidade da linguagem que utilizam e tendo em conta as condições de produção documental, podem aumentar a compreensão “desses fazeres” e nos mostrar indícios singulares do interior da escola.

No Departamento de Desenvolvimento de Recursos Humanos do IF/SC, tive contato com a Pasta Funcional do professor Franklin. Formada por correspondências oficiais enviadas da instituição para o professor e do professor para a instituição, como ofícios, portarias, termos de posse e outros, tal conjunto de documentos nos fornece vestígios significativos da sua trajetória profissional na Escola Industrial de Florianópolis.

Na busca da documentação deparei com um interessante conjunto de “relatos autobiográficos”, que compõem a Coleção Elizabeth Pavan Cascaes depositada no Arquivo do Museu Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Se o historiador é capaz de fazer flecha com qualquer madeira¹², no entanto, é importante contar com um pouco de sorte: o fato do artista/professor ter o costume de desenhar no verso de provas, diários de classe e exercícios de alunos. Esses

12 JULIA, Dominique, (2001). A cultura escolar como objeto histórico. Revista Brasileira de História da Educação, Campinas, nº 1, p. 17.

escritos se inserem na clave de escritas cotidianas ¹³ e quando preservados podem aumentar a compreensão das práticas escolares. De acordo com Diana Gonçalves Vidal, tais objetos tomados em sua materialidade, não apenas favorecem a percepção dos conteúdos ensinados, mas, sobretudo provocam o entendimento do conjunto de fazeres ativado no interior da escola. ¹⁴ Afirma também que esses objetos culturais, necessários ao funcionamento da aula, quando observados na sua regularidade, trazem as marcas da modelação das práticas escolares.

Com relação às fontes orais, foram utilizadas as que hoje compõem o acervo do Laboratório de Imagem e Oralidade Franklin Cascaes e que foram obtidas mediante a utilização do método da história oral. O que se pretende é que as lembranças dos narradores ajudem a tecer tanto a trajetória quanto a sua prática docente. As entrevistas transcritas, textualizadas e devidamente autorizadas compõem o acervo de documentação oral do referido laboratório e estão disponíveis para pesquisa.

Dílson Ribeiro, antigo aluno do professor, cedeu ao LIO às imagens digitalizadas do caderno de desenho do Professor Franklin Cascaes (1945). Silvina Gvirtz ao analisar os cadernos de classe da escola primária argentina, percebe o caderno como dispositivo escolar, “como um conjunto de práticas discursivas escolares que se articulam de um determinado modo produzindo um efeito” ¹⁵ Como suporte de memória, o caderno de desenho do professor Franklin, se transforma em documento da trajetória do artista/professor e da disciplina de desenho, na Escola industrial de Florianópolis.

Durante a Semana de Arte e Cultura (IF/SC) em outubro de 2008, realizou-se a Mesa Redonda “Revisitando Cascaes”. Participaram dessa atividade antigos alunos, entre eles o Professor Nereu do Valle Pereira. Aluno do Professor Franklin em 1942 trouxe além dos trabalhos realizados na sala de aula, correspondências que permitem vislumbrar o envolvimento do professor Franklin em um circuito de

13 De acordo com Fabre “as escritas ordinárias ou sem qualidades são aquelas realizadas por pessoas comuns e que se opõem aos escritos prestigiados, elaborados com vontade específica “de fazer uma obra” para ser impressa.” Citado por: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio et al.(org.). Práticas de Memória Docente. São Paulo: Cortez, 2003. (Cultura, Memória e Currículo). Ana Chrystina Venâncio Mignot nomeia as escritas ordinárias de escritas cotidianas, na perspectiva apontada por Antonio Castillo Gomez e fez com ele uma exposição, em 2002, na UERJ/ RJ, cuja produção resultou no livro “Papéis Guardados”, publicado pela UERJ/REDE SIRUS, no ano de 2003. Em 2002, a UDESC promoveu a exposição “Memórias e Escritas de Pessoas Comuns”, coordenada pela Professora Maria Teresa Santos Cunha. O texto da Conferência de abertura “Das mãos ao arquivo: a propósito das escrituras das pessoas comuns”, proferida pelo Professor António Castillo Gómez, está publicado na Revista Percursos - Vol. 4. número 1 /out- 2003. A exposição montada em cinco grandes eixos temáticos (conforme anexo 1) envolveu materiais do início do século XX.

14 VIDAL, Diana Gonçalves et al. “As Múltiplas estratégias de”. Disponível em: [http // www.usp.br/ niephe /reuniões/Projeto_novembro_2006.doc](http://www.usp.br/niephe/reuniões/Projeto_novembro_2006.doc). Acesso em: 10 de abril,2008.

15 GVIRTZ, Silvina. Do currículo Prescrito Ao Currículo Ensinado: Um olhar sobre os cadernos de classe. Bragança Paulista: São Francisco, 2005. P.24

sociabilidade, que lhe permite no período posterior a sua aposentadoria, garantir que a sua obra permaneça sob a guarda e a tutela do Museu Universitário Osvaldo Rodrigues Cabral.

Se no projeto inicial, a proposta era de analisar a trajetória do professor Franklin Cascaes na Escola Industrial de Florianópolis, a partir dos relatos dos seus contemporâneos, agora a proposta era de fazer uso da história oral apenas como mais uma fonte e não como metodologia. No livro “Alice no País das maravilhas”, de Lewis Carrol, a personagem pergunta ao gato: “O senhor poderia me dizer qual caminho devo seguir para sair daqui?” Que caminho deveria seguir para sair da encruzilhada? Resolvi escutar as palavras do gato: “Isso depende muito do caminho para onde você quer ir”¹⁶.

Um novo caminho

A investigação agora tinha como objetivo compreender, a partir das escritas cotidianas e dos relatos orais, a trajetória e a prática do professor Franklin Cascaes na Escola Industrial de Florianópolis, no período de 1941 a 1970.

Para problematizar os contornos da prática docente de Franklin Cascaes, utilizarei como categoria de análise as escritas cotidianas escolares, que integram uma cultura escolar.¹⁷

Ana Chrystina Venâncio Mignot e Maria Teresa Santos Cunha, registram que no âmbito da História da Educação, a Sociedade Espanhola de história da Educação tem se voltado para o tema das escritas cotidianas de natureza autobiográfica e profissional, particularmente associado à discussão sobre cultura material da escola.¹⁸ Destacam o interesse “crescente dos pesquisadores em buscar compreender as práticas docentes a partir de documentos menores, quase

16 LEWIS CARROLL. Ebooksbrasil.org. Alice no País das Maravilhas: Porco e Pimenta. tradução Cléia Regina Ramos. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/alicep.html>>. Acesso em: 12 jan. 2009.

17 Dominique Julia (2001) concebe Cultura Escolar como um “conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e normas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos”. O autor propõe a abertura da “caixa preta” da escola, ou seja, trabalha na perspectiva de um olhar para o interior da escola. Nessa mesma direção, António Viñao Frago (1995) parte da compreensão da cultura escolar como “conjunto de aspectos institucionalizados – incluye prácticas y conductas, modos de vida, hábitos e ritos- la historia cotidiana del hacer escolar-, objetos materiales- función, uso, distribución em Le espacio, materialidad, simbología, introducción, transformación, desaparición...-, y modos de pensar, así como significados e ideas compartidas.” Tal definição permite entender a instituição escolar como organização, abrangendo os aspectos físicos e materiais, as condutas, as práticas e os significados simbólicos do cotidiano da escola.

18 MIGNOT, A. C. V.; CUNHA, M. T. S. Razões para guardar: a escrita ordinária em arquivos de professores/as. Educação em Questão, v. 25, 2006. P.50.

negligenciáveis”. Cadernos de planejamento, exercícios, atividades de aula, guardam as recordações da prática profissional.¹⁹

António Viñao Frago, historiador espanhol, afirma que:

(...) a história da cultura escrita ou “razão gráfica” vem interessando-se cada vez mais pelos tão variados mundos das escrituras marginais, efêmeras, ordinárias ou pessoais, assim como pelos processos de recepção e apropriação dos textos escritos, ou seja, pela escritura e leitura como práticas sociais e culturais efetuadas por quem escreve e lê.²⁰

Propõe uma taxionomia dos relatos e relações autobiográficas de professores e mestres, que considere uma tentativa não fechada de classificação dos mesmos, mas que aproxime às suas formas materiais e textuais, assim como às suas motivações e conteúdos. Destaca entre outros: os diários, as entrevistas autobiográficas e as folhas de méritos e serviços. António Viñao Frago ressalta que o caderno de preparação de lições, pertencendo ao gênero textual dos diários profissionais, é a fonte documental que mais se aproxima das práticas ou da realidade cotidiana da sala de aula.²¹

Heloisa Espada relembra uma fala muitas vezes contada por Gelcy José Coelho, o Peninha, que conviveu intensamente com o professor Franklin nos últimos anos de sua vida. Quando questionado pela família sobre o que considerava mais valioso na obra do artista, tinha clara a resposta: os papezinhos velhos e amarelados que ele usava para esboçar seus desenhos, feitos nos versos das provas dos alunos da Escola Industrial.²² Papezinhos esses que permitem como afirmam Ana Chrystina Venâncio Mignot e Maria Teresa Santos Cunha:

(...) apreender saberes, crenças, valores e práticas considerando-as como partícipes de uma “[...] história da linguagem e da cultura escrita [...] uma história das diferentes práticas da escrita [...] capazes de gerar modos de pensar o mundo e construir realidades.” (CASTILLO GÓMEZ, 2003, P.133). Esses papéis, diferentemente daqueles que foram guardados por educadores/ as renomados/as, contêm o acontecer da sala de aula e ao

19 Idem p.41.

20 VIÑAO, A. Relatos e Relações Autobiográficas de Professores e Mestres. In: MENEZES, Maria Cristina. Educação, Memória. História: Possibilidades, Leituras. Campinas: Mercados de letras, 2004. p.334-335.

21 Idem p.345.

22 ESPADA, Heloisa, 1997 (1996), Na Cauda do Boitátá: Estudo do Processo de Criação nos Desenhos de Franklin Cascaes, Florianópolis, Letras Contemporâneas. p.9.

transcender a fragilidade do presente, materializam uma memória escolar.

23

Dessa forma, os documentos guardados ao longo da vida do professor e transformados em fontes, aparecem no cotidiano escolar como uma possibilidade de criação da memória docente, na medida em que contém o “acontecer da sala de aula”.

Assim a análise da documentação se dará no diálogo com alguns conceitos e categorias presentes na história. Contribuíram para a demarcação desse diálogo Antonio Viñao Frago, Ana Chrystina Venâncio Mignot e Maria Teresa Santos Cunha que tem discutido aspectos das escritas cotidianas na perspectiva da cultura escolar.

Sob este olhar produzi dois textos como trabalho final de duas disciplinas que foram apresentados na I Jornada da Produção Científica da Educação Profissional e Tecnológica da Região Sul (Florianópolis, agosto de 2007), na II Jornada Nacional de Produção Científica em Educação Profissional e Tecnológica (São Luís, dezembro de 2007) e no IV Encontro Regional Sul de História - Culturas, Memórias e Identidades (Florianópolis, novembro de 2007).²⁴

Na elaboração do trabalho “O Laboratório de Imagem e Oralidade Franklin Cascaes: Possibilidades de Pesquisas em Memória e História do Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina” efetuei leituras de teóricos que problematizam a questão da memória. O artigo tece algumas considerações sobre a constituição do acervo existente atualmente no Laboratório e chama a atenção sobre a importância na formação e no tratamento dos acervos das instituições federais de educação tecnológica.

23 MIGNOT, A. C. V.; CUNHA, M. T. S. Razões para guardar: a escrita ordinária em arquivos de professores/as. Educação em Questão, v. 25, 2006. p.55-56.

24 Foram apresentados os seguintes trabalhos:

-Mestre Cascaes e a Escola Industrial de Florianópolis: Notas sobre a História de Vida de um Professor. (Apresentação de Trabalho/Comunicação). II Jornada Nacional da Produção Científica em Educação Profissional e Tecnológica. 3, 4, 5 e 6 de dezembro de 2007, São Luís, Maranhão ;

-O Laboratório de imagem e Oralidade Franklin Cascaes: Possibilidades de Pesquisas em memória e História do centro federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina. (Apresentação de Trabalho/Comunicação). II Jornada Nacional da Produção Científica em Educação Profissional e Tecnológica. 3, 4, 5 e 6 de dezembro de 2007, São Luís, Maranhão ;

-O Mestre e o Artista: notas sobre as biografias e os relatos dos alunos de Franklin Cascaes. 2007. (Apresentação de Trabalho/Comunicação). IV Encontro Regional Sul de História Oral. Florianópolis - SC de 12 a 14 de novembro de 2007 e ;

-O Laboratório de Imagem e Oralidade Franklin Cascaes: possibilidades de pesquisa em Memória e História do CEFETSC. (Apresentação de Trabalho/Comunicação). 1ª Jornada da Produção Científica da Educação Profissional e Tecnológica da Região Sul, Florianópolis-SC de 08 a 10 de agosto de 2007.

O segundo artigo, “Mestre Cascaes e a Escola Industrial de Florianópolis: Notas sobre a História de vida de um Professor”, se estrutura a partir de três eixos: 1) uma discussão sobre a escrita biográfica; 2) uma reflexão sobre a sua autobiografia e; 3) uma análise de um “acervo provocado”: o relato de um aluno da Escola Industrial. Este artigo serviu como base para a elaboração do primeiro capítulo.

No primeiro capítulo, discutirei questões relacionadas ao universo vivido por Franklin Cascaes na cidade de “Nossa Senhora de Desterro”²⁵, procurando apreender como pesquisadores, um ex-aluno e o próprio Franklin contam a sua trajetória como artista/folclorista e como professor da Escola Industrial de Florianópolis. A análise dos dados autobiográficos de Franklin Cascaes, livros, dissertações e trabalhos de conclusão de curso sobre o personagem, e o depoimento oral de um antigo aluno, não acontecerá a partir de narrativas que selecionam acontecimentos significativos que justificam a coerência de sua trajetória, mas sim considerando a forma como o aluno, os pesquisadores e o próprio Franklin Cascaes apresentam e representam a sua trajetória como artista e professor, ou seja, como são produzidos sentidos para sua existência em perspectivas diferentes.

No segundo capítulo, procuro no conjunto de documentos que formam a sua pasta funcional, nos relatos dos antigos alunos vestígios da trajetória do professor Franklin, como funcionário da Escola Industrial de Florianópolis, no período de 1941 a 1970. Procuro também a partir do acervo pessoal e do depoimento do Professor Nereu do Valle Pereira, perceber o seu envolvimento em um circuito de sociabilidade, que lhe permite no período posterior a sua aposentadoria, garantir que o conjunto da sua obra permanecesse sob a guarda e a tutela do Museu Universitário (UFSC).

Finalmente, no terceiro capítulo, busco compreender aspectos da prática docente de Franklin, a partir de documentos que auxiliam para uma maior aproximação com a prática cotidiana da sala de aula. São provas, exercícios, diários de classe, caderno de preparação de lições, que indicam que uso fez o professor das normas que lhe foram impostas e a forma como organizava os saberes.

²⁵ Expressão utilizada por Franklin Cascaes em entrevista concedida a Raimundo Caruso, posteriormente publicada no livro Franklin Cascaes-Vida e Arte-E a Colonização Açoriana organizado pelo entrevistador, em 1981, p.24. Franklin Cascaes justifica o uso do nome Nossa Senhora do Desterro, por não concordar com a alteração do nome da cidade para Florianópolis. Afirma: “Trocar o nome daquela pessoa que se sacrificou para salvar a vida de uma criança, pelo de uma pessoa que ao contrário, mandou matar (referindo-se a Floriano Peixoto)? Não concordo.”.

A aproximação com a trajetória do professor Franklin e a valorização de outros vestígios da ação humana até recentemente ignorados, apresenta-se na perspectiva dos “novos objetos”, dos “novos problemas”, das “novas fontes”, considerando os estudos realizados pelos historiadores da História Cultural da Educação. Parafrazeando Robert Darton, afirmo que persegui um conjunto de documentos que me parecia mais rico, que abria a possibilidade de apreciar nos detalhes alguns pontos de vista menos comuns. Assim como o autor acredito que a noção de leitura está em todos os capítulos, porque se pode ler um caderno de desenho ou uma fotografia da mesma maneira como se pode ler um texto jornalístico ou uma dissertação²⁶. Tentei ir fazendo a minha leitura do professor/artista Franklin Cascaes, mas anexando textos, de maneira que o “próprio leitor possa interpretar esses textos e discordar de mim”²⁷.

26 DARTON, Robert. O grande Massacre dos Gatos: e outros episódios da História Cultural Francesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986. P.XVI

27 Idem.

Capítulo I

O artista e o professor inscrito nas narrativas autobiográficas e biográficas.



Figura 1 – Praia de Itaguaçu – Data desconhecida
Acervo da Casa da Memória.

Praia de Itaguaçu. Descrita e fotografada como um lugar bucólico. No todo, o que se descortina a distância, é a visão de algumas poucas casas, alguns engenhos de farinha e de açúcar. Sítio²⁸. Renato Barbosa no livro “O garoto e a Cidade”, ao descrever a cidade de Florianópolis, ou melhor, o “continente” dos anos 20, relembra:

[...] Animais pastavam tranqüilos; à direita da estrada, o mar levemente irisado por uma viração nordeste, levava para a cidade baleeiras e canoas carregadas de lenha (...) O passaredo chilreava e as casas baixas, caiadas de branco, eram circundadas por pequeninos jardins, com canteiros de manjericão e roseiras de todo-ano.

[...] Cabras soltas pelas estradas eram seguidas pelos cabritos, correndo, aos berros, à frente do carro.

[...] Uma caieira perto enchia o ar de cheiro insuportável de concha de ostra queimada, de um curtume exaltavam emanações quase sufocantes.²⁹

Talvez fosse essa a maior distância entre a praia de Itaguaçu e a Ilha de Santa Catarina. O Ilhéu assistia o crescimento da população, o processo de

²⁸ Expressão utilizada por Franklin Cascaes quando se refere à praia de Itaguaçu. Jornal O Estado, 16 de março de 1983, p. 16.

²⁹ BARBOSA, Renato. O Garoto e a Cidade – Florianópolis dos anos 20. Secretária de Comunicação Social. 1979, p. 96.

modernização da cidade, impulsionado pelas reformas urbanísticas. Desmontando a impressão inicial, Renato Barbosa destaca:

Aproximava-se a Festa do Divino Espírito Santo e o Largo da Matriz prometia surpresas de iluminarias! [...]
O tradicional Clube 12 de agosto regorgitava de gente. [...]
Inesquecíveis saraus! Onde, entremeiados com as valsas, polcas, lanceiros e quadrilhas, deliciavam-se todos em trechos de música clássica, executados pelas alunas do Professor Guilherme Hautz.³⁰

A cidade despertara.
Gente voltava do mercado com cestas de compras.
O carro subiu da praia de Fora para a cidade, em demanda do trapiche da praça, onde tomariam a lancha do Seu Valente, - A “Zuri” - para o Estreito, na travessia da Ilha ao continente.
Mal entraram, a embarcação apitou. [...].³¹

A cidade despertara. Uma cidade que queria se fazer moderna e elegante, que parecia transformar-se, inclusive com modificações de hábitos (“gente voltava do mercado com cestas de compras”). O traçado urbano se remodelava.

No dia 02 de setembro de 1910, o jornal “O Dia”, noticiava:

Inaugurou-se hontem conforme havíamos noticiado a escola de Aprendizes Artífices nesta capital. Instalada em edifício confortável e Hygienico a Escola de Artífices está bem aparelhada para o fim a que se destina. As diversas aulas estão montadas a capricho, sobressaindo a de mechanica. Grande foi o numero de cavalheiros que assistiram ao acto da instalação, tendo comparecido também muitas senhoras. Opportunamente publicaremos um artigo em que trataremos das vantagens que traz para nossa mocidade a Escola de Artífices.

A Escola de Aprendizes e Artífices, em edifício confortável e higiênico, surgiu na esteira do processo de remodelação e do saneamento do traçado urbano, não apenas em Florianópolis, mas também em outras 18 cidades, com o objetivo de atender “aos jovens desprotegidos” que ali teriam a oportunidade de um “proveitoso futuro”.

Gladys Mary Ghizoni Teive, afirma que:

30 BARBOSA, Renato. O Garoto e a Cidade – Florianópolis dos anos 20. Secretária de Comunicação Social. 1979, p.34.

31 Idem, p.92.

A escola passou a constituir-se numa exigência à modernização social pretendida, em organização do trabalho livre e, conseqüentemente, no principal meio de acesso ao modelo urbano de socialização desejado, sendo responsabilizada pela consolidação de novos hábitos de pensamento na população, transformando-se portanto, num projeto político do Estado, mas para isso era preciso trazer as crianças das classes populares ao processo de escolarização³²

A aplicação do modelo da Escola primária ou escola graduada, a que se refere Gladys Mary Ghizoni Teive, ocorreu concomitantemente com a criação das Escolas de Aprendizes e Artífices. Sílvia Pandini afirma que “o regulamento de criação definia as Escolas de Aprendizes e Artífices como de nível primário.”³³ Concluí: “por ser o modelo republicano de educação popular, a escola graduada contava com ampla disseminação e prestígio ao passo que as Escolas de Aprendizes e artífices ainda figuravam como novidade e careciam legitimar-se.”³⁴

Dois anos antes da criação da Escola de Aprendizes e Artífices de Santa Catarina, em 1908, na Praia de Itaguaçu, de “família de gente de bem”³⁵, nasceu o filho de Serafim Cascaes e Maria Catarina Cascaes que recebeu o nome de Franklin Joaquim Cascaes. Nome este, que como assinala Pierre Bourdieu (2006) assegura aos “indivíduos designados, para além de todas as mudanças e todas as flutuações biológicas e sociais, a constância nominal, a identidade (...) que a ordem social demanda”. É essa identidade social a pedra fundamental de toda biografia.

Franklin nasceu em Itaguaçu, no continente, mas durante a sua vida não cansou de declarar o seu amor a Ilha: “Mesmo se morrer distante de ti querida, quero vir para sempre no teu seu repousar”. Neste primeiro capítulo, como já foi anunciado na introdução, discutirei questões relacionadas ao universo vivido por Franklin Cascaes, procurando apreender como pesquisadores, biógrafos, alunos e o próprio Franklin contam a sua trajetória como artista/folclorista e como aluno e professor da Escola Industrial de Florianópolis, buscando nos diferentes discursos

32 AURAS, Gladys. Mary Teive. Uma vez normalista sempre normalista - cultura escolar e produção de um habitus pedagógico (Escola Normal Catarinense - 1911/1935). Florianópolis: Insular, 2008, p. 95.

33 PANDINI, Sílvia. A Escola de Aprendizes Artífices do Paraná: “Viveiro de Homens Aptos e Úteis” (1910-1928). 2006. 158 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Educação, UFPR, Curitiba, 2006, p.57.

34 Idem ibidem.

35 Expressão utilizada por Franklin Cascaes quando se refere ao fato de que a sua família possuía muitas terras na localidade de Bom Abrigo. CASCAES, Franklin. Método de Trabalho. In: CARUSO, Raimundo. Franklin Cascaes - Vida e Arte- E a Colonização Açoriana. 2 ed. Florianópolis: Ufsc, 1989, p. 20.

silêncios, lacunas que indiquem a existência de diferentes memórias sobre o mesmo.

1.1 O artista e o professor, por si mesmo.

“Pois o importante, para o autor que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência. Ou seria preferível falar do trabalho de Penélope do esquecimento?”³⁶

Benito Bisso Schmidt³⁷ partindo da definição já consagrada de autobiografia proposta por Philippe Lejune, ou seja, “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz da sua própria existência, quando ela acentua sua vida individual, em particular a história da sua personalidade”, afirma que:

[...] prefiro falar de “fragmentos autobiográficos”, pois embora os textos examinados enquadrem-se nos critérios antes mencionado (narrativos, em prosa, identidade do autor e do narrador, ênfase na vida individual), eles não compõem um todo (como um livro autobiográfico), mas aparecem dispersos em diversos artigos, escritos em momentos e com objetivos diferenciados.³⁸

Ao falar das narrativas autobiográficas produzidas por Franklin Cascaes observo que não há uma narrativa elaborada como conjunto. Ela é composta, como diria Benito Bisso Schmidt (1987), de “fragmentos autobiográficos”: pequenos relatos presentes nos versos dos seus desenhos e passagens de entrevistas. Parafraseando Andrea Ferreira Delgado (2003) percebo que tais fragmentos não são apenas relatos produzidos acidentalmente, mas sim fruto de um trabalho de *enquadramento da memória* para marcar uma versão acerca da sua própria vida. Ao investigar a prática biográfica como uma “técnica de si”, a autora afirma que “o sujeito vai constituindo-se na relação que ele tem com ele mesmo” e citando Michel Foucault conclui: o sujeito se constitui na “reflexão sobre os modos de vida, sobre as escolhas da existência, sobre o modo de regular a sua conduta de se fixar a si mesmo fins e meios”.³⁹

³⁶ BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas - Magia e Técnica, Arte e Política. 7ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 37.

³⁷ In SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias: historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos, Estudos Históricos, Rio de Janeiro, número 19, 1987.

³⁸ Idem

³⁹ DELGADO, Andréa Ferreira. A invenção de Cora Coralina na Batalha das memórias. Tese de doutorado. Unicamp. Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP. Orientadora: Luzia Margareth Rago. 2003, p.260

Entre os “fragmentos autobiográficos” aqui analisados encontram-se entrevistas e algumas anotações feitas por Franklin Cascaes. No dia seguinte a sua morte, 16 de março de 1983, nos jornais, de circulação regional, em especial no Jornal “O Estado”, a principal manchete do dia não foi a morte do artista. Ocupando uma parte considerável da primeira página, a notícia: “Amim assume com a proposta de união”. No canto inferior esquerdo, a notícia do seu falecimento: “Morre Franklin Cascaes”. Para compor a trajetória do artista/folclorista o jornal publica além da fotografia do enterro (primeira página) e do próprio Franklin, desenhos que marcaram a obra do artista e uma entrevista inédita, com o jornalista Raul Caldas Filho, que serviu como fonte para este trabalho.



Figura 2: Jornal O Estado, 20/03/1983. Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

Além da entrevista publicada no dia posterior a sua morte, utilizarei outros fragmentos autobiográficos como fonte. O jornalista Raimundo Caruso, realizou uma série de 10 entrevistas que deram origem ao livro “Franklin Cascaes - Vida e Arte- E a Colonização Açoriana”. A obra dividida em dois blocos distintos, porém complementares, trata da sua trajetória de vida e da sua experiência como pesquisador da cultura açoriana. Neste texto analisarei o capítulo intitulado “Método de Trabalho”. Nele Franklin se autobiografa, pois afinal, um depoimento que tem

como objetivo narrar uma história de vida, seria basicamente uma autobiografia provocada.

Nas entrevistas, a narrativa de Franklin Cascaes é muito mais orientada para a sua vida pública, como artista e folclorista, do que para sua vida privada. Poucas vezes, refere-se à sua família. Narra as suas origens de forma resumida:

Tenho 72 anos e nasci na praia do Itaguaçu. Minha família era gente bem, tinha muita terra, o Bom Abrigo quase inteiro era do meu pai, o Abrão também. Também tinha a família Martins, sei que meus bisavós tinham escravos.⁴⁰

Quando questionado por Raul Caldas Filho sobre como era a cidade na sua infância responde:

Era uma cidade linda, cheia de Chácaras e belas residências e muitos trapiches. E era sempre uma beleza ir até lá, porque a nossa família vivia no sítio. [...].

Porque as grandes propriedades existentes naquela época pertenceram aos meus antepassados. Como por exemplo, o Bom Abrigo pertenceu aos meus avós. Nós tínhamos engenhos de farinha, engenhos de açúcar, gado, não é, lavoura, então, lá a gente chamava o “sítio” e quem morava lá no Itaguaçu morava no sítio.⁴¹

Na sua narrativa, Franklin Cascaes institui imagens-lembranças que consagram a cidade da sua infância como um outro lugar. As imagens-lembranças instituídas por Cascaes parecem fazer parte de um projeto que pretende “organizar uma espécie de acumulação perpétua e infinita do tempo, um lugar que não mudaria”⁴². A opção pelo estudo da cultura açoriana figura como elemento central das entrevistas, e se apresenta como primeira e fundamental construção de si por Franklin. É por sua vida dedicada ao estudo da cultura açoriana que Franklin Cascaes pretende ser lembrado. Em um pequeno fragmento registra:

Para mim [...] a arte é o caminho nato que o Creador o arquiteto do universo reservou para alguns indivíduos afins de que eles o palmilhem, ininterruptamente, para registrarem a verdade para os tempos, da

40 CASCAES, Franklin. Método de Trabalho. In: CARUSO, Raimundo. Franklin Cascaes - Vida e Arte- E a Colonização Açoriana. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 1989, p. 20

41 Jornal O Estado, 16 de março de 1983, p. 16.

42 FOUCAULT, Michel. Outros espaços. Ditos & Escritos III. Estética: Literatura, pintura, música e cinema. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2001, p.411-422.

passagem do homem de argila humana sobre a terra. Cada artista é um aparelho registrador que transporta de geração em geração, a realidade biológica, cultural e técnica dos Povos. A arte é, portanto, verdadeiramente na terra, representante autêntica do paraíso que o homem perdeu no céu por desobediência das leis divinas.⁴³

Franklin institui o ano de 1946 como marco inaugural da efetivação da sua missão: “aparelho registrador que transporta de geração em geração, a realidade biológica, cultural e técnica dos povos”. Organiza sua narrativa de modo a atribuir significados para a mesma. Como um “aparelho registrador”, busca no contato com os moradores nativos da Ilha de Santa Catarina, o seu passado, as suas tradições açorianas. Revela que a condição de professor lhe permite, durante os finais de semana e nas férias⁴⁴, percorrer o interior da ilha, pesquisando sobre as tradições açorianas. Sempre que pode denuncia:

Saudades do passado, porque quando me achei gente, no uso da razão, encontrei-me numa pequena fazenda. Lá havia dois engenhos de farinha e um terceiro de açúcar. Tinha também uma pequena charqueada, pesca, vi isso até a idade de doze, catorze anos. Tudo isso eu vivi com aquelas pessoas que eles chamavam jornaleiros. Eles vinham trabalhar aí na pesca, pescadores, outros na roça, para plantar mandioca, feijão, cana, outros trabalhavam no engenho de açúcar.

[...].

Eu sempre fui muito curioso, gostava muito de estudar, vivia fazendo esculturas no barro, na areia. E eu prestava muita atenção na conversa deles. Por isso, aquilo me deixou saudades quando tudo terminou. E este tempo terminou realmente.⁴⁵

Aprendi a modelar nas areias do Itaguaçú, linda praia da Baía sul, hoje infelizmente poluída devido ao descaso dos homens públicos.⁴⁶

Carlos Eduardo Vieira⁴⁷ ao relatar o estudo sobre a prática social dos intelectuais no processo de produção, veiculação e recepção do discurso sobre a relação entre a educação e modernidade, caracteriza o intelectual moderno a partir de alguns aspectos principais entre eles: a definição de uma identidade e o sentimento de missão social. Se a infância na praia de Itaguaçú lhe possibilitou o

43 CASCAES, Franklin, Anotações, 1972. Coleção Elizabete Pavan Cascaes. Museu Universitário. Universidade Federal de Santa Catarina.

44 A Lei orgânica do ensino industrial, de 30 de janeiro de 1940, determina que o período de férias seja de dois meses, ou melhor, de 20 de dezembro a 20 de fevereiro.

45 CASCAES, Franklin. Método de Trabalho. In: CARUSO, Raimundo. Franklin Cascaes - Vida e Arte- E a Colonização Açoriana. 2. ed. Florianópolis: Ufsc, 1989, p. 21.

46 Jornal O Estado, 16 de março de 1983, p. 16.

47 VIEIRA, Carlos Eduardo. Intelectuais e o discurso da modernidade na I Conferência Nacional de Educação (Curitiba-1927). In: Marcus Levy Bencostta. (Org.). Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2007, v. 1.

contato com o mar, com os pescadores (inclusive seu pai), com os engenhos de farinha, com o trabalho na roça, o que lhe dá um sentimento de pertencimento a um grupo social específico, a missão de registrar este “tempo que terminou” também faz parte da construção da sua identidade.

Quando eu comecei a trabalhar com a cultura açoriana, em 1946, já estavam começando a desmontar a nossa cidade de Nossa Senhora do Desterro. Começaram a derrubar diversos prédios antigos em toda a cidade. E depois construíram essas favelas de rico, os prédios de apartamento.⁴⁸

De acordo com Benito Bisso Schmidt (1987) uma característica essencial nesses textos autobiográficos é a importância conferida ao estudo e a leitura. Nas suas diferentes narrativas, multiplicam-se as referências com relação a sua formação na Escola de Aprendizes e Artífices de Santa Catarina.

Vinha sempre na ilha. Porque a minha irmã estudava aqui, vários vizinhos também. Eu ainda não estava estudando porque tinha que ajudar o meu pai na lavoura. Mas depois vim também estudar. [...]. Na Escola Industrial, na época era chamada de Escola de Artífices. Depois me formei, prestei concurso e lecionei lá 36 anos.⁴⁹

Porque um dia eu estava na praia, em Itaguaçú, foi numa quinta-feira santa de 1932, ou 33, não me lembro bem e estava modelando na areia. E apareceu ali o Dr. Cid Rocha Amaral, que estava passeando na praia. E ficou muito entusiasmado com a obra trabalhada na areia e quis conhecer quem havia feito. Tinha um Cristo na cruz, João Evangelista, Madalena, aquela cena da Paixão. Então ele perguntou para a gurizada quem é que havia feito aqueles trabalhos, e depois foi me procurar. E me convidou para estudar na Escola Industrial, onde ele era um dos diretores. Lá existiam diversos professores de escultura, como o Luis Marcos, Plínio de Freitas, depois veio o professor Manoel Portela, que era especializado em escultura em madeira, em barro, gesso, essas coisas todas. Daí então é que passei a trabalhar com mais técnica.⁵⁰

Mais tarde, quando estudei na escola Industrial, estudava artes, meu professor era paulista. Manuel Marin Portela. Ele era professor de escultura e uma pessoa que gostava muito da tradição, e nos trabalhos ele falava, conversava muito, dialogava sobre aquilo, de modo que foi abrindo o peito. E um dia prometi que, quando pudesse, ia recolher na Ilha o que sobrava de todas aquelas tradições açorianas. E eu fiz isso mesmo.⁵¹

48 CASCAES, Franklin. Método de Trabalho. In: CARUSO, Raimundo. Franklin Cascaes - Vida e Arte- E a Colonização Açoriana. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 1989, p. 24.

49 Jornal O Estado, 16 de março de 1983, p. 16.

50 Idem

51 CASCAES, Franklin. Método de Trabalho. In: CARUSO, Raimundo. Franklin Cascaes - Vida e Arte- E a Colonização Açoriana. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 1989, p. 21.

O excessivo número de lembranças associadas a sua formação como aluno da Escola de Aprendizes e Artífices, se contrapõem ao silêncio produzido em torno da sua passagem pelas escolas do Bairro onde viveu a sua infância. Em 1914, entrou para a Escola Estadual de Coqueiros e freqüentou a Escola particular regida pelo Prof. Arquimino Silva, em Coqueiros e; em 1917, freqüentou a Escola particular da Praia do Meio, em Coqueiros e a Primeira Escola Isolada de Abraão na praia de Itaguaçu.⁵² Ao silenciar a sua primeira formação, Franklin nos chama a atenção para as armadilhas de uma coerência construída a posteriori, afinal como nos lembra Pierre Bourdieu, é essa a propensão do homem que pretende ser “o ideólogo da sua própria vida, selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos ‘significativos’ e estabelecendo entre eles conexões para lhe dar coerência”⁵³. O “esquecimento com relação as suas primeiras escolas” e a importância conferida a Escola de Aprendizes e Artífices na sua formação pode ser justificada pelo significado atribuído à palavra indústria na primeira metade do século XX. Vinculada aos ofícios e ao artesanato e não a mecanização, a Escola de Aprendizes e Artífices aparecia como uma possibilidade de formação, de “trabalhar com mais técnica”, como diria Franklin.

A sua atuação como professor, no entanto, aparece sempre de forma discreta. Podemos retomar o questionamento proposto por Walter Benjamin: para o autor “que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração, o (...) trabalho de Penélope do esquecimento?”⁵⁴ Mesmo no depoimento dado a Raul Caldas Filho, onde o entrevistador insiste, com muita freqüência, em retornar ao tema Escola Industrial, Franklin afirma rapidamente:

Depois que me formei fiz concurso para professor. Aí comecei a lecionar com muito carinho. Mas era também um professor muito rigoroso porque [...] entendo que o aluno tenha que estudar, ele não ia para a sala de aula brincar. Ele tinha que corresponder aquilo que os pais estavam fazendo por ele, que era a despesa com ônibus, essa coisa toda. Então eu era meio duro. Mas a maioria dos alunos, hoje é bem de vida.⁵⁵

52 ARAÚJO, Adalice Maria de. Mito e Magia na arte catarinense. 1977. Tese (Concurso Para Professor Titular) - Departamento de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPR, Curitiba, 1977, p.133.

53 BOURDIEU, Pierre (Org.). A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Usos & abusos da História Oral. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006, p. 184 e 185.

54 BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas - Magia e Técnica, Arte e Política. 7ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 37.

55 Jornal O Estado, 16 de março de 1983, p. 16.

A reflexão empreendida por Pierre Bourdieu com relação às biografias e autobiografias é fundamental para pensarmos um aspecto da ilusão biográfica: a ilusão da singularidade do biografado frente às experiências coletivas, compartilhadas com as pessoas pertencentes à mesma geração.⁵⁶ Em uma passagem, buscando recordar os que se dedicavam ao trabalho de recolher casos, Franklin Cascaes destaca o papel desempenhado por Roberto Lacerda, ex-reitor da Universidade Federal de Santa Catarina.⁵⁷ Se o homem preocupado em registrar a cultura não é único, único também não é o artista que atua como professor. A Escola Industrial também é a escola do artista/ professor Martinho de Haro e Nilo Jacques Dias, contemporâneos do professor Franklin.

Segundo Sandra Makowiecky (2003), Martinho de Haro, nascido em São Joaquim em 1907, transferiu-se aos 20 anos para o Rio de Janeiro, onde entrou para a Escola Nacional de Belas Artes. Em 1936 recebe a Medalha de Prata do Salão de Belas Artes, e em 1937, com o prêmio da viagem, vai para Paris e permanece dois anos. Em 1945, começa a trabalhar como professor da Escola Industrial de Florianópolis.

Haylor Delambre Jacques Dias afirma que o pintor Eduardo Dias “percebendo o gosto de Nilo Dias pelos trabalhos artísticos e artesanais convenceu o irmão acerca do ingresso do sobrinho na Escola de Aprendizes e Artífices (...)”⁵⁸. Na Escola, estuda com o pintor italiano Ticiano Basadona. Completa a sua formação artística no ateliê do tio Eduardo Dias, “de um modo mais direto, mais artesanal que técnico, mais oral que escrito, mais familiar que social”.⁵⁹ Assim como Franklin Cascaes, o antigo aluno da Escola de Aprendizes e Artífices, Nilo Dias assume como professor da Escola Industrial de Florianópolis, em 1945, permanecendo ligado a instituição até o ano de sua aposentadoria, 1972.

Podemos também evidenciar, um outro aspecto da ilusão biográfica: da coerência perfeita numa trajetória de vida. Franklin Cascaes em suas narrativas evidencia as casualidades e as oportunidades enfrentadas ao longo da sua existência – singular e autônoma- mas que fazem parte da vida de qualquer pessoa.

56 BOURDIEU, Pierre (Org.). A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Usos & abusos da História Oral. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

57 CASCAES, Franklin. Método de Trabalho. In: CARUSO, Raimundo. Franklin Cascaes - Vida e Arte- E a Colonização Açoriana. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 1989, p. 25.

58 DIAS, Haylor Delambre Jacques. A Arte de Nilo Dias no Cenário Cultural Florianopolitano. 2004. 185 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós Graduação em História, Ufsc, Florianópolis, 2004,p. 33.

59 Idem ibidem.

Alguns relatos de Franklin no capítulo intitulado “Método de Trabalho”, expressam essa afirmação: o encontro casual com o diretor da Escola de Aprendizes e Artífices na praia onde fazia esculturas de areia que propiciou o convite para estudar na referida escola; a oportunidade de ser aluno de Manoel Portela que refletia sobre a importância da tradição e; o interesse de uma Universidade norte americana na sua obra e tantos outros acasos e oportunidades.⁶⁰ Foi possível perceber também, um pertencimento a uma rede de sociabilidades que de alguma forma facilitou a trajetória profissional no período posterior a sua aposentadoria. Essa rede de sociabilidades era ainda mais visível, com alunos e professores pertencentes à vida política e cultural da cidade, como é o caso do ex-aluno e prefeito Nilton Severo da Costa, e do professor Sílvio Coelho dos Santos⁶¹, responsável pela sua ida para a Universidade Federal de Santa Catarina, na década de 70.

Em algumas passagens da entrevista parece lembrar a si próprio e por extensão, ao leitor, das dificuldades enfrentadas pelo artista. Nas palavras do autobiografado:

É como lhe falei: o artista é pobre. Não dá para viver da arte. [...] Ou, como dizem em certas repartições: malandros. [...] Uma pessoa uma vez me contou: quando alguns artistas vão às repartições buscar algum recurso, o pessoal lá dentro comenta: os malandros já estão aí. Aqui artista é visto como malandro. A política é uma madame bruxa manhosa, é uma bruxa.⁶²

Como manter a tensão entre a liberdade criadora do artista e as exigências sociais? O próprio Franklin em um outro momento da entrevista retrata esta tensão:

Viver nesse ambiente, onde não se tem que pagar impostos [...] Agora, quando abro esta porta, já recebo recados, o imposto de renda, a conta da luz, do gás, do aluguel, que está faltando carne, que está faltando feijão. Aqui nesse quarto não têm nada disso. A feijoada da bruxa não gasta nada.⁶³

60 CASCAES, Franklin. Método de Trabalho. In: CARUSO, Raimundo. Franklin Cascaes - Vida e Arte- E a Colonização Açoriana. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 1989, p. 20-28.

61 O antropólogo Sílvio Coelho dos Santos foi um dos fundadores do Instituto de Antropologia da UFSC e diretor do Museu de Antropologia, hoje Museu Universitário Oswaldo Rodrigues Cabral, entre 1970 e 1975. Foi membro da Academia Catarinense de Letras, professor emérito da Universidade Federal de Santa Catarina e pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Dedicou-se ao estudo das tribos indígenas e o direito das minorias. DIÁRIO CATARINENSE (Florianópolis). Morre o antropólogo Sílvio Coelho dos Santos. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/diariocatarinense/jsp/default.jsp?uf=2&local=18&ion=Geral&newsID=a2267450.xml>>. Acesso em: 12 janeiro de 2009.

62 CASCAES, Franklin. Método de Trabalho. In: CARUSO, Raimundo. Franklin Cascaes - Vida e Arte- E a Colonização Açoriana. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 1989, p. 27.

63 Idem, p. 23.

Se a condição de artista não lhe confere a possibilidade de viver da arte, a condição de professor lhe confere a possibilidade de viver miseravelmente⁶⁴. Franklin destaca a colaboração de Elisabeth Pavan Cascaes, na elaboração da sua obra. Afirma:

Chegavam os sábados, de manhã cedo, de madrugada, a gente saía. Eu sempre com ela trabalhando. Ela também ajudava nas pesquisas. [...] Ela me ajudou muito porque também sabia fazer economia. Ela guardava um pouco para isso, um pouco para aquilo e depois dizia: olha, temos que fazer economia, já dá para viajar e fazer pesquisas. Havia ocasiões em que ela não podia ir junto. É que eu precisava deixar o carro num lugar e depois caminhar mais de cinco quilômetros, por picadas no meio do mato.⁶⁵

Franklin Cascaes casou-se em 1944 com Elisabeth Pavan. Leonora Portela de Assis afirma que Elisabeth era ativa e participante, “não somente no que diz respeito à obra de Cascaes, mas também em relação à vida social e religiosa de Florianópolis”. Conclui: “O que era comum para as boas moças e senhoras da sua época”.⁶⁶

Gelcy José Coelho, o Peninha, em entrevista concedida a Leonora Portela de Assis, destaca:

Mas, ela sugeria muito para ele. A escultura de Cascaes é integrada, quer dizer que a escultura e a indumentária são feitas de argila. Então essas sugestões do vestimento da figura têm dedo de Elisabeth. Mas o mais fantástico de todo esse trabalho de diálogo que era intenso exaustivo com certeza, era a forma como ela fazia para manter o artista no atelier. O Cascaes me dizia assim: a Beth já tinha um ‘tino’. Quando ele se inquietava lá na bancada, ela já vinha com um cafezinho, com um pedacinho de carne frita, com um agradozinho, um quitutezinho. Então mantinha o cara ali, num conforto, alimentado, sem sede. Cada vez que ele mudava de jeito, se inquietava no trabalho, ela já sabia que era o sinal para ir lá dar aquela interferência. Mas a interferência para animar, para deixar confortável.⁶⁷

Gelcy José Coelho afirma que Elisabeth como professora compreendia o professor Franklin. “A vida deles foi totalmente levada para a questão da educação, tanto que todo o acervo do Cascaes tem um objetivo muito pedagógico e muito

64 Idem, p. 21.

65 Idem, p. 26.

66 ASSIS, Leonora Portela de. Desvelando uma Intimidade: algumas breves leituras sobre Elisabeth Pavan Cascaes. 1997. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de História, Ufsc, Florianópolis, 1997.

67 Idem p.18

didático”⁶⁸, ressalta o museólogo. Faleceu em 30 de abril de 1971. Franklin costumava registrar experiências pessoais junto aos seus esboços ou no verso de um desenho final. Heloisa Espada (1997) afirma que esse tipo de relato aparece principalmente a partir da morte de Elisabeth Pavan Cascaes. Cita o relato ao lado da obra o “Discotatá Catarinense”, feito no último dia do ano de 1971:

No dia 31 de 12-1971 às 13,47 horas terminei este gostoso boitatá catarinense, enquanto minha psico sofre terrivelmente de horror e saudade frente a frente com a madame morte, a repentina, a estúpida.⁶⁹

Nos depoimentos dados alguns anos mais tarde sobre a sua condição como professor da Escola Industrial de Florianópolis, sem o peso da realidade imediata, declara que:

Depois que me formei fiz concurso para professor. Aí comecei a lecionar com muito carinho.⁷⁰

E me afeiçoei muito a essa escola.⁷¹

Sofri muito como professor, principalmente depois de aposentado, depois de 36 anos de trabalho. Quando me aposentei, meus vencimentos foram cortados pela metade. Fizeram essas reclassificações... Tu sabes disso, não é?⁷²

O passado parece assumir outra dimensão. Como diria Walter Benjamin (1994), “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que um acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois”⁷³. Além disso, na produção dos fragmentos autobiográficos, Franklin passa a estabelecer relação entre a aposentadoria e a sua ida para a Universidade Federal de Santa Catarina. Ao evocar a falta de apoio na realização das suas pesquisas, imputa a culpa ao governo e não a universidade. Afirma: “Ali só lidei com gente carregada de diplomas, mas,

68 Idem. P.31

69 ESPADA, Heloisa. Na cauda do boitatá: um estudo do processo de criação dos desenhos de Franklin Cascaes. Florianópolis. Editora Letras. Contemporâneas. 1997, p.57.

70 Jornal O Estado, 16 de março de 1983, p. 16.

71 Idem.

72 CASCAES, Franklin. Método de Trabalho. In: CARUSO, Raimundo. Franklin Cascaes - Vida e Arte- E a Colonização Açoriana. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 1989, p. 21.

73 BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas - Magia e Técnica, Arte e Política. 7ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1994.

coitados, precisam ganhar dinheiro.”⁷⁴ O desejo do Professor Pascoal Carlos Magno, “que acompanhava o seu trabalho”, de levá-lo para o Rio de Janeiro; o incentivo dado pelo ex-prefeito e também ex-aluno da Escola Industrial Nilton Severo da Costa, que “conseguiu fazer um convênio”, que possibilitou a sua ida para a Europa, para “estudar os Açores” e; a oferta de uma universidade norte-americana para comprar todo o acervo, toda a sua obra⁷⁵ parecem indicar um esforço de legitimar a sua obra, como um desejo de reconhecimento⁷⁶.

74 CASCAES, Franklin. Método de Trabalho. In: CARUSO, Raimundo. Franklin Cascaes - Vida e Arte- E a Colonização Açoriana. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 1989, p. 22.

75 Idem, p. 25

76 Termo utilizado por Alistair Thompson e referenciado por Andréa Ferreira Delgado, em obra já citada.

1.2. - O artista e o mestre, por outros.

“O homem só é perfeito quando morre.”⁷⁷
Franklin Cascaes

Após a morte do artista, em março de 1983, pesquisadores têm se dedicado a escrever sobre o personagem que sensível ao “desmonte da cidade”⁷⁸, busca nos relatos dos moradores nativos da Ilha de Santa Catarina uma estratégia para registrar “um tempo que estava terminando”⁷⁹.

Busco neste texto analisar dissertações e teses sobre Franklin Cascaes, considerando a forma como os pesquisadores Evandro André de Souza⁸⁰ e Reinaldo Lindolfo Lohn⁸¹, e as pesquisadoras Adalice Maria de Araújo⁸², Heloisa Espada⁸³ e Claudia Regina Silveira⁸⁴ narram à trajetória do artista/professor. É importante destacar que a biografia de cunho acadêmico tem algumas características que lhes são próprias. Anamaria Filizola (2000) afirma que:

As biografias acadêmicas possuem algumas características: Fontes e justificativas são escrupulosamente apresentadas em notas, apêndices, bibliografias. Não se permite nenhum recurso imaginativo e a vida é geralmente desenvolvida em estrita ordem cronológica. A densidade de tais obras, completamente dominadas por fatos documentados, faz com apresentem maior interesse para o especialista.⁸⁵

O “uso de fontes escrupulosamente apresentadas em notas, apêndices, e bibliografias”, parece conferir certa autoridade aos trabalhos citados. É importante enfatizar que Franklin Cascaes e a sua obra mereceram estudos, sendo abordado

77 Citado por Celso Vicenzi, no artigo intitulado Sobre Homenagens, no Jornal O Estado, do dia 20/03, p.24.

78 CASCAES, Franklin. Método de Trabalho. In: CARUSO, Raimundo. Franklin Cascaes - Vida e Arte- E a Colonização Açoriana. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 1989, p. 21.

79 Ibidem. P.21

80 A dissertação Franklin Cascaes: uma cultura em transe de Evandro André de Souza foi submetida à Universidade Federal de Santa Catarina em cumprimento parcial dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em História, em 03 de março de 2000.

81 A tese Pontes para o futuro: relações de poder e cultura urbana. Florianópolis, 1950 a 1970 de Reinaldo Lindolfo Lohn foi submetida à Universidade Federal do Rio grande do Sul em cumprimento parcial dos requisitos para a obtenção do grau de Doutor em História, em 2002.

82 Mito e Magia na Arte Catarinense é a tese defendida pela professora Adalice Maria de Araújo no concurso para professor titular no Departamento de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, em 1977.

83 O livro “Na Cauda do Boitatá – estudo sobre o processo de criação nos desenhos de Franklin Cascaes” de Heloisa Espada é a monografia premiada do concurso “Franklin Cascaes de Literatura”, promovido pela Fundação Franklin Cascaes, em 1996.

84 A dissertação Um bruxo na Ilha: Franklin Cascaes-narrativas inéditas de Claudia Regina Silveira foi submetida à Universidade Federal de Santa Catarina em cumprimento parcial dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Literatura Brasileira e Teoria Literária, em agosto de 1996.

85 FIZIOLA, Anamaria. O cisco e a ostra: Augustina Bessa- Luís biografa.2000. Tese (doutorado)- Curso de Teoria e Crítica Literária, Departamento de Filosofia do Instituto de Unicamp, Campinas, 2000, p.45.

por pesquisadores de diversas áreas: história, artes, literatura e educação.

1.2.1 - Por Adalice Maria de Araújo e Heloisa Espada.

Adalice Maria de Araújo, na obra “Mito e Magia na Arte Catarinense” define Franklin Cascaes como o “Mito Vivo da Ilha”. A autora o descreve como um homem que concentra características como abnegação, ternura, e que na sua trajetória de pesquisador e de artista, lutou sem apoio durante trinta anos para salvar a tradição mágica catarinense⁸⁶. Destaca:

A obra de Franklin Cascaes que se desdobra ao longo de 30 anos de “pesquisa de campo”, além de situá-lo como o maior mitológico vivo do sul, constitui-se num elo entre o passado cabloco/açoriano e o presente, em suas novas tendências [...]
Elo entre hoje e ontem, Franklin é o mito vivo da Ilha.⁸⁷

Em 15 de março de 1983 morre o artista. Nas reportagens publicadas no Jornal *O Estado*, na semana da sua morte, a menção ao trabalho realizado por Adalice Maria de Araújo é uma constante, devido principalmente a falta de outros estudos sobre o autor. A matéria publicada no dia 20 de março, sobre o artista, nos fornece indícios que a obra de Adalice Maria de Araújo cumpriu uma função: iniciou o processo de construção do Mito Franklin Cascaes. Podemos afirmar que “Mito e Magia na Arte Catarinense”, publicada em 1977, foi uma obra fundadora do Mito.

Logo após a sua morte, alguns trabalhos foram escritos por pesquisadores com o objetivo de pensar o artista e a sua obra. Nesse sentido, ainda hoje se tem a imagem do Franklin Cascaes artista e folclorista.

Em 1996, Heloisa Espada recebeu o prêmio Franklin Cascaes de literatura. Com o objetivo de realizar um ensaio sobre o processo de criação do artista, se concentra na análise de uma “única família de desenhos”: os boitatás.⁸⁸

Na obra “Na cauda do Boitatá-Estudo do processo de criação nos desenhos de Franklin Cascaes”, a autora enfatiza o significado da obra do artista chamando

⁸⁶ ARAÚJO, Adalice Maria de. Mito e Magia na arte catarinense. 1977. Tese (Concurso Para Professor Titular) - Departamento de Ciências Humanas, Letras e Artes, Ufpr, Curitiba, 1977. p.44

⁸⁷ Idem p. 80-81

⁸⁸ Os boitatás são seres fantásticos que habitam os diferentes recantos da Ilha. Em 1961, Franklin Cascaes, em uma nota sobre a obra “Boitatá do Rio Tavares” (Nanquim sobre Papel), afirma que o Boitatá, ali representado Ilha da especulação imobiliária, expressando o desprezo do artista pelas transformações urbanas., “acha que aquelas cercas vão destruir toda a beleza natural que recebeu das mãos incomparáveis do arquiteto do universo. Pede com muito amor ilhéu um planejamento técnico acertado para aquela Lagoa do Jacaré e todos os sambaquis que a rodeiam”. Os boitatás de Franklin Cascaes protegem da

atenção para a “posição que tomava contra as mudanças culturais a sua própria revolta contra a destruição das belezas naturais da Ilha de Santa Catarina”⁸⁹. Percebe, nos fragmentos autobiográficos e na obra, o homem “dotado da missão de salvar” a natureza, a cultura popular, as tradições e o respeito pelos bens religiosos”.⁹⁰O passado e as manifestações do folclore e dos costumes da Ilha de Santa Catarina são temas recorrentes na obra de Cascaes, afinal é a “sua missão”.

Heloisa Espada ressalta que os seres fantásticos da obra de Cascaes envolviam - se também com questões políticas. Lembra que “além do tema bomba atômica e das questões feministas, há desenhos sobre a guerra fria e a viagem do homem à lua”.⁹¹ Com relação ao Brasil, a autora afirma que “Cascaes também aproveitou a idéia da propaganda política de Jânio Quadros nas eleições presidenciais de 1960 para desenhá-lo entre vassouras e bruxas”.⁹²

89 ESPADA, Heloisa. Na cauda do boitatá: um estudo do processo de criação dos desenhos de Franklin Cascaes. Florianópolis. Editoras Letras. Contemporâneas. 1997, p.16.

90 Idem P.16.

91 Idem P.25

92 Idem P.25.

1.2.2. Por Evandro André de Souza e Claudia Regina Silveira

A leitura da dissertação “Franklin Cascaes: Uma Cultura em Transe”, de Evandro André de Souza me permitiu perceber que o autor trata a vida do artista de forma coerente e orientada, não conseguindo fugir do que Pierre Bourdieu⁹³ chama de “Ilusão Biográfica”, ilusão esta reforçada pelos “desde pequeno” e “os sempre”. Trechos do texto evidenciam tal questão: “gostava muito de ouvir esses *causos*”; “foi desde o princípio um amante da cultura popular”; “à medida em que ele foi crescendo, começou a sentir no coração que todas aquelas experiências vividas”; “já deixava transparecer a sua iniciativa de registro artístico” e; outros que denotam que a sua trajetória estava predeterminada desde o início.

É importante destacar que se a trajetória do artista, como diria Pierre Bourdieu já estava “predeterminada” a do professor não. A sua condição de professor foi evidenciada apenas em uma única passagem: “Nesta época, aos 38 anos de idade, era já casado e trabalhava como professor de desenho, escultura, modelagem e trabalhos manuais na Escola Técnica Federal de Santa Catarina.”⁹⁴

Contudo, a proposta do autor era de estabelecer relação entre o contexto e o biografado. Afirma que a temática a ser abordada na obra de Franklin Cascaes diz respeito à interpretação das motivações históricas que levaram o artista a edificar sua obra artístico-cultural.⁹⁵ No capítulo “O Primeiro Congresso Catarinense de História” e o “Grupo Sul”, o autor destaca que sem dúvida nenhuma, o Primeiro Congresso Catarinense de História influenciou em muito o professor Franklin Cascaes, pois certamente lhe deu fôlego e um motivo político para dar continuidade a sua obra.⁹⁶ Em parte, a afirmação reduz Franklin Cascaes às influências do Congresso, contudo em um momento posterior Evandro André de Souza reconhece as ressonâncias do contexto, mas não o reduz a estas influências. Destaca o que o distingue do meio circundante:

93 BOURDIEU, Pierre (Org.). A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Usos & abusos da História Oral. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006, p. 184.

94 SOUZA, Evandro André de. Franklin Cascaes: uma cultura em transe. 2000. Dissertação (Mestre) - Curso de Pós Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 2000, p. 22

95 Idem, p.13.

96 Idem, p. 30.

O artista folclorista utilizou-se do método e postura diferentes dos dois grupos citados acima⁹⁷. Basicamente sua obra era construída a partir de suas pesquisas empíricas levadas em seguida para sua oficina onde eram reelaboradas, respeitando-se o caráter original das informações.⁹⁸

A sua singularidade se faz transparecer ainda em outros momentos. Com destaque para o seguinte fragmento:

Assim, Franklin Cascaes procura edificar sua obra não como um significado efêmero, ligado às circunstâncias, mas sim com o objetivo maior de perpetuar, através da representação, uma sociedade em processo de transformação. O artista evidencia em sua obra o espírito moderno [...].⁹⁹

Evandro André de Souza define o artista como um homem de uma época em que ser moderno, nas palavras de Marshall Berman, significava encontrar-se em um ambiente que promete aventura, transformação das coisas em redor, mas que ao mesmo tempo ameaçava destruir tudo o que temos tudo o que sabemos e tudo o que somos. Franklin Cascaes se encontra nesse turbilhão de mudanças, vivencia esse sentimento de ruptura com o passado e a sua obra evidencia esse “espírito moderno”. As estratégias utilizadas pelo autor parecem indicar uma constante tensão entre o personagem e as possibilidades de sua época¹⁰⁰.

O exemplo desta perspectiva – que estabelece relação entre o biografado e o contexto-, não se faz presente na dissertação de mestrado de Claudia Regina Silveira. Com o objetivo de “resgatar” as narrativas inéditas do artista e folclorista, a autora no segundo capítulo, biografava o “Bruxo Maior da Ilha” utilizando como fonte uma entrevista cedida por Gelcy José Coelho, do Museu de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Assim como no texto de Evandro André de Souza, apresentam-se os “desde cedo”, “gostava muito de”, “para expressar o seu dom artístico”, e outras expressões que indicam uma vontade de escrever a vida “em linha reta”. Mencionando Pierre Bourdieu, pode-se dizer que as expressões

97 Evandro André de Souza faz referência ao grupo de intelectuais do Primeiro Congresso Catarinense de História e ao Grupo Sul.

98 SOUZA, Evandro André de. Franklin Cascaes: uma cultura em transe. 2000. Dissertação (Mestre) - Curso de Pós Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 2000. P.36

99 Idem, p. 46

100 Idem.

citadas pautam-se por uma “ilusão biográfica, ou seja, pela idéia de que a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado”.¹⁰¹

No entanto, em alguns trechos a autora demonstra que a vida não é um “conjunto tão coerente e orientado”. Tal concepção encontra uma tradução transparente na seguinte afirmação: “Chegou ainda a pensar em ser padre, na época, o caminho mais fácil e econômico da educação, mas foi impedido pelo pai”¹⁰². Ou seja, o “Bruxo Maior da Ilha” poderia ter sido Padre. Aparentemente banal essa constatação nos mostra o que jovem poderia ter sido, ou seja, Cláudia Regina Silveira aponta uma distância entre o Franklin na sua juventude e o Franklin na sua maturidade. Como nos revela Giovanni Levi, a biografia pode constituir o “lugar ideal para verificar o caráter intersticial-e, apesar disso, importante - da liberdade da qual dispõe os agentes”.¹⁰³

É importante destacar que no estudo da trajetória do personagem, a autora não mantém o equilíbrio entre a trajetória individual e o sistema social como num todo, como havia feito Evandro André de Souza. Tal situação pode ser em parte justificada pela origem das duas dissertações: esta defendida no programa de Literatura e outra no programa de História da UFSC.

Uma característica que gostaria de apontar que aparece nas duas dissertações trabalhadas é a importância conferida à atividade intelectual. Evandro André de Souza ressalta esta importância, em diversos momentos, com destaque para o fragmento em que afirma que o “artista começou a pensar na possibilidade de edificar sua obra quando era estudante de artes da Escola Industrial ou Escola de Aprendizagem e Artífices de Santa Catarina”.¹⁰⁴ De forma semelhante, Cláudia Regina Silveira escreveu:

Numa dessas circunstâncias é descoberto pelo Professor Cid Rocha Amaral, diretor da Escola de Aprendizagem Artífices de Santa Catarina, que o leva – com muito custo, pois o pai não queria-para a cidade. Tem início a sua formação profissional [...]. Paralelo a isso, na condição de aluno

101 BOURDIEU, Pierre (Org.). A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Usos & abusos da História Oral. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006, p. 184.

102 SILVEIRA, Cláudia Regina. Um Bruxo na Ilha: Franklin Cascaes: Resgate de Narrativas Inéditas. 1996. 160 f. Dissertação (Mestre) - Curso de Pós-graduação em Letras Literatura Brasileira e Teoria Literária, Departamento de Letras, UFSC, Florianópolis, 1996. p.29.

103 LEVI, Giovanni (Org.). Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Usos & abusos da História Oral. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006, p.181.

104 SOUZA, Evandro André de. Franklin Cascaes: uma cultura em transe. 2000. Dissertação (Mestre) - Curso de Pós Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 2000, p. 22.

ouvinte, freqüenta a Escola de Aprendizes Artífices, ao mesmo tempo que inicia vários cursos por correspondência.¹⁰⁵

A Escola Industrial adquire importância apenas na formação do artista e folclorista. Ressalta-se, ainda, que a autora entende por formação profissional a “carreira de artista e folclorista”.

¹⁰⁵ SILVEIRA, Cláudia Regina. Um Bruxo na Ilha: Franklin Cascaes: Resgate de Narrativas Inéditas. 1996. 160 f. Dissertação (Mestre) - Curso de Pós-graduação em Letras Literatura Brasileira e Teoria Literária, Departamento de Letras, Ufsc, Florianópolis, 1996, p.30.

1.2.3. Por Reinaldo Lindolfo Lohn

Reinaldo Lindolfo Lohn na tese “Pontes para o futuro: relações de poder e cultura urbana – Florianópolis”, sem ter a pretensão de biografar Franklin Cascaes, efetua uma análise das projeções e dos horizontes de expectativas em relação ao futuro encontradas na década de 1950 e 1960. No capítulo intitulado “Cascaes e o tempo”, o pesquisador utiliza como fonte, “dentre as centenas de desenhos em nanquim sobre papel, apenas uma pequena parte (...) que pode-se considerar provisoriamente como intervenção direta das questões que envolviam a sociedade humana do século XX”.¹⁰⁶

O Franklin de Reinaldo Lindolfo Lohn vai além da imagem que o singulariza como artista, como “coletor e preservador das manifestações populares da Ilha de Santa Catarina e arredores.”¹⁰⁷ Aparece não como um artista preocupado apenas com o passado, mas como um artista que na “busca de um passado perdido, pensou o futuro, a fim de recolher e guardar “para posteridade” as histórias de vida que estavam desaparecendo.”¹⁰⁸ Ressalta:

Rompendo qualquer fronteira entre local e global, o perto e o longe, entre a pequena Florianópolis e o mundo que a rodeava, suas obras exprimem o quanto as relações cotidianas podiam ser afetadas por discursos produzidos em espaços aparentemente tão distintos e diferentes como as conferências de cúpula entre as superpotências, os planos de desenvolvimento ou os anúncios de investimentos imobiliários na Ilha.¹⁰⁹

O autor percebe a obra do artista como resultante de um momento de maior circulação de informações através da indústria cultural e dos meios de comunicação¹¹⁰. Giovanni Levi afirma que se houve épocas que se podia narrar a vida de qualquer pessoa abstraído-se de qualquer fato histórico, também houve épocas que era possível relatarmos um fato histórico abstraído-se de qualquer

106LOHN, Reinaldo Lindolfo. Pontes para o futuro: relações de poder e cultura urbana. Florianópolis, 1950 a 1970. 2002. Tese (Doutor) - Curso de Pós Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2002, p.168 .

107 Idem p.169.

108 Idem p. 177.

109 Idem.

110 Idem p.159.

destino pessoal. ¹¹¹ Vivemos hoje uma fase intermediária, conclui. Parafraseando Giovanni Levi: Franklin é apresentado à luz de um contexto que o torna possível e, logo, normal, contudo singular. Ele é o artista, que nas palavras de Reinaldo Lindolfo Lohn:

[...] efetuou uma estetização do noticiário local ou mesmo internacional, demonstrando ainda uma abordagem das questões que envolviam o desenvolvimento de Florianópolis e suas disputas internas de modo bastante diferenciado daquele que costumeiramente é evocado nas memórias e relatos da vida urbana florianopolitana dos anos 50 e 60. ¹¹²

Como artista, interagia com as relações de poder existentes na cidade e tomava atitudes diante das estratégias de desenvolvimento econômico que estavam sendo implantadas, afirma Reinaldo Lindolfo Lohn. ¹¹³ Destaca que os desenhos do artista “trazem a marca de uma dualidade de mundos (...) constituído pelo cotidiano harmônico, calmo e ordenado das comunidades do litoral, paralelo ao universo mítico e invisível aos olhos racionais” ¹¹⁴. Esse “cotidiano harmônico” pode ser tomado como:

[...] construção de um mundo perfeito, ideal de bondade absoluta, que estava tão próximo de todos, mas ao mesmo tempo ameaçado de extinção pela conjunção dos fatores maléficos que faziam parte da vida desde que o mundo fora criado e que atuariam juntamente com os processos de modernização capitalista. ¹¹⁵

Assim, como nos trabalhos de Evandro André de Souza, Cláudia Regina Silveira, e Heloisa Espada, Reinaldo Lindolfo Lohn em muitos trechos da sua obra utiliza a fala do Peninha como uma “palavra autorizada”. Gelcy José Coelho, o Peninha, conviveu intensamente com Franklin nos últimos anos de sua vida. Por isso, sua fala oferece credibilidade ao texto, pois é “produzida através da autoridade social de quem certifica a veracidade da história contada e que pela sua condição, é

¹¹¹ LEVI, Giovanni (Org.). Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Usos & abusos da História Oral. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006, p.167.

¹¹² LOHN, Reinaldo Lindolfo. Pontes para o futuro: relações de poder e cultura urbana. Florianópolis, 1950 a 1970. 2002. Tese (Doutor) - Curso de Pós Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2002, p.161.

¹¹³ Idem P.169

¹¹⁴ Idem ibidem.

¹¹⁵ Idem ibidem.

considerado digno de crédito.”¹¹⁶ Reinado Lindolfo Lohn, recorre aos depoimentos do Peninha para tratar de questões diversas: da sua credibilidade como pesquisador, ou melhor, da forma como os artistas eruditos rejeitavam Franklin Cascaes; da derrubada de um quarteirão, com casas coloniais para a construção do edifício das Diretorias, no início da década de 1950, como o acontecimento que pode ter provocado impacto sobre a obra do artista; e de tantas outras questões.

É Peninha, também, que irá lhe apresentar um Franklin assinante da revista ‘Seleção do Reader’s Digest’, um leitor das revistas ‘Manchete’, ‘Cruzeiro’ e ‘Realidade’, além de um “assíduo ouvinte de rádio, preferindo programas como o ‘Vanguarda’.”¹¹⁷ Com relação ao afastamento da igreja Católica Peninha lhe indica os motivos: A morte do arcebispo metropolitano Dom Joaquim Domingos de Oliveira e o Concílio Vaticano II, que “pretendeu modernizar as práticas católicas e procurar um novo relacionamento com a sociedade”¹¹⁸ Seguidor das tradições do catolicismo mais ortodoxo, contrário as inovações trazidas pelo Concílio Vaticano II, ele é o professor e o artista que “pensava o futuro com os pés fincados no passado, imaginando que a ‘posteridade muito vai agradecer cultural e espiritualmente’ o esforço para a manutenção das tradições religiosas da ilha”.¹¹⁹

116 COSTA, Marli de Oliveira. Impressos Imagem e Fé: História da Menina que virou santa no Sul do Brasil. Disponível em: http://www.gedest.unesc.net/seilacs/virusanta_marli.pdf. Acesso em: 25 de abril de 2008.

117 LOHN, Reinaldo Lindolfo. Pontes para o futuro: relações de poder e cultura urbana. Florianópolis, 1950 a 1970. 2002. Tese (Doutor) - Curso de Pós Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2002, p. 161.

118 Idem, p. .205 e 206.

119 Idem, p. .205.

1.2.4. Por Oswaldino Hoffmann

“Pela arte, eu acho que ele fez tudo pela arte. Ele viveu a arte na plenitude”.

Oswaldino Hoffmann

Oswaldino Hoffmann, aluno de Franklin Cascaes na Escola Industrial de Florianópolis, confessa-se admirador do professor e é essa relação de admiração que move a sua narrativa. Como narrador, no sentido benjaminiano, não tem a intenção em “transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada”, mas mergulhar na vida do professor como “a mão do oleiro na argila do vaso”.¹²⁰ Regina Abreu destaca que no processo de individualização do mundo moderno, “as “histórias de vida” constituem os alicerces que estruturam os rituais de evocação dos mortos “¹²¹. Lembrar das suas angústias, da sua trajetória como professor, da forma como o mesmo se relaciona com os alunos, de como a sua arte se fez presente no espaço da sala de aula, é “evocar a sua passagem pela vida na terra”. A autora afirma que “num mundo de indivíduos, certos mortos tendem a desempenhar um lugar importante para referência dos vivos”.¹²² Franklin, como diria Oswaldino Hoffmann é “o pai, o professor, o amigo, o escultor, o pintor e uma pessoa (...) de bem consigo mesma e com a vida” Em outro momento da entrevista afirma que Franklin era o professor que ele admirava e “que gostaria de ter na família”¹²³. Para o narrador, o professor Franklin é uma referência.

Oswaldino Hoffmann nasceu no município de Antônio Carlos, na Grande Florianópolis, e nos registros da Escola, aparece como selecionado em primeiro lugar no concurso do vestibular do ano de 1960. Seleciona para dar início a sua narrativa, o momento que ingressa na Escola Técnica, como ele se refere à Escola Industrial de Florianópolis. Destaca: conheceu o professor Franklin Cascaes nos primeiros meses de aula. Estabelece uma relação do professor com o artista, que se faz presente em diversos momentos da sua narrativa. Destaca que o folclore era um tema recorrente em sala de aula. Muitas vezes a aula do professor Franklin “era

120 BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas - Magia e Técnica, Arte e Política. 7ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 205.

121 ABREU, Regina. Entre a nação e a alma :: quando os mortos são comemorados. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p.1-24, 1994. Semestral. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/156.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2008.

122 Idem

123 HOFFMANN, Oswaldino. Entrevista concedida as alunas Aline Amorim, Carolina Fávero e Jessica Gomes. Florianópolis, outubro de 2008. Disponível no acervo do Laboratório de Imagem e Oralidade Franklin Cascaes.

motivada pelos trabalhos que ele vinha fazendo” como artista. A obra de Franklin Cascaes, escultórica e gráfica, foi sempre associada aos relatos dos moradores das comunidades do interior da Ilha de Santa Catarina. Oswaldino Hoffmann. indica que os alunos provenientes do interior da Ilha colaboravam na busca desses rituais ainda presentes no cotidiano do ilhéu. O professor Franklin era freqüentemente convidado a participar, por exemplo, da Festa do Divino, no Ribeirão da Ilha, no Pântano do Sul ou nos Ingleses. Destaca também a importância dos depoimentos dos alunos provenientes de outras cidades do Estado, como Laguna, Tubarão, Criciúma e Urussanga. O universo fantástico da família dos alunos dessas localidades, também será transformado em desenhos e esculturas. A sua arte é “uma arte didática pedagógica”, define o narrador. Na sala de aula, no espaço destinado à sua principal atividade profissional, professor, a obra do artista, muitas vezes resultante dos depoimentos dos alunos, se transforma em material didático. No seu entender, conhecer o professor Franklin Cascaes não significa apenas entrar em contato com a história de um professor, mas uma possibilidade de compreender a sua obra. Concluí: “Pela arte, eu acho que ele fez tudo pela arte. Ele viveu a arte na plenitude”.

Sandra Makowiecky destaca que a tradição cultural, legada pelos açorianos, é permeada por uma religiosidade profunda, “um cristianismo fundamentalista católico, algo próximo das crenças medievais, dando vida a uns mundos fantásticos, povoados de santos e demônios, onde a magia e a bruxaria são realidades palpáveis e interferem no cotidiano de cada um” e, pela relação com o mar, pela pesca ¹²⁴. Sobre as visitas as comunidades pesqueiras do interior da Ilha de Santa Catarina, Oswaldino Hoffmann. relembra que, no começo dos anos 60, o professor Franklin comprou uma “Kombi”, o que facilitou o deslocamento para essas localidades. Terno e gravata, estradas “empoeiradas”, a falta de compreensão por parte de alguns moradores com relação à postura do professor na defesa do patrimônio cultural daquelas comunidades, a presença dos alunos e amigos nessas viagens, são questões recorrentes quando o tema é a Kombi do professor Franklin Cascaes. Sobre o motorista Franklin Cascaes, o narrador acrescenta: “Péssimo motorista, nunca foi bom motorista... Nunca saia dos quarenta (...) atropelava o

¹²⁴ MAKOWIECKY, Sandra. A Representação da cidade de Florianópolis na visão dos artistas Plásticos. 2003. Tese (Doutorado) - Curso de Interdisciplinar em Ciências Humanas, Ufsc, Florianópolis, 2003, p. 490.

tráfego. Mas era o estilo dele”. Relembra: “Aquela Kombi era uma coisa, uma preciosidade para ele!”.

Alguns relatos ao longo da sua narrativa, num movimento comum as histórias de vida, vão sendo utilizados para delinear as características do professor.

Pontualíssimo. Ele não saía da sala de aula para sala dos professores. Ele ficava na sala de aula. Aproveitava aqueles quinze minutos de recreio, para continuar os desenhos dele ou atender os alunos que queriam conversar.

Ele era um professor motivado para o trabalho e convicto do trabalho que fazia. [...] Não, ele gostava de dar aula. Foi um professor no sentido da palavra [...]. Professor e educador.

[...] a postura dele como professor era uma postura ímpar. Em sala de aula, nunca vi o professor Cascaes lecionar sem terno e gravata. Em dias muito quentes, em salas sem ar condicionado, ele pedia licença para os alunos para tirar o paletó.

Ao ser questionado sobre como era Franklin Cascaes na sala de aula, Oswaldino afirma que o professor “acreditava naquilo que ensinava”, era “convicto do trabalho que fazia”. O uso do terno e da gravata, de acordo com o antigo aluno, não era um hábito apenas do professor. Os professores que trabalhavam nas oficinas da antiga Escola Industrial também faziam uso do traje. Pontualidade, dedicação, austeridade são características presentes em algumas passagens do relato. Justifica tal postura com o seguinte argumento: a esperança de um futuro para esses alunos passava pelos bancos escolares, pelo conhecimento e pela profissão. De acordo com o antigo aluno, era essa a razão do professor Franklin ser muito exigente. Afirma que “aluno malandro não tinha chance com ele”. Como muitos do seu tempo, o professor demonstrava acreditar na disciplina como um meio, como uma possibilidade de garantir aos alunos, na sua maioria filhos de trabalhadores, o conhecimento e a profissionalização. Completa: “Ele achava que toda leitura passava pelo desenho (...) o desenho era uma forma de ler o mundo diferente”.

Sobre as aulas de desenho e sobre a motivação dos alunos com relação às aulas são fornecidas apenas algumas informações esparsas. Esclarece que a disciplina era de desenho geométrico básico, mas havia espaço nas aulas para o “desenho livre”. Destaca que nas aulas de “desenho livre” o professor procurava

motivar os alunos para temas que fizessem parte do cotidiano como armas de caça ou brinquedos de criança. Os elementos presentes nos desenhos dos alunos, assim como os relatos anteriormente citados, também foram transformados em desenhos e esculturas. Oswaldino Hoffmann. reforça: “O trabalho do Franklin Cascaes tem muito a ver com a escola”.

Procurando justificar o pouco interesse dos alunos na obras trazidas para o espaço das aulas de desenho, afirma que os alunos do internato “conheciam pouco o folclore da Ilha porque a maioria não era daqui” e por isso não percebiam a importância das esculturas do professor. No final dos anos 30, foram matriculados os primeiros “alunos – bolsistas provenientes do interior do Estado de Santa Catarina”. Alcides Vieira de Almeida afirma que nos anos 50/60:

Manter o internato não era tarefa fácil para a direção da Escola. Os problemas, principalmente, de ordem financeira estavam sempre presentes. [...] num determinado momento da história do internato, por exemplo, a falta de recursos financeiros fez com que os internos comessem arroz com ovo frito, como prato único, por três meses seguidos.¹²⁵

Em 1958, a Escola ainda funcionava na Rua Almirante Alvim, mas o internato já funcionava Avenida Mauro Ramos, nas proximidades da Rua Júlio Moura onde morava Franklin Cascaes. Como aluno do internato, Oswaldino era convidado a ir à casa do professor, na Rua Júlio Moura. O colaborador destaca a preocupação do professor com relação à situação financeira de muitos desses alunos e quando não conseguia ajudar, tentava minimizar o problema. Conclui: “Ele era um “paizão” que os alunos encontraram durante os trinta anos que ele lecionou.”

Contudo, com relação à motivação dos alunos, o narrador chama atenção para a existência de dois grupos distintos: os que gostavam da aula de desenho e os que não gostavam das aulas de desenho. Afirma que quando o aluno não tem interesse na disciplina, as aulas tornam-se monótonas. Oswaldino relembra que o professor era tão motivado para a aula que “entrava em choque” com a pouca motivação de alguns alunos. Ele, no entanto, fazia parte do grupo que gostava das aulas de desenho. Ressalta que gostava “porque aprendeu tudo sobre folclore”. O colaborador nos fornece indícios de que não só de desenho, seja ele geométrico ou

125 ALMEIDA, Alcides Vieira de. Dos Aprendizes Artífices ao CEFET/SC: Resenha Histórica. Florianópolis: Gráfica Agnus, 2002, p. 74.

livre, eram feitas às aulas: como já foi colocado anteriormente o folclore era tema freqüente das conversas entre os alunos e o professor. Com relação à técnica utilizada na elaboração dos desenhos, ressalta o uso freqüente da “técnica da sombra”. Afirma que o professor Franklin gostava muito de estilizar. Acrescenta que “não existe muitas vezes nem uma preocupação com a perspectiva, mas existe uma preocupação com a estilização”.

Relembra que antes de ser professor de desenho, Franklin Cascaes, foi professor de escultura. Sobre a qualidade das esculturas do artista, relata um fato curioso:

[...] lembro que ele fez uma escultura de uma galinha assada em cera. Foi servir no jantar [...]. Um funcionário acreditou que aquela galinha não era de cera. Achou que era uma galinha de verdade e trinchou a galinha para comer. Ficou conhecido como Zé da Galinha. Até hoje, os funcionários que conheceram esse senhor - que era um serventuário da Escola - conhecem ele como Zé da Galinha.

Quando Franklin Cascaes morreu, em 1983, Gelci Coelho dos Santos, o Peninha, foi escolhido pelos pesquisadores anteriormente citados, como o “guardião da memória do artista”.¹²⁶ Oswaldino Hoffmann, no relato de muitos que conviveram com Franklin na Escola Industrial, e na forma como elabora a sua narrativa, se apresenta como o “guardião da memória” do professor. Atribui o desejo de ver a história do professor sendo escrita, a admiração que sente pela memória do mestre. Define-se como o “continuador” das aulas do professor na Escola. Em 1968, Franklin Cascaes tem uma redução de 20 horas/aula na sua carga horária semanal. Já formado, Oswaldino ministra as outras 20 horas/aula e quando o professor se aposenta no final do ano de 1970, o aluno substitui o mestre. Conclui: “Eu também fiquei quase trinta anos lecionando. Lecionando desenho, só que desenho técnico”. Mas as marcas deixadas pela convivência com o Professor Franklin extrapolam os limites da sala de aula. Estão presentes também nos desenhos produzidos pelo antigo aluno.

126 DELGADO, Andréa Ferreira. A Invenção de Cora Coralina na Batalha das Memórias. 2003. 498 f. Tese (Doutorado) - Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, 2003.



Figura 3- Autor: Oswaldino Hoffmann, 1991.
Acervo Particular.

Se a memória individual dialoga permanentemente com os conhecimentos socialmente construídos até que ponto as lembranças de Oswaldino A. Hoffman sobre o professor/artista foram atualizadas, ou melhor, tem a marca da contemporaneidade. Como separar o artista/folclorista do mestre? O exemplo da perspectiva – que relaciona Franklin com o Mito-também se faz presente no relato do aluno e amigo Oswaldino A. Hoffman. Franklin é mestre e não professor. Será que ao evidenciar a força de um indivíduo não corremos o risco de cair na armadilha da hagiografia? Benito Bisso Schmidt questiona se os personagens que nós construímos não são apenas santos laicizados¹²⁷. A armadilha da hagiografia do mesmo modo que evidencia a força de um indivíduo nos impede de perceber aquilo que o biografado não foi capaz de fazer. Fica o questionamento: como biografar sem se deixar seduzir por flores e sem fazer caso da sombra como diria Virginia Woolf¹²⁸.

127 SCHMIDT, Benito Bisso. Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. Educação Unisinos, São Leopoldo, v., n.10, jul.2004. Quadrimensal., p. 140.

128 WOOLF, Virginia. Orlando. 2.ed.Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 45

Capítulo 2

A trajetória do Professor Franklin nos documentos administrativos da Escola Industrial

Neste capítulo perscruto os documentos administrativos que compõe a sua pasta funcional e analiso a sua trajetória como servidor público na Escola Industrial de Florianópolis. Nas entrevistas realizadas com os alunos do professor Franklin Cascaes, todos foram unânimes em considerar que o processo de aposentadoria assumiu um significado dramático na vida do professor. O seu ingresso como aluno e professor na Escola Industrial de Florianópolis, a sua atuação nas comissões em que foi requisitado pela instituição, a inexistência de um local onde pudesse guardar a sua obra, são temas tratados também neste capítulo. Tentou-se identificar a partir do depoimento e dos documentos guardados por um antigo aluno, práticas cotidianas que permitem vislumbrar traços de relações pessoais que tem sua origem nas salas de aula da Escola Industrial de Florianópolis.

2.1.- O Curso Noturno de desenho e o seu ingresso como Professor da Escola Industrial de Florianópolis.

Em maio de 1941, o edital do concurso¹²⁹, que possibilitou o ingresso do professor Franklin Cascaes na Escola Industrial de Florianópolis, indicava as condições necessárias para lecionar como professor coadjuvante de ensino do curso de desenho: ser brasileiro, não contar com idade inferior a 18 anos e superior a 35 anos, ser portador de caderneta oficial de identidade e de carteira profissional ou de reservista e possuir duas fotos tiradas de frente e sem chapéu. Não há uma exigência com relação à formação acadêmica do candidato. Sobre os conhecimentos necessários o edital apenas indica: “prova gráfica, abrangendo todas as partes do programa de Desenho do estabelecimento e prova oral, ou seja, uma aula sobre assunto sorteado dentre o programa relativo à especialidade”¹³⁰.

Celso Suckow da Fonseca destaca que “o ponto mais fraco da organização escolar daquela época” era a “absoluta carência de profissionais competentes que pudessem ser aproveitados como mestres das oficinas escolares”¹³¹. De acordo com Alcides Vieira de Almeida, nos anos 40, “a falta de pessoal especializado foi [...] problema a ser enfrentado pela direção da Escola, contornado com a implantação de

129 Celso Suckow da Fonseca ressalta que entre as inovações introduzidas pelo decreto 13.064, de 12 de junho de 1918, está à nomeação dos diretores e professores das Escolas de Aprendizes e Artífices por meio de concurso público. FONSECA, Celso Suckow da. História do ensino industrial no Brasil. Vol 2. Rio de Janeiro: SENAI.1986, p.191-192.

130 Diário oficial do Estado de Santa Catarina, 21 de maio de 1941, página 7.

131 FONSECA, Celso Suckow da. História do ensino industrial no Brasil. Vol 2. Rio de Janeiro: SENAI.1986. p.194

um processo de admissão e aproveitamento de ex-alunos, como professores”¹³². Franklin era um deles. Como outros tantos professores da Escola Industrial de Florianópolis, foi também aluno.

No trecho inicial da Ata da prova do concurso, a seguinte afirmação:

“Aos três dias do mês de junho de mil novecentos e quarenta e um, às nove horas em uma das salas de aula da Escola de Aprendizes e Artífices de Santa Catarina, reuniu-se a comissão examinadora da prova de habilitação para admissão de extranumerário mensalista da Divisão de Ensino Industrial- Coadjuvante de Ensino, para ensinar no curso de desenho (...)”.

Nereu do Valle Pereira¹³³, aluno da Escola Industrial Florianópolis e do Franklin Cascaes no ano de 1942, declara que o professor começou na Escola de Aprendizes e Artífices “bem antes de 1941”. O nome do Liceu Industrial de Florianópolis¹³⁴, não aparece na fala do antigo aluno ou na ata do concurso. Ana Chrystina Venancio Mignot afirma que:

“Tentar decifrar os segredos contidos na mudança de nome de uma escola, envolve entender que um nome não existe sozinho. Faz parte de um contexto. Tem uma historicidade. A alteração do nome da escola servirá, portanto, de fio condutor através do qual se pretende apreender o sentido de um projeto educacional, em sua singularidade (...)”.¹³⁵

O “nome de batismo”¹³⁶, Escola de Aprendizes e Artífices, confere a escola uma identidade. Destinada “aos filhos dos desfavorecidos de fortuna”, com o objetivo de “fazê-los adquirir hábitos de trabalho profícuo”, para livrá-los do ócio, “escola do vício e do crime”, a Escola de Aprendizes e Artífices formava operários e contramestres, ou melhor, menores que pretendessem aprender um ofício em oficinas de trabalho manual ou mecânico. A mudança do nome para Liceu Industrial de Florianópolis se dá no momento em que as Escolas de Aprendizes e Artífices são desvinculadas do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio e passam para o controle do Ministério da Educação e Saúde Pública.

132 ALMEIDA, Alcides Vieira de. Dos Aprendizes Artífices ao CEFET/SC: Resenha Histórica. Florianópolis: Gráfica Agnus, 2002. p. 47.

133 PEREIRA, Nereu do Valle. Entrevista concedida a Denise Araujo Meira, outubro de 2008. Disponível no acervo do Laboratório de Imagem e Oralidade Franklin Cascaes.

134 A Escola de Aprendizes e Artífices em 1937 passou a se chamar Liceu Industrial de Florianópolis.

135 MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Decifrando o Recado do Nome :: uma Escola em Busca da sua Identidade Pedagógica. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 74, n. 178, p.619-638, 1993. Trimestral. Disponível em: <<http://www.emaberto.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/332/336>>. Acesso em: 14 dez. 2008.

136 Expressão utilizada pela autora para designar o primeiro nome da Escola.

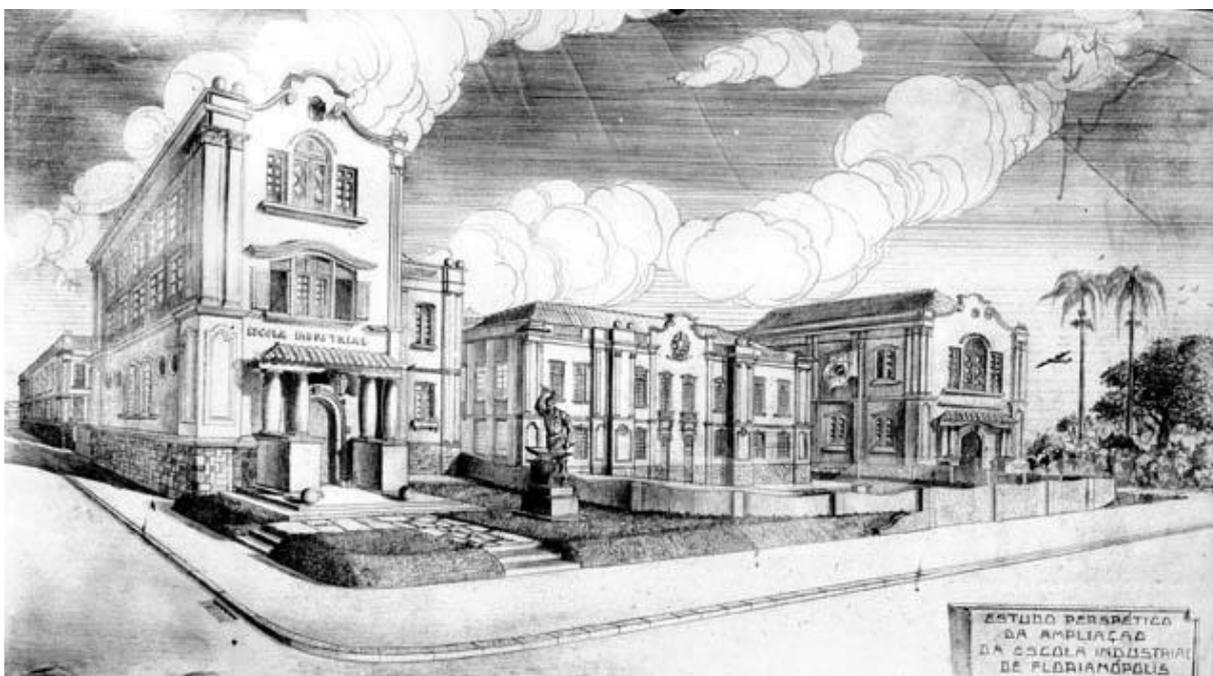


Figura 4- Estudo de Ampliação da Escola Industrial de Florianópolis.
Acervo Casa da Memória

A alteração do nome não foi resultado de um “desejo de mudança” por parte da comunidade escolar. Faz parte do projeto político do Estado Novo, que tinha como objetivo à construção do cidadão-trabalhador, pela disciplinarização para o trabalho. Projeto este decorrente do crescimento industrial, que em Santa Catarina, entre os anos de 1920 e 1940, “atingiu com mais eficácia as regiões de colonização alemã do Vale do Itajaí e litoral de São Francisco”¹³⁷. No “Estudo Perspético da Ampliação da Escola Industrial de Florianópolis” a cidade em que estava localizada a Escola é representada como uma cidade industrializada. Na coluna “Indústrias Catarinenses”, da Revista Arte & Indústria¹³⁸, na listagem referente à Florianópolis as seguintes “indústrias”: a Fábrica de Pontas Carlos Hoepcke S.A.; a Fábrica de Rendas e Bordados Hoepcke S.A.; a Indústria Manufatureira Scarpelli Ltda e;

137 CAMPOS, Cyntia Machado. Santa Catarina, 1930: da degenerescência à regeneração. Florianópolis: UFSC, 2008. p.53.

138 Na década de 40, a Escola prestava serviço a outras instituições, especialmente, na área de tipografia. As oficinas produziam os impressos utilizados pelos Correios e Telégrafos e por diversas Escolas, entre elas o Colégio Coração de Jesus e o Colégio Catarinense. Em 1946, com a colaboração de alunos e professores, publicou-se a revista “Arte & Indústria”. O CEFETSC possui um único exemplar, referente ao ano de 1947, doado pelo ex- aluno Nereu do Valle Pereira. ALMEIDA, Alcides Vieira de. Dos Aprendizes Artífices ao CEFET/SC: Resenha Histórica. Florianópolis: Gráfica Agnus, 2002, p. 47.

Reinisch S.A.. A não incorporação do novo nome, nem mesmo em documentos oficiais (Ata do concurso) nos fornece indícios que no cotidiano da Escola, no final da década de 30, em uma cidade não marcada pela industrialização, a Escola de Aprendizizes e Artífices era o nome que melhor definia a sua identidade.

Franklin Cascaes foi o único candidato do concurso de 1941. O relato do aluno Nereu do Valle Pereira e a ata do concurso, nos fornecem indícios, que uma rede de sociabilidades tornará possível o seu “ingresso oficial” na “Escola de Aprendizizes e Artífices”.

Franklin Cascaes começa a freqüentar o Curso Noturno de Desenho no ano de 1939. O Curso Noturno de Aperfeiçoamento foi criado em 12 de junho de 1918, pelo decreto número 13.064. João Cândido da Silva Muricy afirma que em 1919, “as aulas noturnas continuaram a ser procuradas por operários de vários ofícios, até mesmo pedreiros”¹³⁹. Destaca: “a matrícula nesse ano não foi muito elevada talvez pela distancia que nesse tempo a Escola tinha das regiões de mais acumulação de operários”¹⁴⁰. A matrícula naquele ano não foi muito elevada e a freqüência média dos alunos do Curso Noturno, naquele ano e nos anos que se seguiram, também não.

Maria Cristina Cintra, referenciando Thompson e Hobbsbawn, afirma que o termo “ofício” está vinculado ao trabalho manual, “ao ato de realizar operações artesanais, com extrema habilidade e destreza, com pleno domínio da técnica de produzir com as mãos, utilizando apenas ferramentas simples e específicas de cada ofício”¹⁴¹. Destaca “que havia uma nítida distinção entre os mestres, aqueles que vinham das fábricas ou oficinas e os professores, que vinham do ensino primário”¹⁴², mas que também eram feitas outras distinções. Destaca que os auxiliares dos mestres eram os contramestres e os auxiliares dos professores eram adjuntos. As oficinas, diferente das aulas que eram para o curso primário e de desenho, eram para o aprendizado prático dos ofícios. Ficavam sob a responsabilidade do mestre. Auxiliar do “mestre Macedo”, Franklin irá trabalhar na oficina de modelagem.

No curso Noturno de Aperfeiçoamento, Franklin Cascaes foi aluno dos professores Manoel Marim Portela e do professor Plínio de Freitas. Tais professores fizeram parte da banca do concurso de 1941, ou melhor, da maioria das bancas dos

139 MURICY, João Cândido da Silva. Escola de Aprendizizes Artífices de Catarina : 1919. Florianópolis: Typografia da Escola de Aprendizizes Artífices, 1920.

140 Idem.

141 CINTRA, Maria Cristina. O processo de aprendizado do ofício de alfaiate em Florianópolis (1913-1968). 2004. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ppge, Departamento de Educação, Ufsc, Florianópolis, 2004, p.44

142 Idem p.62

concursos realizados entre os anos de 1936 e 1941. Destaca-se que também fizeram parte da banca o Diretor Cid Rocha Amaral e o professor Mario Ghisi.

Nereu do Valle Pereira relata que o diretor Cid Rocha Amaral, que havia cursado Engenharia no Rio de Janeiro, casou-se e foi morar em Coqueiros. O colaborador destaca que o Diretor do Liceu Industrial de Florianópolis, conhecido como Escola de Aprendizes e Artífices, conheceu Cascaes na localidade de Coqueiros. Acrescenta: “Franklin fazia desenhos e molduras para a construção civil (...) fachadas, afrescos, aberturas de janela (...) e o Cid Rocha Amaral entendeu que poderia levar o Cascaes para preparar a mão de obra dos operários da modelagem”. Nereu do Valle Pereira reforça que o professor Cacaes, em 1941, não tinha diploma, mas que a Escola destinada aos “filhos dos trabalhadores”, buscava profissionais que tinham “habilidades” para trabalharem como instrutores nas oficinas.

O professor Manoel Marim Portela, iniciou sua carreira no Liceu Industrial em 1935. Nos arquivos do CEFETSC não há documentos referentes à sua trajetória como professor. Nereu do Valle Pereira foi aluno do professor Manoel Marim Portela por um período de apenas três ou quatro meses. Relata que o mesmo era Professor Titular de Desenho e trabalhava com desenho artístico e ornamental. Na sua narrativa algumas expressões são utilizadas para definir o professor: “homem de muito conhecimento”, “parece que ele era arquiteto”, “era formado”, “ele era durão” e “ele veio de “fora”. Se as lembranças com relação ao professor não são muitas, uma em especial indica uma possível identidade com o “professor durão”: ele gostava de esportes. Relembra: “jogava futebol de sapato”. Esse depoimento possibilita vislumbrar o quanto Florianópolis era carente de profissionais, ou melhor, de professores especializados para atuarem na Escola Industrial. Para o aluno Franklin Cascaes, o professor Manoel Marim Portela foi uma referência. Como já foi colocado anteriormente, “era paulista” e “costumava falar sobre a importância da tradição”. De acordo com Adalice Maria de Araujo, Franklin teve aulas particulares com o professor em 1939. O professor-referência participou do concurso público que possibilitará a Franklin trabalhar como “coadjuvante de ensino” na Escola Industrial de Florianópolis.

O professor Plínio de Freitas ingressa no Liceu industrial em 1936. Assim como o professor Manoel Marim Portela, participa da banca do concurso. Professor de Ciências físicas e naturais assumia com freqüência a cadeira de História das Artes decorativas, da indumentária masculina e das artes gráficas. Como muitos do

seu tempo, assumia diversas disciplinas. Afinal, como já foi dito anteriormente, não existiam professores qualificados para tal. Nereu do Valle Pereira quando rememora o período em que foi aluno da escola, identifica o professor Plínio de Freitas como professor de física. Nas suas lembranças o professor Plínio não aparece como professor de História das Artes Decorativas, da indumentária masculina ou de artes gráficas. Afirma que ele era professor de física da terceira e/ou quarta série. Afirma repetidamente: “Era física”. Destaca ainda que o professor morava no bairro de Campinas ou Estreito e que depois de formado manteve com ele uma amizade. Professor do laboratório de física, Plínio de Freitas compartilhava os seus conhecimentos com o antigo aluno, que “gostava de rádio e eletrônica”. Ao relatar que talvez o professor Plínio também fosse engenheiro, coloca em dúvida a sua naturalidade.

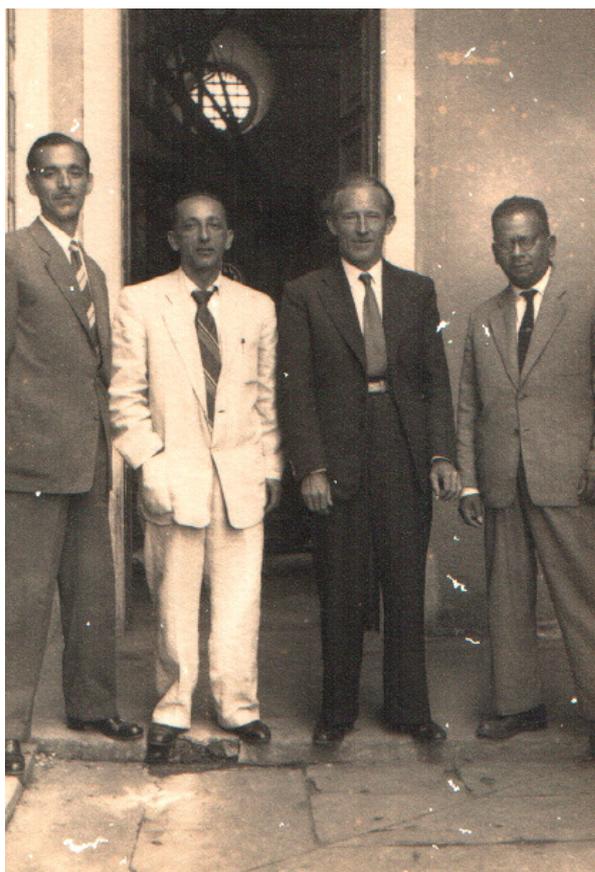


Figura 5- Professores do Liceu Industrial de Florianópolis. Década de 30. Professor Plínio de Freitas (último da esquerda para direita)

Fonte: Acervo do Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina.

Nas fotografias sobre o corpo docente predominam professores, evidenciando que os homens eram maioria na Escola¹⁴³. Plínio de Freitas, assim como a imensa maioria dos professores que se deixaram fotografar nos anos 30, 40 ou 50 aparece de terno, em um pequeno grupo, posando para o fotógrafo. António Nóvoa, questionando o papel que as imagens desempenharam na história da profissão docente afirma que a partir da segunda metade do século XIX, “o acesso ao professorado transforma-se numa aspiração das classes mais desfavorecidas e num eficaz meio de ascensão social”.¹⁴⁴ Completa: “Originários dos meios rurais, os professores sentem-se superiores aos seus conterrâneos, devido ao conhecimento e a cultura que possuem”, apesar das baixas remunerações. Parafraseando António Nóvoa, a imagem acima faria parte de um conjunto de imagens que “embalam os sonhos dos professores”. A imagem indica a ambigüidade do seu estatuto: trajados de terno e gravata, apesar da condição socioeconômica. Nereu do Valle Pereira relata que Franklin Cascaes atuou como ajudante do “Mestre Macedo” e depois completa: “Mas tarde evolui para professor de desenho”. Ser professor significava adquirir um novo estatuto. O concurso de 1941 dará a Franklin Cascaes esse novo estatuto: professor de desenho da Escola Industrial de Florianópolis.

No relato do aluno Nereu do Valle Pereira ou nos documentos administrativos da Escola é possível perceber que os professores Manoel Marim Portela e Plínio de Freitas, e o diretor Cid Rocha Amaral, que formavam a banca do concurso faziam parte das suas relações pessoais. A falta de professores especializados levava a admissão e o aproveitamento de ex alunos, entre eles Franklin Cascaes. Não chegou a concluir o curso. No entanto, as suas habilidades técnicas¹⁴⁵ e o fato de ter circulado no espaço da escola possibilitou o seu trabalho como contramestre na oficina de modelagem e a sua “ascensão” como professor, ou melhor, como professor de desenho.

Franklin assume como professor no mesmo momento em que o Curso Noturno de Desenho foi extinto. Não há registros que o curso tenha funcionado após 1942. A lei orgânica do ensino industrial de 1942, no seu artigo 9, estabelece as seguintes modalidades de cursos: Industriais (destinados ao ensino, de modo

143 Há um único registro fotográfico, no acervo do CEFETSC, de professora em sala de aula (1910), na primeira metade do século XX, na Escola Industrial de Florianópolis.

144 NÓVOA, António. As palavras das Imagens: Retratos de professores- (séc. XIX-XX). Atlântida: Revista de Cultura, 2001. p. 110.

145 A Ata da Prova do Concurso, de 03 de junho de 1941, indica que o programa da prova foi composto de uma parte gráfica, abrangendo todas as partes do programa de desenho da Escola e de uma prova oral, constante de um assunto sorteado relativo à especialidade. O candidato Franklin Cascaes, foi considerado habilitado, com a seguinte média: 93 1/3.

completo, de um ofício cujo exercício requeira a mais longa formação profissional); Mestria (destinado aos diplomados em curso industrial a formação profissional necessária ao exercício da função de mestre); Artesanais (destinados ao ensino de um ofício em período de duração reduzida.); Aprendizagem.(destinados a ensinar, metodicamente aos aprendizes dos estabelecimentos industriais, em período variável, e sob regime de horário reduzido, o seu ofício). A Escola Industrial de Florianópolis irá oferecer apenas o Curso Industrial Básico e Curso de Mestria. O curso de Mestria irá funcionar até o início da década de 50, tentando resolver um antigo problema da Escola: professores qualificados. Os cursos industriais irão funcionar até a década de 60.

Em 6 de fevereiro de 1969, Franklin Cascaes encaminha ao então Diretor da Escola Técnica Federal de Santa Catarina, Frederico Guilherme Büendgens, o seguinte requerimento :

Franklin Joaquim Cascaes, natural deste Estado, casado, residente nesta cidade de Florianópolis, na Rua Júlio Moura número 31, vem mui respeitosamente pedir à V.S. se digne conceder-lhe o certificado do Curso Noturno deste Estabelecimento de Ensino frequentado pelo requerente os quatro anos exigido por lei, que foi de 1938 a 1941. Foram professores do Curso, Plínio de Freitas, Manoel Marin Portela, Luiz Marques, Mário Guizzi, Clotilde Coelho. O certificado do Curso de Férias da CIBAI feito em julho de 1948 na Escola Técnica Nacional do Rio de Janeiro, e também o histórico completo da sua vida funcional deste Estabelecimento de Ensino de 1941 a 1969.

O documento refere-se a dois momentos da sua formação: como aluno do Curso Noturno de desenho do Liceu Industrial de Florianópolis e do Curso de Férias na Escola Técnica Nacional do Rio de Janeiro.

2.2. - O curso de Férias da Escola Técnica Nacional do Rio de Janeiro.

A revista Arte & Indústria, de 1948, traz na sua primeira página o relato do Diretor da Escola Industrial de Florianópolis, Cid Rocha Amaral, sobre a sua visita ao Colégio de Artes Aplicadas da Universidade da Califórnia. Destaca: “É notável o ver-se meninos e meninas tomarem parte ativa e principal na vida do país, procedendo, como todos os demais, de acordo com as normas que fazem a grandeza americana: honestidade, responsabilidade e cooperação”. Cooperação era a palavra de ordem.



Figura 6-Revista Arte & Indústria, periódico da Escola Industrial de Florianópolis, de 15 de novembro de 1948.

Acervo do Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina.

Na obra História do Industrial, Celso S. Fonseca, ressalta a importância da I Conferência de Ministros e Diretores de Educação das repúblicas americanas ocorrida na cidade de Havana, de 25 de setembro a 4 de outubro de 1943. O Brasil se fez representar pelo seu Ministro da Educação Gustavo Capanema; pelo Diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, professor Lourenço Filho, e “dos entendimentos havidos resultou um acordo para a realização de um programa de cooperação educacional, visando a maior aproximação entre os dois países, mediante intercâmbio de educadores, idéias e métodos pedagógicos”¹⁴⁶. Assinado a 3 de janeiro de 1946, pelo Ministro da Educação do Brasil, Raul Leitão da Cunha Brasil, e pelo Sr. Kenneth Holland, Presidente da Inter- American Educational Foundation, Inc., em nome dos Estados Unidos, o acordo previa na sua cláusula IV, “uma comissão especial, denominada Comissão Brasileira - americana de educação Industrial, que seria conhecida simplesmente pelas iniciais CBAI, e, que atuaria como órgão executivo na aplicação do programa de cooperação educacional”¹⁴⁷.

Entre as atividades propostas pela CBAI, estava a visita dos diretores das Escolas Industriais ao Pennsylvania State College. De acordo com Celso S. Fonseca, o primeiro grupo, composto de 10 diretores, saiu do Brasil em 2 de setembro de 1947 e um segundo grupo, entre eles o Diretor da Escola Industrial de Florianópolis, Cid Rocha Amaral, em 29 de fevereiro de 1948. Celso Fonseca destaca que:

“Na Pennsylvania State College desenvolveu-se o curso, constando do respectivo currículo, análise do trabalho, organização e planejamento de cursos, metodologia de ensino, organização e direção de oficinas, objetivos e organização do ensino industrial, administração do ensino industrial, supervisão do ensino industrial e métodos de inquérito, sendo os professores personalidades de destaque do ensino industrial americano.”¹⁴⁸

O diretor Cid Rocha Amaral, ao passar o cargo em fevereiro de 1948, para viajar para os EUA, se deixa fotografar. O texto publicado na revista e a foto indicam a importância do acontecimento: a Escola precisava ser remodelada. O modelo: o ensino industrial norte-americano.

146 FONSECA, Celso Suckow da. História do Ensino Industrial no Brasil. Rio de Janeiro: SENAI, 1986. 2 v. p. 99

147 Idem p.100.

148 Idem Ibidem.

antecede a sua ida para os Estados Unidos da América. Parafraseando Le Goff, como documento/ monumento a fotografia revela a imagem que o passado quer perenizar no futuro. Talvez fosse essa a imagem a ser compartilhada com o futuro: o professor, sentado a direita do diretor, seria o representante da Escola no curso promovido pelo CBAI, no mês de julho de 1948.

No “Relatório de um Estudo sobre a Efetividade dos cursos de Férias para Aperfeiçoamento de professores do Ensino Industrial”, produzido pelo Ministério da Educação e Cultura, pelo Institute of Inter-American Affairs of the International Cooperation Administration e pela Comissão Brasileiro- Americana de Educação Industrial (CBAI), o curso de 1956 foi comparado aos cursos dos anos anteriores. No texto do documento uma indicação do instrumento de avaliação utilizado: “a técnica de fazer os interessados expressarem suas opiniões por escrito (Opinion Poll) como instrumento dessa medida”. Os nomes dos professores- alunos, expressão utilizada ao longo do relatório para identificar os professores das Escolas de Ensino Industrial que freqüentaram o curso, eram solicitados aos diretores que deveriam designar um ou “dois professores de cada um dos seguintes ofícios: marcenaria, serralheria, mecânica de máquinas, fundição, artes gráficas e eletricidade” ¹⁵⁰. No ano de 1956, diferente dos anos anteriores, foi estabelecido um sistema de rodízio, e todos os alunos-professores freqüentaram as oficinas referentes às diferentes áreas. Há indícios de que nos anos anteriores o mesmo não acontecia, ou seja, o professor Franklin Cascaes freqüentou apenas a oficina de artes gráficas. O relatório de 1956 aponta para uma necessidade:

Devem ser proferidas palestras e conferências, nas quais elementos proeminentes da indústria e funcionários do governo falem aos professores-alunos sobre assuntos tais como a necessidade de industrialização, de maior habilidade dos operários brasileiros e outros assuntos que concorrem para levantar a moral. ¹⁵¹

No parágrafo seguinte, o relatório aponta para uma necessidade: “pôr fim à diferença existente entre os salários dos professores de oficina e outros de cultura geral”. “Levantar a moral”, a diferença de salários entre os mestres de oficina e os professores, indica que não apenas questões “didático-pedagógicas” eram tratadas

¹⁵⁰ BRASIL. Edward Berman. Ministério da Educação e Cultura - The Institute Of Inter-american Affairs Of The International Cooperation Administration (Org.). Treinamento de Professores de Ensino Industrial no Brasil.: Relatório de um Estudo sobre a Efetividade dos Cursos de Férias para Aperfeiçoamento de Professores do Ensino Industrial.. Rio de Janeiro, 1956, p.12.

¹⁵¹ Idem

no referido curso. A existência de um instrumento de avaliação, utilizando a técnica do “Opinion Poll” permitiu nos encontros realizados na Escola Técnica Nacional do Rio de Janeiro, que os professores e mestres de ofício das diversas Escolas Industriais, expressassem questões presentes no cotidiano das escolas. As diferenças entre mestres de oficinas e professores era uma delas. A expressão utilizada pelo aluno Nereu do Valle Pereira, fazendo referência à condição de Franklin Cascaes, de ajudante do mestre “Macedo” na oficina de modelagem, confirma as diferenças: Franklin “evoluiu” para Professor de desenho.

Quando em fevereiro de 1969, Franklin solicita para fins de aposentadoria, o certificado do Curso, o diretor lhe responde que não havia registros da sua passagem como aluno no Curso de Férias da Escola Técnica Nacional do Rio de Janeiro. Assim como nos arquivos da Escola também não existiam registros da sua condição de aluno do Curso Noturno de Desenho. No entanto, nos seus relatos e no relato do ex-aluno Nereu Do Valle Pereira, a condição de aluno é sempre colocada em evidência.

2.3.- A participação nas comemorações cívicas e religiosas.

Na revista “Arte & Indústria”, periódico da Escola Industrial de Florianópolis, de 15 de novembro de 1947, os tipos de trabalho mais freqüentes são artigos, homenagens e informes. Elaborados por professores e alunos, uma parte dos artigos estão relacionados à questão do civismo. Nos artigos referentes às “Artes” o nome do Professor Franklin não se faz presente, contudo nas Comissões dos Concursos realizados na “Industrial” o seu nome aparece com regularidade.

A propaganda cívica dava-se por meio da celebração de datas comemorativas, como o 7 de setembro – “data magna da pátria brasileira”¹⁵²- e o 15 de novembro e, pelo culto as grandes homens, especialmente na sessão intitulada “Nas Artes e nas Indústrias”. São exemplos: “Vitor Meireles” e, “Marconi”. Vitor Meireles, homenageado no artigo redigido pelo aluno Valmir Muller, da 4ª série e desenhado por Martinho de Haro, é referido como não apenas como um grande artista, mas como um “homem infinitamente humanitário, um cultor das belas virtudes, das coisas espirituais”. Marconi, no artigo também redigido por um aluno da 4ª série, Armênio Wendhausen, aparece como um dos grandes inventores da história e a sua invenção como a “história de uma inexecedível realização mental e de coragem moral”. Conclui: “Oxalá que a vida de Guilherme Marconi sirva de padrão e incentivo à mocidade estudiosa do nosso século”. Evocados como merecedores de admiração, os homenageados, representantes da arte e da indústria, são considerados exemplos a serem seguidos por todo o alunado. Rosa Fátima de Souza afirma que “durante o século XX, a escola pública foi palco e cenário de inúmeros rituais, práticas simbólicas engendradas pela organização espaço-temporal e pedagógica do sistema escolar”.¹⁵³ Entre esses ritos de manifestação do imaginário sociopolítico podemos destacar as comemorações cívicas.

O modelo de homem, ou melhor, o modelo de brasileiro a ser seguido, aparece no informe sobre o “Concurso do melhor cartaz para Biblioteca”. O vencedor, segundo a votação dos alunos, faz referência a um outro *brasileiro ilustre*: Rui Barbosa. Franklin Cascaes faz parte da comissão organizadora do concurso do melhor cartaz para a biblioteca. O “Concurso do Melhor Cartaz para Biblioteca”

152 Expressão utilizada pelo aluno Valmir Muller, autor do artigo sobre Vitor Meireles. Revista Arte & Indústria, 15 de novembro de 1947,p.9.

153 SOUZA, Rosa Fátima de. Rituais Escolares: liturgia cívica e glorificação da memória: aproximações históricas. In: PORTO, Maria do Rosário Silveira et al. Tessituras do Imaginário: cultura & educação. Cuiabá: Edunic/cice/feusp, 2000. p. 173

indica que nem sempre os trabalhos eram avaliados pela comissão. Neste caso, em especial, os alunos foram responsáveis pela escolha.

No acervo do Museu Universitário Osvaldo Rodrigues Cabral, o número significativo de trabalhos dos alunos sobre Santos Dumont evidencia que a “os grandes homens”, considerados importantes para a Pátria, são homenageados com frequência nos concursos realizados na Escola. No concurso intitulado “A Semana da Asa”, mesmo no desenho em que o aluno desenha apenas um avião, não deixa de esclarecer: “uma homenagem à Santos Dumont” (figura 11). Os trabalhos biográficos de vultos nacionais e internacionais faziam parte das atividades didáticas escolares e era uma maneira de educar pela exemplaridade. Nos trabalhos sobre “A Semana da Asa”, três assinaturas indicam que os mesmos foram avaliados por uma comissão. Franklin está sempre presente.



Figura 8 - Desenho apresentado no concurso “Semana da Asa”. Data não informada. Acervo do Museu Universitário Osvaldo Rodrigues Cabral – UFSC

O Sete de setembro, o Quinze de novembro e o culto aos “grandes homens”, contribuíram “para consolidar uma escolarização de práticas relacionadas à cultura

cívica”.¹⁵⁴ Maria Teresa Santos Cunha, citando Vago (2002, p.125) afirma que cultura cívica é entendida como um conjunto de “maneiras de inscrever nos corpos (e mentes) o sentimento de pertencimento a uma nação, a transfiguração da Pátria em corpo”. As práticas de cunho cívico, no século XX, transformaram a escola em “guardiã prestimosa dos valores morais e cívicos da sociedade brasileira e da ideologia patriótica”¹⁵⁵.

Na portaria de número 24 de 11 de maio de 1964, o diretor substituto Arlindo Guimarães designa o professor Franklin para organizar os tradicionais trabalhos de Páscoa. O “tradicional trabalho de Páscoa” era uma exposição dos desenhos realizados pelos alunos sobre o referido tema. A Exposição Pascal dos alunos da Escola Industrial de Florianópolis era conhecida como a “Páscoa dos Estudantes”. Se o tema era a Páscoa os desenhos assumem motivos diversos: desenho de Cristo, representado como um homem de cabelos cumpridos; dois anjos segurando uma hóstia sagrada; a imagem de um cordeiro; um menino lendo (talvez a Bíblia) entre outros. Entre os desenhos, um chama a atenção pelo colorido. O aluno Enio Miguel, relembra que o lápis de cor, era um material raro. Destaca que o próprio Franklin “aproveitava até o último pedaço (...) acabava a madeira e ele pintava só com o grafite. Para não deixar nada desperdiçado”. A presença de desenhos coloridos com lápis de cor merece ser destacada por ser em número reduzidíssimo, em uma Escola marcada pela presença de alunos oriundos de famílias com pouco poder aquisitivo.

154 MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio et al.(org.). Práticas de Memória Docente. São Paulo: Cortez, 2003. (Cultura, Memória e Currículo), p.52.

155 SOUZA, Rosa Fátima de. Rituais Escolares: liturgia cívica e glorificação da memória: aproximações históricas. In: PORTO, Maria do Rosário Silveira et al. Tessituras do Imaginário: cultura & educação. Cuiabá: Edunic/cice/feusp, 2000. p. 173.



Figura 9 - Desenho referente à exposição conhecida como “Páscoa dos alunos”.

Material: lápis de cor. Acervo do Museu Universitário Osvaldo Rodrigues Cabral – UFSC

Na obra *O Romance*, Dílson Ribeiro, aluno do professor, relata:

Tudo começou com o aplicado ensino do mestre Franklin Cascaes: professor da Escola Industrial de Florianópolis, hoje Escola Técnica Federal de Santa Catarina. Honra-me dizer que, em 1958, final dos “anos dourados”, recebi das mãos dele, o primeiro lugar numa exposição de desenho por ocasião da Páscoa dos estudantes.¹⁵⁶

O concurso de desenho realizado por ocasião da Páscoa dos estudantes, não parece ser a única forma de comemoração desta data na instituição. A foto tirada na frente da Catedral Metropolitana de Florianópolis indica a participação dos alunos da Escola e do Professor Franklin Cascaes nas comemorações da Semana Santa em Florianópolis do ano de 1952. O Jornal “O Estado”, no dia 13 de abril noticiava:

156 RIBEIRO, Dílson. *O Romance*. Florianópolis: Insular, 2006, p.282.

Às 15 horas no adro da capital metropolitana, a população da capital, sob intensa comoção, assistiu a chegada da cruz DAQUELE que veio ao mundo redimir a humanidade, DAQUELE que, no sacrifício do calvário foi o exemplo da bondade divina, tornando-se o Salvador. Aquele que, nos quadros bíblicos reconstituídos ali, após 1952 anos passados, frentes a catedral metropolitana, o povo de Florianópolis compareceu para mais uma manifestação pública do seu amor àquele que se tornou homem para com o Sacrifício da Cruz ser o REDENTOR da Humanidade.¹⁵⁷

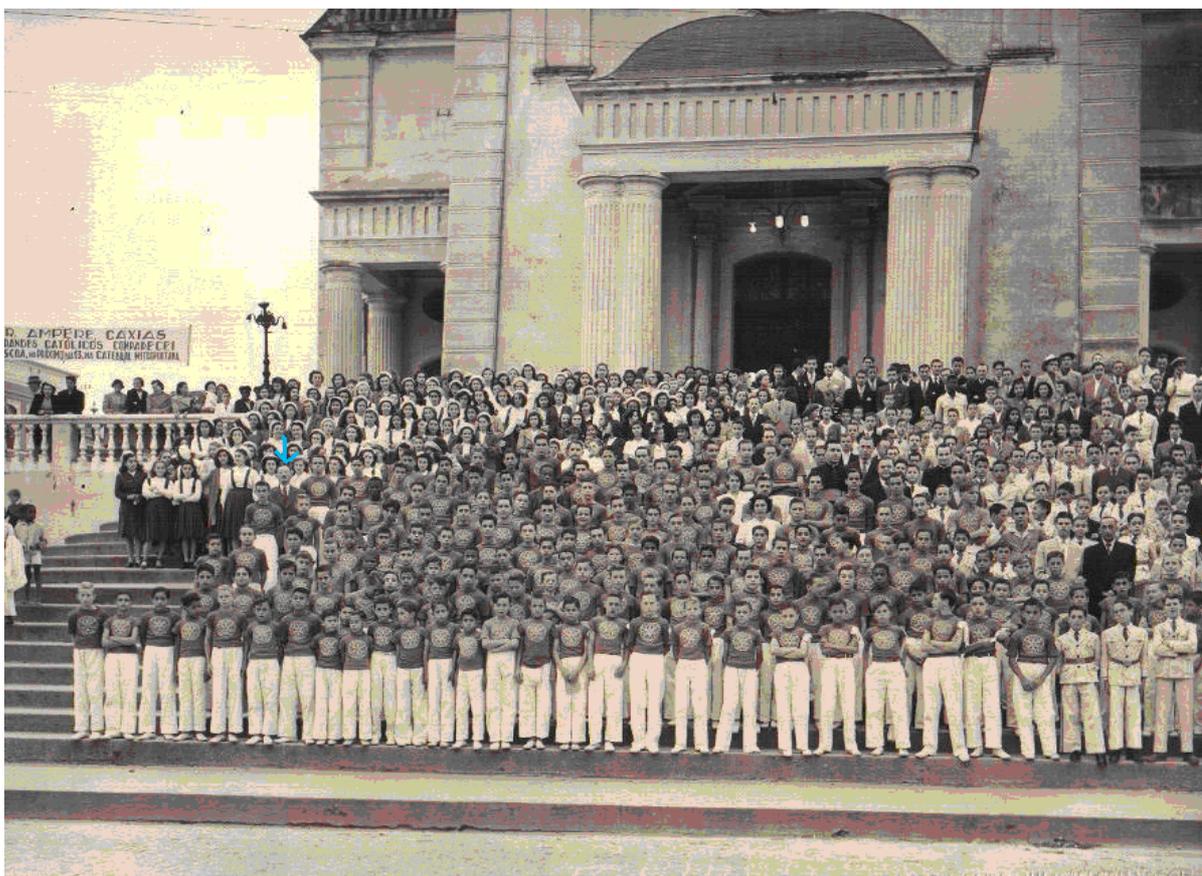


Figura 10-Páscoa de 1952.

Acervo de Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina.

Se toda fotografia é documento e todo documento é monumento, como diria Le Goff, a fotografia em questão parece resultar de um esforço em legar ao futuro uma imagem. Na fotografia de 1952, Franklin Cascaes aparece acompanhando os alunos da “Industrial”. Os “desprovidos de fortuna” dos anos 50 nas fotografias tiradas no cotidiano da Escola Industrial aparecem sem uniformes e de pés

157 Jornal O Estado/ Florianópolis 13 de abril de 1952, p.12

descalços.¹⁵⁸ O que se vê na foto, na frente da Catedral Metropolitana, são alunos trajando uniformes e calçando sapatos. Maria Cristina Cintra afirma que os alunos do curso de alfaiataria confeccionavam os uniformes, que eram utilizados apenas em ocasiões especiais.¹⁵⁹ A condição social dos alunos era ocultada, nos espaços públicos, com o uso do uniforme.

Na trajetória do professor Franklin, a Páscoa assume um significado especial. Em uma quinta feira Santa, do começo da década de 30, foi “descoberto” pelo diretor da Escola de Aprendizes e Artífices de Santa Catarina, o Engenheiro Cid Rocha Amaral; ele é o responsável pelos trabalhos de Páscoa da Escola Industrial e; ele também é conhecido, pelos moradores mais antigos da cidade de Florianópolis, como o Franklin dos presépios. No começo dos anos 70, Franklin montava presépios na Praça XV de Novembro, em Florianópolis, utilizando elementos típicos da vegetação da ilha, como barba de velho, piteira e catuto.

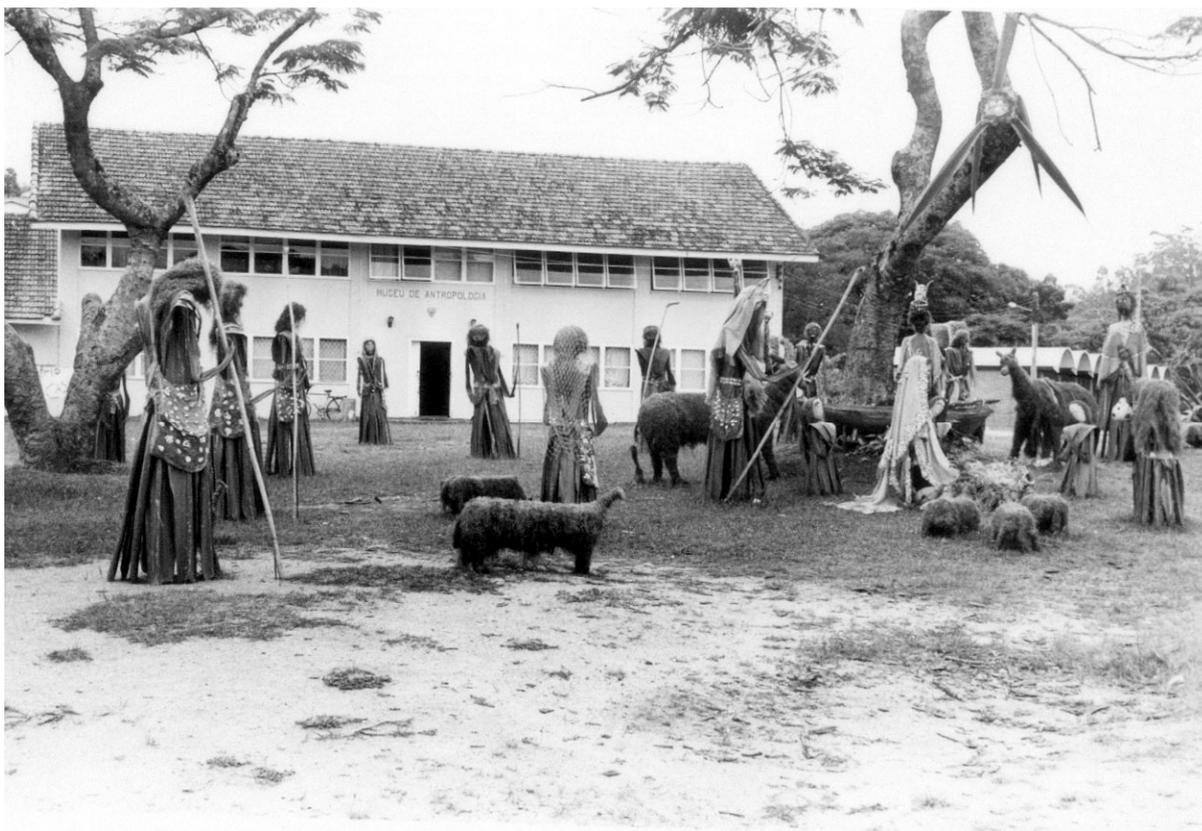


Figura 11 - Presépio montado na frente do Museu Universitário Osvaldo Rodrigues Cabral – UFSC Acervo da Casa da Memória. Década de 70.

¹⁵⁸ Há poucos registros fotográficos de alunos, no acervo do CEFETSC, na primeira metade do século XX. Na sua maioria, quando o cenário é a Escola, apresentam-se de pés descalços.

¹⁵⁹ CINTRA, Maria Cristina. O processo de aprendizado do ofício de alfaiate em Florianópolis (1913-1968). 2004. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de PPGE, Departamento de Educação, UFSC, Florianópolis, 2004, p.100

2.4.-Sobre a aposentadoria.

No dia 8 de dezembro de 1970, no verso da obra intitulada *Quadro da Saudade* n.31, Franklin registra:

Apresento uma zorra, carro rústico para se puxar grandes postes de madeira dos morros. É apresentado vazio e seu guia com a agulhada atravessada sobre os ombros passando na frente de um dos morros da Ilha de Santa Catarina castigados ininterruptamente pelo fogo ateadado por pessoas irresponsáveis (..)

Da saudade porque no momento em que estava trabalhando, a Neusa Maria Peluso, secretária do diretor da ETFSC chegou a minha residência para trazer-me a notícia da minha aposentadoria. Aposentadoria palavra horrível e desprezível, vazia sem sentido algum. Eram 20,12 horas do dia 8 de dezembro de 1970. O número 31 é uma homenagem a casa onde resido a dezenove anos, pertencente ao Dr. Osvaldo Rodrigues Cabral...(Franklin Cascaes, In: verso do desenho *Quadro da Saudade* n.31, 1970).¹⁶⁰

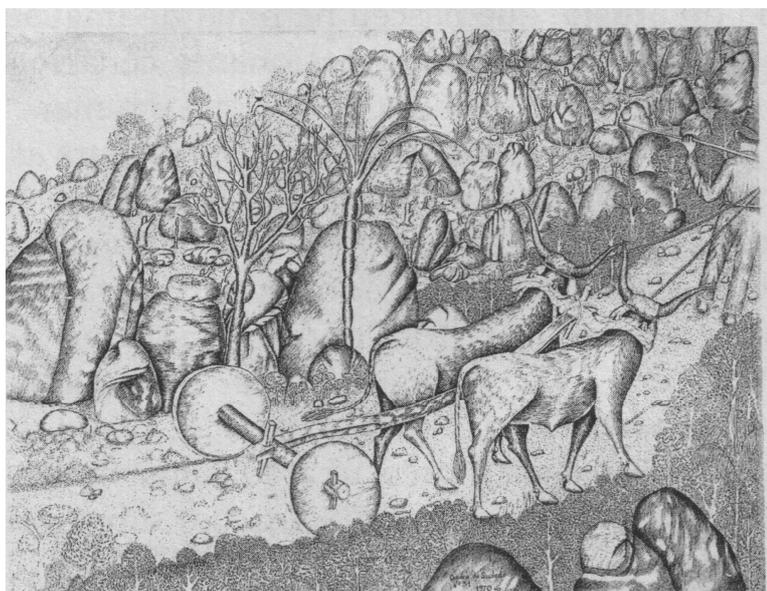


Figura 12 - Quadro da Saudade n.31, 1970(49,9X 66 cm)

Aqui, pela primeira vez, temos Franklin Cascaes referindo-se a sua aposentadoria. A aposentadoria aparece como um lugar situado fora do tempo, como diria Michel Foucault num lugar heterotópico.¹⁶¹. Aparece como um acontecimento – chave, encerrando um ciclo da vida que se iniciou não com a sua contratação como professor da Escola Industrial de Florianópolis, mas com o

¹⁶⁰ Idem, p.61.

¹⁶¹ Michel Foucault considera que as heterotopias de crise desapareceram e foram substituídas por heterotopias de desvio, “afinal a velhice é uma crise, mas igualmente um desvio, pois em nossa sociedade em que o lazer é regra, a ociosidade constitui um desvio”.

encontro, numa quinta-feira santa, na praia de Itaguaçu, com o Dr. Cid Rocha Amaral. A narrativa não deixa dúvidas: o acontecido assume um tom dramático na vida do professor: O fragmento carrega o peso da realidade imediata, ainda viva.

Nos relatos dos alunos multiplicam-se as narrativas sobre o tema. Oswaldino Hoffmann relaciona a aposentadoria de Franklin Cascaes aos conflitos existentes entre o professor e o então diretor Frederico Guilherme Büendgens. Lembra:

Ele escrevia bilhetes pro diretor naquela linguagem que ele usava: “-sinhô diretor, e pra ‘mode’ de quê o Sinhô manda limpa os corredores?” (...) Ele mandava tudo em bilhetes em papel de embrulho para o diretor. Ele tinha assim um ódio mortal de alguns elementos da administração. (...) Tanto que quando esgotou o tempo dele de aposentadoria, de um dia para o outro ele estava aposentado. Foi a grande paixão dele, porque fizeram questão de aposentá-lo. Foi a aposentadoria mais rápida que já aconteceu até hoje na Escola. Um processo que demorava às vezes até meses... (...) Uma grande maldade. Ele vai ter um desgosto muito grande pela Escola. Nunca mais vai falar da Escola Industrial que ele tanto amava e tanto gostava.¹⁶²

Frederico Guilherme Büendgens foi eleito pelo “Conselho de Representantes”¹⁶³ em agosto de 1964. Além do presidente, Aldo Severiano de Oliveira, participaram da reunião Paulo Blasi, que “recém empossado” justificou a abstenção pelo pouco conhecimento que tinha dos “problemas da Escola” Henry Schmalz, Victor da Luz Fontes e Waldir Losso que aceitaram o nome indicado, e Nilo Jacques Dias que absteve-se de votar, “ressaltando porém conhecer os predicados do indicado, e sabê-lo pessoa de bem.”¹⁶⁴. Em outras palavras, com três votos favoráveis e dois contras o Professor Contratado de Ciências Físicas e Biológicas, pouco conhecido pela comunidade escolar foi eleito para o cargo de Diretor-Executivo da Escola por um período de três anos. Frederico Guilherme Büendgens ficou 22 anos na Direção da Escola. Diferente dos primeiros anos em que atua como professor, e que mantém para com o então Diretor Cid Rocha Amaral uma relação de amizade, nos anos finais da sua carreira o professor Franklin mantém com o

¹⁶² Entrevista concedida as alunas Aline Amorim, Carolina Fávero e Jessica Gomes. Florianópolis, outubro de 2008. Disponível no acervo do Laboratório de Imagem e Oralidade Franklin Cascaes.

¹⁶³ A autonomia administrativo-pedagógica foi “concedida” às escolas pelo Decreto nº 3.552, de 1959. O conselho de representantes composto por representantes de vários segmentos da sociedade tinha o importante papel de eleger o diretor da Escola. Também era responsabilidade desse conselho avaliar a viabilidade da criação de cursos profissionalizantes e auxiliar na fiscalização dos recursos. ALMEIDA, Alcides Vieira de. Dos Aprendizes Artífices ao CEFET/SC: Resenha Histórica. Florianópolis: Gráfica Agnus, 2002, p.53.

¹⁶⁴ ALMEIDA, Alcides Vieira de. Dos Aprendizes Artífices ao CEFET/SC: Resenha Histórica. Florianópolis: Gráfica Agnus, 2002, p.71 e 72.

Diretor da Escola Frederico Guilherme Büendgens uma relação bastante conflituosa, expressa muitas vezes nos bilhetes enviados em “papel de embrulho”. E é por essa relação de conflito, que Oswaldino Hoffmann procura justificar o mais “rápido processo de aposentadoria” da história da escola.

A década de 60 foi marcada por mudanças significativas na estrutura e no cotidiano da Escola. Em 1965, a Escola industrial de Florianópolis recebeu a denominação de Escola Industrial Federal de Santa Catarina. A reforma de ensino implantada, a partir do golpe militar de 1964, integra o ensino às necessidades econômicas e às exigências do mercado do trabalho. Alcides Vieira de Almeida afirma:

O quadro de professores estava mais ampliado e bem mais qualificado, com a chegada dos professores de Cultura Geral, licenciados pela Faculdade de Filosofia de Florianópolis, e, também, dos primeiros professores de Cultura Técnica, com curso superior concluído ou em fase de conclusão.¹⁶⁵

De acordo com Maria Cristina Cintra, “há uma progressiva eliminação dos cursos industriais e uma maior valorização dos cursos técnicos industriais”.¹⁶⁶ Os cursos técnicos industriais correspondiam ao segundo ciclo do ensino médio. Na nova escola dos anos 60, os professores do Ensino Industrial Básico, muitos sem “diploma de professor”, pois no momento da sua contratação não havia essa exigência, não são legalmente reconhecidos como professor Franklin era um deles. Oswaldino Hoffmann afirma que se formou em 1967 e que no ano seguinte assumiu como professor da Escola, com uma carga horária de 20 horas. Destaca: “eu peguei 20 horas dele, porque ele passou a ter só 20 horas”. Franklin Cascaes, apesar de ser um “professor dedicado”, cumprindo uma carga horária semanal de 40 horas, aposentou-se com 20 horas. A partir de 1968, as faltas registradas na sua ficha funcional são justificadas por diversos atestados médicos que indicam que o Professor estava com depressão.

¹⁶⁵ Idem, p.84.

¹⁶⁶ CINTRA, Maria Cristina. O processo de aprendizado do ofício de alfaiate em Florianópolis (1913-1968). 2004. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de PPGE, Departamento de Educação, UFSC, Florianópolis, 2004, p115.

2.5.- Depois da aposentadoria

Na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no momento posterior a sua aposentadoria, Franklin Cascaes irá conviver com o antigo aluno da Escola Industrial de Florianópolis, o professor Nereu do Valle Pereira ¹⁶⁷. No seu arquivo pessoal, o professor Nereu guarda cartas, fotografias, documentos que registram e permitem informar aspectos até então ignorados sobre o antigo professor e suas relações sociais.

Giselle Martins Venâncio¹⁶⁸ destaca que arquivos privados de homens públicos normalmente apresentam problemas de classificação. Nem todos os documentos são de caráter privado. O mesmo ocorre com o conjunto documental aqui analisado: são correspondências relacionadas à função de homem público, que o Professor Nereu do Valle Pereira exerceu na UFSC, endereçadas “ao amigo Franklin”. Aqui o limite entre o público e o privado é bastante tênue. Luciana Quillet Heymann destaca que em arquivos pessoais, são guardadas as cartas recebidas pelos titular e raramente as por ele enviadas. A autora conclui:

A exceção fica por conta de arquivos de homens públicos, para os quais pode ser importante guardar os registros de sua atividade epistolar, já que geralmente a correspondência particular de um político guarda estreita relação com suas atividades no domínio público, podendo servir-lhe também pelo seu valor probatório.¹⁶⁹

Como homem público, o professor Nereu do Valle Pereira retém e acumula documentos. Escolhe o que preservar. Na seleção dos documentos a serem guardados e no seu relato oral não há apenas um desejo de comprovar a sua participação no processo que dará origem a guarda da obra do professor e artista

¹⁶⁷ NEREU DO VALE PEREIRA nasceu no dia 13 de setembro de 1926, na cidade de Florianópolis, SC. Professor de Sociologia, Técnico Senior em projetos econômicos e estudos de impactos ambientais, economista, Vereador, Deputado Estadual, folclorista, vice-presidente da Comissão Catarinense de Folclore, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Nereu do Vale Pereira tem vários trabalhos publicados na área de Folclore: Ribeirão da Ilha – Vida e relatos – Os engenhos de farinha de mandioca da Ilha de Santa Catarina, Origem e raízes do Boi-de-mamão catarinense, Ritos de Passagem (1975), Folclore ergológico (1979), O sentimental e o folclórico Pão por Deus (1980), Do fato folclórico ao fato turístico (1981), As festas do Divino Espírito Santo- origens (1985), Sobre a pombinha açoriana (1988), A arte da baleeira (1991), Mandioca e tradição (1992), A simbólica do Espírito Santo (1997), A flor símbolo de Santa Catarina e outros, havendo participado de inúmeros congressos, seminários, grupos de pesquisa e festivais. MAIOR, Mario Souto. Dicionário de Folcloristas Brasileiros.

Disponível em: <<http://www.soutomaior.eti.br/mario/paginas/dicfno.htm>>. Acesso em: 17 dez. 2008

¹⁶⁸ VENANCIO, Giselle Martins. Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/308.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2008.

¹⁶⁹ HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, Memória e Resíduo Histórico: Uma Reflexão sobre Arquivos Pessoais e o caso Filinto Müller. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/209.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2008.

pelo Museu Universitário da UFSC. Como diria Maria Helena Werneck, como não é mais possível “compartilhar a vida do gênio, instala-se (...) uma espécie de dívida”¹⁷⁰ que o antigo aluno precisa saldar.

Angela de Castro Gomes, referenciando Michel Trebitsch, destaca a existência de duas grandes categorias de correspondência que ajudam a pensar essa prática. Uma primeira, como instrumento de construção de redes, que possibilita traçar, “através dela, um conjunto de relações que evidenciam um grupo organizado”. E um segundo tipo de correspondência, “a de amizade intelectual, que permitiria uma aproximação com os circuitos informais de sociabilidade e que evocaria sentimentos, além de trocas de favores e idéias”¹⁷¹ A correspondência de Nereu do Valle Pereira e Franklin Cascaes é um exemplo do segundo tipo, ficando evidente as relações desenvolvidas entre um intelectual que ocupa um determinado “lugar social”, responsável pelo Departamento de Sociologia do Centro de Estudos Básicos da UFSC, e o antigo professor da Escola Industrial de Florianópolis, que está sendo ajudado na tentativa de arranjar um espaço para “guardar” a sua obra.

Uma carta trocada entre Nereu do Valle Pereira e Franklin Cascaes, como diria Giselle Martins Venâncio¹⁷², indica o quanto uma correspondência de um indivíduo pode ser, espaço definidor e definido pela sua sociabilidade. Datada de 19 de outubro de 1978, na carta fica evidente o espaço onde essa relação pessoal começa a ser construída.

Ao artista e cientista a opinião de amigos sempre pareceu-me muito valiosa, razão porque não posso deixar de oferecê-la em reconhecimento a nossa velha amizade e admiração, especialmente de quem foi, como eu, seu aluno nos idos de 1942/1943 na então “valerosa” Escola Industrial de Florianópolis.

A carta endereçada ao “amigo Franklin” é uma resposta a um pedido do antigo professor da Escola Industrial de Florianópolis: opinar sobre um ofício recebido em 04/10/ 1978. Assinado por Antônio da Nóbrega Fortes, chefe do Grupo de Trabalho para implantação da Casa dos Açores e Museu de Etnografia de São José, o teor do ofício é nas entrelinhas anunciado. Trata-se de uma tentativa de

170 WERNECK, Maria Helena. O homem Encadernado: Machado de Assis na escrita das biografias. RJ: EdUERJ, 1996, p.44.

171 GOMES, Angela de Castro (Org.). Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre. In: GOMES, Angela de Castro. Escrita de Si: Escrita da História. RJ: Fgv, 2004. Cap. 2, p. 54

172 VENANCIO, Giselle Martins. Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/308.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2008

aquisição por parte do Governo do Estado de Santa Catarina do conjunto da obra do artista Franklin Cascaes. O professor Nereu do Valle Pereira se posiciona:

Estranha-me que o governo do Estado, sabedor da existência do convênio, envolvendo o amigo, a Prefeitura Municipal de Florianópolis e a Universidade Federal de Santa Catarina (instituição científica e de reconhecido valor e critério) procure através de aceno pecuniário forçar ruptura litigiosa desse instrumento.

Sugere a abertura de um convênio “quadripartiti” envolvendo a UFSC/CCH (Centro de Ciências Humanas), o Governo do Estado, a Prefeitura Municipal de Florianópolis e o professor Franklin Cascaes. Propõe em sua carta uma série de medidas e algumas delas farão parte do “Termo de convênio múltiplo entre a UFSC, a Prefeitura Municipal de Florianópolis, Fundação Catarinense da Cultura e o Professor Franklin Cascaes”. Enfatiza a importância da obra do artista, afirmando que a “nossa UFSC (...) não pode ser alijada inopinadamente dos direitos do seu uso”.

A entrevista realizada com o Professor Nereu do Valle Pereira permite perceber uma amizade, que tem o seu início, como já foi mencionado, nos anos 40, mas precisamente em 1942, quando frequenta as aulas de desenho do professor. No ano seguinte, cursando “Mecânica de Máquinas”, se afasta do convívio da sala de aula. Destaca que depois de formado tornou-se amigo, pois morava próximo a residência do professor Franklin, que ficava na Rua Júlio Moura e que muitas vezes “passava na casa dele”. Ressalta que Doralécio Soares, que também foi funcionário da Escola, morava na frente da casa de Franklin. Afirma: “sempre gostei do folclore”. Assim como o professor e o seu vizinho Doralécio Soares.

Nereu do Valle Pereira relata que Franklin Cascaes organiza exposições na Lagoa da Conceição, Canasvieiras, Ribeirão da Ilha e Santo Antônio. Mesmo como vereador de oposição afirma que “conseguia algum apoio da prefeitura”, como autorização e contato como intendente. Percebe-se no seu relato que as relações políticas se entrelaçam com as relações de amizade.

Na década de 60, como professor do curso de economia, procurou trabalhar o folclore como matéria do curso. Manteve contato com Doralécio Soares, Osvaldo Rodrigues Cabral e Franklin Cascaes. Destaca: “os três não se davam um com o outro”. Para Osvaldo Rodrigues Cabral, Franklin era um analfabeto, um homem sem

formação. Para melhor exemplificar a forma como o Franklin era visto por um “grupo de intelectuais”, narra um episódio acontecido, quando o Reitor Ferreira Lima, por ocasião da Reforma Universitária, o convidou para ser responsável pelo departamento de sociologia, do Centro de Estudos Básicos da UFSC. O narrador convidou para uma reunião Franklin Cascaes, Osvaldo Rodrigues Cabral, Walter Piazza, Anamaria Beck, Doralécio Soares, Antenor Naspolini e outros. Relata:

Quando começou a reunião, Cascaes junto, algumas das pessoas que estavam nesta reunião, não vou citar nome para evitar constrangimento, queriam que a reunião fosse só reunião de universitários. Fazendo referência ao nome do Cascaes. Se fosse pra ser reunião de universitários eles continuariam na reunião, caso contrário eles sairiam. E saíram.

Reinaldo Lindolfo Lohn afirma que por ocasião do Primeiro Congresso de Historia Catarinense (1948), Franklin já desenvolvia um trabalho de pesquisas nas comunidades pesqueiras da Ilha. Destaca que o mesmo não foi convidado a participar do congresso “por não ser considerado um estudioso acadêmico que estivesse desenvolvendo um saber subordinado aos rigores da ciência”¹⁷³. O Congresso Catarinense foi organizado pelos membros do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, e Osvaldo Rodrigues Cabral foi uma personalidade de destaque a frente do evento. O professor Franklin, “apesar do intenso trabalho de recolhimento de materiais e depoimentos, expressando em suas obras as impressões recolhidas nas pesquisas”¹⁷⁴, não era aceito como pesquisador pelo meio acadêmico. Nas palavras do professor Nereu do Valle Pereira, o resultado da reunião “foi um baque meio grande para o Cascaes”. A aposentadoria, a doença da esposa, a não aceitação da sua obra por parte da academia, levaram o antigo aluno a entrar em contato com outro aluno do professor Franklin e do professor Nereu, “para que o mesmo pudesse dar um apoio”: Nilton Severo da Costa, na época, prefeito de Florianópolis.

A primeira cláusula do convênio, assinado em 1979, estabelece que “a Universidade Federal de Santa Catarina coloca à disposição do Professor Franklin Cascaes, junto ao Museu Universitário, espaços físicos para a guarda das peças

173 LOHN, Reinaldo Lindolfo. Pontes para o futuro: relações de poder e cultura urbana. Florianópolis, 1950 a 1970. 2002. Tese (Doutor) - Curso de Pós Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2002, p. 163.

174 Idem .

integrantes de suas coleções etnográficas e folclóricas”. Sem filhos, sem herdeiros, a “Coleção Elizabeth Pavan” foi doada ainda em vida por Franklin Cascaes. Além das esculturas, desenhos e manuscritos, contém diários de classe, provas e trabalhos dos alunos e está sob a guarda e a tutela do Museu Universitário, da UFSC.

É neste “pequeno mundo” dos antigos alunos da Escola Industrial, que Franklin Cascaes no período posterior a sua aposentadoria, irá procurar apoio, garantindo que o conjunto da sua obra permanecesse sob a guarda e a tutela do Museu Universitário (UFSC)¹⁷⁵.

175 O Museu Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC tem sua origem no Instituto de Antropologia, criado por meio da Resolução nº 089, de 30 de dezembro de 1965. A Reforma Universitária, implantada na UFSC na década de 1970, implicou a transformação do Instituto de Antropologia em Museu de Antropologia. Esta alteração na nomenclatura não afetou o exercício das atividades de pesquisa que continuavam sendo prioritárias, porém tendo que assumir definitivamente a exposição do acervo, atendendo aos objetivos: extensão e ensino. Em 1978, por meio da Resolução nº 065, de maio de 1978, o Museu de Antropologia é transformado em Museu Universitário. A partir desse momento o Museu passa a ser uma instituição voltada exclusivamente para a guarda de acervo. Em 1991, após ampla discussão interna, foi elaborado o novo regimento interno objetivando a priori sedimentar o tripé pesquisa, ensino e extensão como forma de atuação de um Museu com um caráter eminentemente antropológico. Em maio de 1993, o Museu completou vinte e cinco anos de existência e passou a ser denominado Museu Universitário "Oswaldo Rodrigues Cabral", por meio da Resolução n.º 106/Cun, de 26 de outubro de 1993, em homenagem a seu idealizador, fundador e primeiro diretor. FLORIANÓPOLIS. Museu Universitário. Ufsc (Org.). Museu Universitário: Memória. Disponível em: <<http://www.museu.ufsc.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2009.

Capítulo 3

A Prática docente do Professor Franklin Cascaes nas escritas cotidianas

Neste capítulo busco compreender aspectos da prática docente de Franklin, a partir de documentos que fazem parte do cotidiano escolar e que permitem uma maior aproximação com a sua prática como professor. Franklin Cascaes acumulou os seguintes cargos na Escola Industrial de Florianópolis: inspetor de alunos, professor de Modelagem, professor de Artes Manuais, professor de Desenho e da disciplina História da Indumentária.¹⁷⁶ Em 1945, passou a ser Professor efetivo da Cadeira de Desenho. É importante ressaltar que nas entrevistas realizadas e nos documentos encontrados há poucos vestígios da sua trajetória como ajudante e mestre na oficina de modelagem, ou como inspetor de alunos ou como professor da História da Indumentária. O mesmo não acontece com relação a sua prática como professor de desenho. São provas, exercícios, diários de classe, caderno de preparação de lições, que indicam que uso fez o professor das normas que lhe foram impostas e a forma como organizava os saberes. Mas afinal o que significa ser professor de desenho na Escola Industrial de Florianópolis?

¹⁷⁶ ARAÚJO, Adalice Maria de. Mito e Magia na Arte Catarinense. 1977. Tese (Concurso Para Professor Titular) - Departamento de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPR, Curitiba, 1977.

3.1. - Franklin, o professor de desenho técnico.

Renato Palumbo Dório, afirma que apesar das diferenciações existentes entre as várias modalidades de desenho, no século XIX, operava-se uma concepção mais abrangente de desenho¹⁷⁷. No século XX, há um acentuado divórcio entre as esferas do técnico e do artístico. Destaca:

O Desenho Geométrico tomaria assim larga presença nos currículos escolares [...] sendo privilegiado não apenas como elemento formativo de um público e de uma massa de trabalhadores ajustados aos modos de produção e consumo industrial, a partir do projeto de instalação nas mentes e sensibilidades de um propalado **espírito geométrico**, mas também como tipo de Desenho apropriado para os novos modos de próprio conhecimento escolar, havendo assim uma analogia entre os processos da fábrica e os da escola, buscando ambas uma uniformidade livre das arestas imprecisas da artesanaria e da subjetividade.¹⁷⁸

Segundo Renaud d'Enfert, no início do século XIX, na França, o desenho era “julgado indispensável à maioria das profissões, este é considerado como o ‘quarto ramo dos conhecimentos primários’, equivalente à leitura, à escrita, e à aritmética.”¹⁷⁹ Afirma que os promotores do desenho argumentavam em torno de dois temas indissociavelmente ligados: “regenerar e moralizar as classes pobres, favorecer o progresso industrial e a prosperidade da nação”. No começo do século XX, junto com a defesa do Liceu de Artes e Ofício, Rui Barbosa, afirmava: “O dia em que o desenho e a modelagem começarem a fazer parte obrigatória do plano de estudos na vida do ensino nacional datará o começo da história da indústria e da arte no Brasil”. Conclui: “Não é uma aspiração do futuro, é uma exigência da atualidade mais atual, mais perfeitamente realizável, mais urgentemente instante”¹⁸⁰.

Renaud d'Enfert enfatiza que a difusão do ensino de desenho marca uma etapa importante na história da escola, pois se “por um lado coloca um fim ao monopólio exercido pelos artistas sobre o ensino elementar de desenho”, por outro

177 DORIA, Renato Palumbo. Entre o belo e o útil: métodos e professores de desenho no Brasil do século XIX. In: II Congresso Brasileiro de História da Educação, 2002, Natal. Anais do II Congresso Brasileiro de História da Educação. História e Memória da Educação Brasileira. Natal, 2002, p.1.

178 Idem p.3

179 D'ENFERT, Renaud. Uma nova forma de Ensino de Desenho na França no início do século XIX: o Desenho Linear. História da Educação, Pelotas, n. 22, ago. 2007. Quadrimestral. P 35

180 BARBOSA Rui. O desenho e a arte industrial. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/template_01/default.asp?VID_Secao=105>. Acesso em: 20 abr. 2008.

lado, “opera uma mudança decisiva no *cursus* dos jovens estudantes que se dedicavam até então ao tradicional “ler, escrever, contar. ”¹⁸¹

No ano de 1945, Franklin Cascaes organiza o caderno de desenho que será objeto deste estudo. Como suporte de memória, transformou-se em documento da história do saber escolar, pois registra em suas páginas o que foi selecionado pelo professor. Cruzando as informações obtidas nas páginas do caderno com a memória dos antigos alunos, é possível traçar um quadro aproximado dos saberes trabalhado nas aulas do autor/ professor.

¹⁸¹ D'ENFERT, Reunaud. Uma nova forma de Ensino de Desenho na França no início do século XIX: o Desenho Linear. História da Educação, Pelotas, n. 22, ago. 2007. Quadrimestral P.33.

3.2. -Sobre as práticas e os saberes ensinados nas décadas de 40 e 50...



Figura 13 - Capa do caderno do professor Franklin Cascaes, 1945. Acervo digital do Laboratório de Imagem e Oralidade Franklin Cascaes (LIO) do CEFET/SC.

Como na vida de qualquer pessoa multiplicam-se as casualidades o encontro com o colaborador ¹⁸² Dílson Ribeiro também foi uma “obra do acaso”. Chegou à Escola (assim ele o chama o CEFET/SC) trazido por um aluno do PROEJA (Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na e Modalidade de Educação de Jovens e Adultos), que soube por uma outra professora de história que a professora de história de uma turma próxima a sua estava pesquisando sobre o Franklin Cascaes professor. Trouxe além de uma rica experiência como aluno do professor e da instituição ¹⁸³, um caderno do mestre – como ele chama Cascaes - de 1945 ¹⁸⁴.

¹⁸² Colaborador é um dos conceitos apresentados por Meihy no seu Manual de História Oral (2002). É o nome dado ao depoente que tem papel mais ativo em história oral, deixando de ser um simples informante, ator ou objeto de pesquisa.

¹⁸³ RIBEIRO, Dilson. Entrevista concedida a Denise Araújo Meira e Patrícia de Souza. Florianópolis, maio de 2007. Mimeo. Disponível no acervo do Laboratório de Imagem e Oralidade Franklin Cascaes.

¹⁸⁴ CASCAES, Franklin. Caderno de preparação de Lições -1945. Disponível em CD no acervo do Laboratório de Imagem e Oralidade Franklin Cascaes.

Com este desenho na capa, Franklin inicia o seu caderno de desenho. Guardado durante décadas, o caderno do mestre¹⁸⁵- como ele chama Franklin- chegou à suas mãos, no final da década de 50, com o objetivo de perceber “o método utilizado pelo professor para desenhar figura humana”. Registra: “se esse livro não estivesse comigo e sim com outra pessoa que não gosta de desenho, esse material já teria ido para o lixo; porque tem pessoas que olham isso aqui e não dão bola não, mas eu dou valor”¹⁸⁶. Ana Chrystina Venancio Mignot e Maria Teresa Santos Cunha ressaltam que:

Guardar é diferente de esconder. Guardar consiste em proteger um bem da corrosão temporal para melhor partilhar; é preservar e tornar vivo o que, pela passagem do tempo, deveria ser consumido, esquecido, destruído, virado lixo. Papéis escritos tidos como “ordinários” tais como cartas, diários, autobiografias, dedicatórias, cadernos de receita, cartões de felicitações e cartões postais, até então escondidas dentro das gavetas, armários e caixinhas [...] tornam-se presentes como uma voz que nos interpela” (FELGUEIRAS, SOARES, 2004, P.110). Esses papéis guardam histórias individuais e familiares, trazem marcas da escolarização e permitem pensar distintas interpretações da escola e da educação.¹⁸⁷

Dílson não esconde, guarda. Protege o caderno da “corrosão temporal”, não com a intenção de preservar “as marcas da escolarização”, mas com a intenção de guardar “um caderno de desenho”. Elaborado em papel pardo, sem pauta, um pouco carcomido pelas traças e pelo tempo, contém 28 páginas e apresenta-se em formato de brochura. Pierre Nora destaca que “a razão fundamental de ser um lugar de memória é parar o tempo, bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial.”¹⁸⁸ Pertencendo ao domínio da materialidade, o caderno de desenho do professor Franklin Cascaes, aparentemente simples registro dos saberes a serem ensinados, como suporte de memória é também um lugar funcional e simbólico.¹⁸⁹ Assumindo uma outra função, na atualidade, o caderno adquire o estatuto de “reliquia”, carregando as marcas de um outro tempo. Como suporte de memória, o caderno de desenho de Franklin

185 CASCAES, Franklin. Caderno de preparação de Lições -1945. Disponível em CD no acervo do Laboratório de Imagem e Oralidade Franklin Cascaes.

186 RIBEIRO, Dílson. Entrevista concedida a Denise Araújo Meira e Patrícia de Souza. Florianópolis, maio de 2007. Disponível no acervo do Laboratório de Imagem e Oralidade Franklin Cascaes.

187 MIGNOT, Ana Chrystina. Venancio; CUNHA, Maria. Teresa. Santos. Razões para guardar: a escrita ordinária em arquivos de professores/as. Educação em Questão, v. 25, 2006 P.41.

188 NORA, P. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. Projeto História: Programa de Pós Graduação de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História, São Paulo, n. 10, dez. 1993, p.22.

189 Idem, p. 23.

Cascaes, se transforma em documento da trajetória do artista/professor e história da disciplina de desenho, na Escola Industrial de Florianópolis.

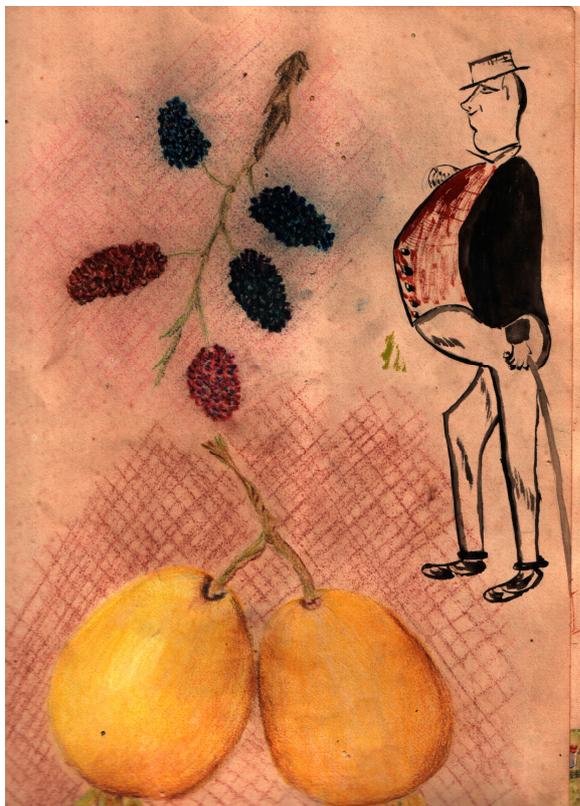


Figura 14 – Página 14 do caderno do professor Franklin Cascaes.
Acervo digital do Laboratório de Imagem e Oralidade Franklin Cascaes.

Antonio Viñao afirma que:

[...] nunca se deve perder de vista que, em última análise, o caderno é um produto da cultura escolar, de uma forma determinada de organizar o trabalho em sala de aula, de ensinar e de aprender, de introduzir os alunos no mundo dos saberes acadêmicos e dos ritmos, regras e pautas escolares.¹⁹⁰

Registrando em suas páginas o que foi selecionado pelo Professor Franklin, o caderno, como vestígio material, nos fornece indícios dos processos de manipulação dos saberes em Desenho, a serem aplicados em sala de aula.

¹⁹⁰ VIÑAO, Antonio. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Cadernos à Vista: Escola, Memória e Cultura Escrita. RJ: EdUERJ, 2008. Cap. 2, p. 22.

Na “capa” do caderno, o professor Franklin não identifica a Escola, o inspetor, o diretor, não identifica também o autor e o ano em que o caderno foi elaborado. O caderno provavelmente não passaria pela vigilância do inspetor ou do diretor. Parece ter sido elaborado com uma intenção: era o professor recém efetivado organizando os saberes a serem ensinados.

O caderno se estrutura, a partir da segunda página, em relação a um único eixo central: o conteúdo disciplinar. O programa de desenho técnico da Escola Industrial de Florianópolis era composto de desenho ornamental e de desenho geométrico.¹⁹¹

Nas primeiras 16 páginas do caderno (inclusive a Capa), observamos desenhos de folhas, frutas, legumes e flores, com o colorido de cores fortes, feitos à mão, como exercícios de “cópia natural”. Marilena Jorge Guedes de Camargo destaca que:

[...] a técnica de ‘cópia natural’ era muito usada pelo professor em sala de aula, desde o início da década de 40. ‘O professor’ colocava em cima de um banquinho, que era colocado em cima da mesa da sala de aula, um objeto geométrico, uma fruta, um vaso, um peso, por exemplo, destes usados nas balanças dos antigos armazéns, e o aluno os desenhava”. Para isso, o aluno se servia das medidas de uma régua, colocando-a de frente aos olhos para traçar um linha imaginária entre os olhos e o objeto a ser desenhado. Marcada a medida, ela era transferida para o papel, o que permitia estabelecer uma ‘relação entre aquelas medidas e o real’. Tal cópia do natural preparava o aluno para desenhar obedecendo as ‘proporções reais’ do objeto”.¹⁹²

Na década de 20, o relatório do Diretor João Cândido da Silva Muricy, chama a atenção para a necessidade dos alunos iniciarem os seus estudos pelos desenhos de cópia natural e geométrico.

[...] no próximo anno porem, pretendo fazer retirar das salas de desenho todas as estampas de dezenho ornamental; quer as desenhadas por alumnos, quer as que servem de modelos para que mestres e alunos se sintam obrigados a iniciar seus estudos, pelos desenhos de cópia natural e geométrico. Os desenhos de cópia natural, de objetos collocados adiante dos meninos, que assim melhor se habilitarão fazendo maior esforço de inteligência, exigindo também do mestre o desenho de perspectiva.

[...]

Assim irei procurando estabelecer de fato o estudo de desenho industrial, sem o qual desaparece a razão de ser da existência da escola de artífices.

191 Conforme ata do concurso do dia 03/06/1941. Acervo do Laboratório de Imagem e Oralidade Franklin Cascaes.

192 CAMARGO, Marilena A. Jorge Guedes de. Coisas velhas - Um percurso de investigação sobre cultura escolar (1928- 1958). São Paulo: Editora UNESP, 2000. p.131.

Nos anos 40, o curso de desenho ornamental da Escola Industrial de Florianópolis tinha como objetivo “desenvolver no aluno a percepção da vista em motivos naturais e nos contrastes de suas formas, tal como se apresenta a natureza”¹⁹³.

Nereu do Valle Pereira, aluno do professor no ano de 1942, afirma que tinha duas “tipologias” de desenho: o técnico e o ornamental ou artístico. No seu arquivo pessoal guardou os trabalhos realizados na aula de desenho do professor Franklin Cascaes. Entre os motivos desenhados, o desenho de uma fruta que se repetirá mais tarde no caderno de 45, ou nos trabalhos dos alunos da década de 50. Observa-se também que no seu primeiro ano como professor de desenho, Franklin já assinava: Professor Franklin Cascaes.



Figura 15- Trabalho de desenho. 3/11/1942.
Acervo particular do Professor Nereu do Valle Pereira;

193 Revista Arte & Indústria de 15 de novembro de 1948, ano III. Seção de Artes Gráficas da escola Industrial de Florianópolis.

O aluno/artista Dílson Ribeiro também destaca a preferência do professor pelas aulas de desenho ornamental.¹⁹⁴ Afirma que “a aula dele, quando se referia ao desenho ornamental”, era marcada pela seguinte prática: “colocava o modelo na nossa frente e a gente desenhava a mão livre.” Ressalta: “Então a gente começava a desenhar e ele passava nas carteiras para corrigir”.

Nas provas dos alunos do começo dos anos 50, alguns motivos presentes no caderno, como podemos observar na figura 16, também se repetem: são flores, folhas, frutas e legumes.

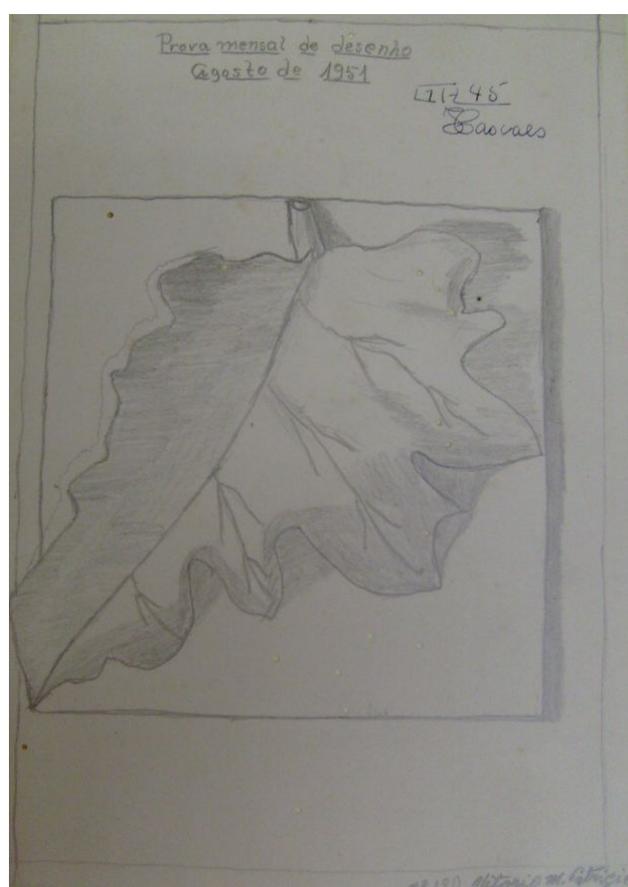


Figura 16- Prova mensal de desenho – Agosto de 1951
Acervo do Museu Universitário Osvaldo Rodrigues Cabral - UFSC

No caderno do professor, a regularidade dos motivos, no entanto, é quebrada em apenas três páginas: frutas e legumes aparecem no lado de uma enxada (página 10), e de dois homens (página 12 e 13). No final da década de 40, o Congresso de História Catarinense aparece como o marco inicial do processo de

¹⁹⁴ RIBEIRO, Dílson. Entrevista concedida a Denise Araújo Meira e Patrícia de Souza. Florianópolis, maio de 2007. Disponível no acervo do Laboratório de Imagem e Oralidade Franklin Cascaes.

construção da identidade açoriana. Thiago Juliano Sayão afirma que “a imagem maculada (de um sujeito “indolente” e avesso ao trabalho) que os açorianos carregaram nas primeiras décadas do século XX foi retocada em 1948”¹⁹⁵ com as idéias de alguns intelectuais, entre eles Oswaldo Rodrigues Cabral. O fracasso econômico da colonização luso-açoriana foi compensado pelo “heroísmo luso – brasileiro na “defesa” do litoral de Santa Catarina e principalmente, pelo legado cultural deixado no Brasil para os catarinenses”¹⁹⁶. Foi neste momento de intenso debate acerca da identidade do habitante litorâneo de Santa Catarina que o caderno do professor foi produzido. Na décima terceira página do caderno (Figura 17), observamos o mesmo tipo de representação do homem da Ilha de Santa Catarina - que vivia da pesca artesanal e, também, da cultura da mandioca, do feijão, do milho, da melancia e tantas outras - que está presente na obra do artista que seria elaborada posteriormente. Franklin desenha o homem “açoriano” procurando valorizar o seu trabalho.

195 SAYÃO, Thiago Juliano. Nas veredas do folclore: Leituras sobre política cultural e identidade em Santa Catarina (1948-1975). 2004. 106 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de PPGH, Departamento de História, UFSC, Florianópolis, 2004. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PHST0220.pdf>>. P.54 Acesso em: 10 jan. 2009.

196 Idem ibidem.

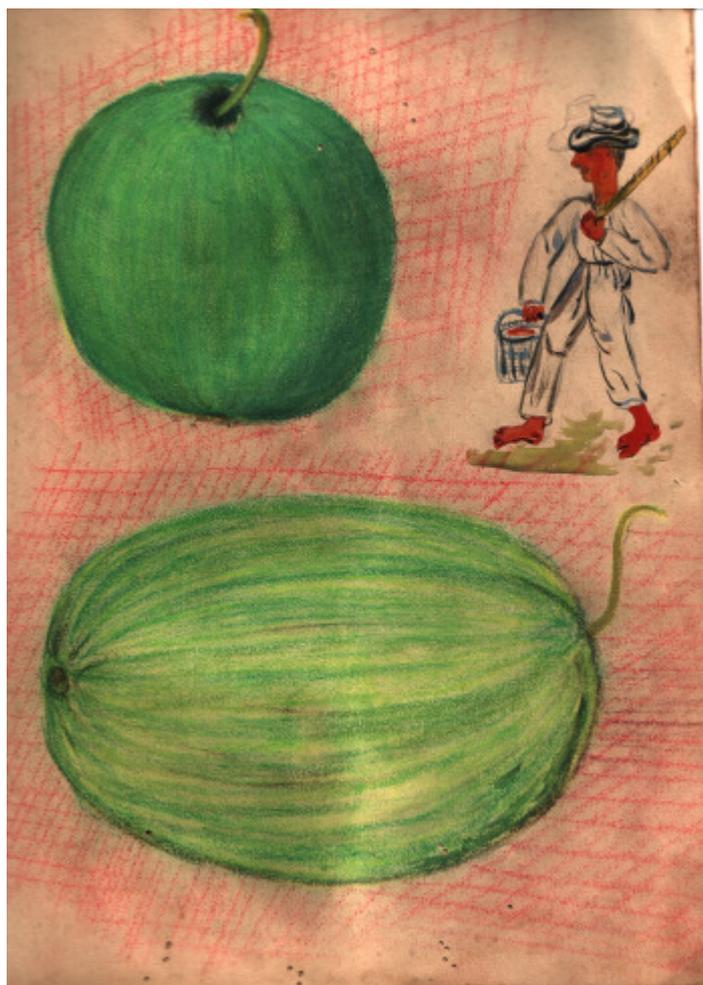


Figura 17 - Página 13 do caderno do professor Franklin Cascaes, 1945.
Acervo digital do Laboratório de Imagem e Oralidade Franklin Cascaes (LIO) do CEFET/SC.

Dílson Ribeiro relata que entre os modelos a serem desenhados pelos alunos estavam as máscaras de gesso feitas pelo próprio professor, que também era escultor. Nereu do Valle Pereira destaca que Franklin Cascaes trabalhava na modelagem, mesmo antes de ser contratado como professor de desenho. “Ele passou a trabalhar com técnica”, orientado pelo mestre Macedo. Foi justamente o trabalho na oficina de modelagem que permitiu o contato do professor com o barro, o bisturi, a espátula, ou seja, “um atelier que ele não tinha na casa dele em Itaguaçu”, afirma Nereu do Valle Pereira. Relembra que na modelagem, Franklin ensinava a fazer desenhos de bonecos, afrescos e outros, mas que ele nunca freqüentou a oficina de modelagem.



Figura 18- O professor Franklin Cascaes na oficina de modelagem.
Fotógrafo: Sérgio Vignes.

Nas últimas dez páginas do caderno, seguindo o programa do ensino de desenho da Escola, o professor organiza os saberes a serem trabalhados em desenho geométrico. Renaud d'Enfert ressalta que a geometria “favorecendo a supressão da personalidade do professor em proveito do método que ele emprega”, permitiu a passagem de um ensino mais individualizado para um mais coletivo e participa de “maneira substancial para a “disciplinarização” do desenho”, marcando também o fim do monopólio exercido pelos artistas sobre o ensino de desenho.¹⁹⁷ O professor Franklin e não o artista, de forma sistemática desenha cabeças, expressões do rosto, corpos de homens, mulheres e crianças.

¹⁹⁷ D'ENFERT, Renaud. Uma nova forma de Ensino de Desenho na França no início do século XIX: o Desenho Linear. História da Educação, Pelotas, n. 22, ago. 2007. Quadrimestral P.59.

Patricia Rita Cortelazzo, na sua dissertação sobre o Ensino do Desenho na Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, afirma que:

Estudava as figuras humanas em suas partes separadas e completas. Para o estudo da figura humana, o conhecimento da geometria e da perspectiva linear estudados a partir dos conhecimentos do desenho linear, tornava-se indispensável para a representação dos corpos inteiros ou de suas partes. Para estas aulas, os alunos contavam com cópias de quadros que faziam parte do pequeno acervo da escola, bem como as cópias de estampas e gravuras.¹⁹⁸

Os desenhos indicam que o professor não fazia uso de “cópias de estampas ou gravuras”. Rompendo, como muitos da sua época, com o ensino acadêmico voltado para preparar artistas, o professor Franklin, partindo dos conhecimentos de geometria, em algumas páginas, parece traçar ora à mão livre ora com a ajuda de régua e compassos, diversas linhas, divididas em partes iguais, objetivando garantir a proporcionalidade do rosto ou do corpo; em outras abandona o uso das linhas e “livremente” desenha. As atividades desenvolvidas pelo professor no seu caderno parecem constituir uma preparação ao estudo da figura humana. Renaud d’Enfert, fazendo referência à pedagogia pestalozziana, afirma que a mesma se diferencia dos métodos de desenho utilizado pelos artistas em séculos anteriores, pois favorecia uma sistematização, instituindo a graduação das aprendizagens. Destaca: “o caráter progressivo do método aparece particularmente na organização dos exercícios de desenhos geométrico”¹⁹⁹. O caderno de desenho do professor Franklin nos fornece vestígios de uma prática: na organização dos exercícios de desenho geométrico aparece particularmente o caráter progressivo do método.

¹⁹⁸ CORTELAZZO, Patrícia Rita. O Ensino do Desenho na Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro e o Acervo do Museu D. João VI (1826-1851). Dissertação (Mestrado) - Curso de Artes, Unicamp, Campinas, 2004.P.73.

¹⁹⁹ D'ENFERT, Renaud. Uma nova forma de Ensino de Desenho na França no início do século XIX: o Desenho Linear. História da Educação, Pelotas, n. 22, ago. 2007. Quadrimestral P.46.

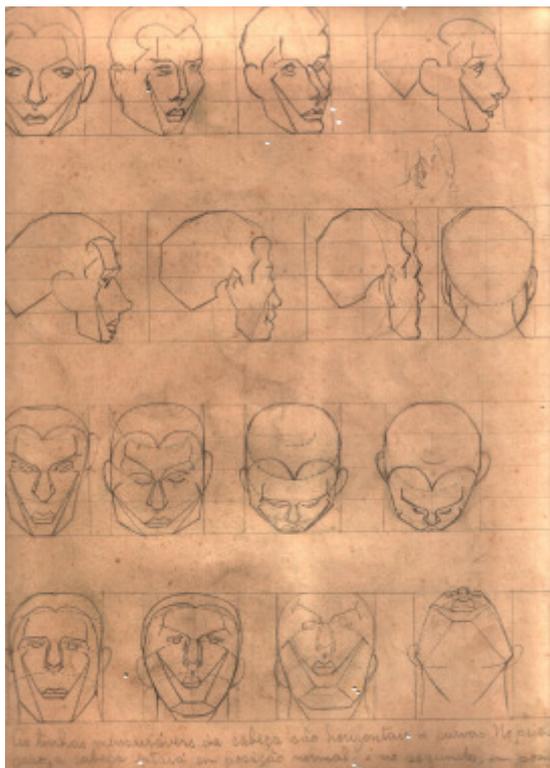


Figura 19 – Traçado de cabeças de frente e de perfil. O exercício pode constituir uma preparação ao estudo da figura humana. Página 19 do caderno do professor Franklin Cascaes, 1945. Acervo digital do Laboratório de Imagem e Oralidade Franklin Cascaes (LIO) do CEFET/SC.

Dílson Ribeiro, afirma que diferente do desenho ornamental, feito à mão livre, nas aulas de desenho geométrico o professor “fazia no quadro, explicava e nós fazíamos. Tinha compasso, régua e todo aquele material relacionado ao desenho técnico. E todo material era fornecido pela escola”. Conclui afirmando que os alunos não gostavam de desenho ornamental e sim de desenho técnico. O caderno do professor, no entanto, apresenta em sua totalidade uma forma de compartimentalizar o ensino de desenho que privilegia o desenho ornamental em detrimento do desenho geométrico. O tratamento diferenciado dado aos dois *tipos de desenho* parece indicar que, assim como o aluno/artista, o mestre também preferia o desenho ornamental. Nas últimas duas páginas do caderno, em forma de texto e não de exercício, encontram-se “pontos” referentes aos principais elementos da geometria elementar: ponto, linhas, retas (paralelas e oblíquas), circunferência enfim, os elementos básicos para a compreensão da geometria.

Dílson relembra que:

... Ele gostava de pegar o giz e fazer uma circunferência, e todo mundo se admirava porque era perfeito, e comentava algo a respeito. Fazia uma comparação com um artista que ele falava, era Leonardo da Vinci [...]. Às

vezes ele dava uns traços e pedia pra gente definir, um desenho estilizado, digamos assim, e perguntava o que era, mas ele sempre mantinha a mesma postura de professor sério.

Enio Miguel de Souza, aluno do professor Franklin, no final dos anos 50, relata que na primeira parte da aula o professor ensinava desenho técnico, mas na segunda parte, o aluno que demonstrasse alguma habilidade para o desenho artístico ele “dava um outro papel, para você fazer a sua parte artística”. Destaca que o mesmo “ensinava, ajudava, pintava” e possibilitava o uso de materiais diversos, pois afinal, naquele tempo, “não era muito fácil... Hoje você tem lápis de cores. Ele não tinha isso, ele trabalhava com argila, carvão”. Sobre a sua experiência com “desenho artístico”, ressalta:

Ele viu em mim, na época, uma possibilidade de eu desenhar sombras. Eu trazia carvão e desenhava com o carvão. Então ele me ensinava a desenhar com carvão a sombra. Eu tive vários quadros, vários com a sombra. Nunca fiz nada diferente. Só sombra. E assim ele preparou vários alunos com “dons artísticos”.²⁰⁰

O uso de carvão e de argila nas aulas de desenho técnico remete às várias situações que dizem respeito à escola. Alcides Vieira de Almeida, com relação aos anos 60, afirma que:

[...] a escola enfrentou problemas financeiros seríssimos, que aliados à falta de um quadro de pessoal adequado às reais necessidades do estabelecimento de ensino, provocaram um período de estagnação administrativa e didático-pedagógica, em que a “contenção de despesas” tornou-se algo imprescindível à sobrevivência do processo administrativo da Escola.²⁰¹

Destaca que as exigências do decreto N.47.038, de 16 de outubro de 1959, levariam a Escola a ser classificada pelo Ministério da Educação e Cultura como escola de 4ª classe²⁰². Algumas medidas mais urgentes foram tomadas, entre elas a construção da nova sede da escola. Alcides Vieira de Almeida ressalta:

200 Souza, Enio Miguel de. Entrevista concedida aos alunos do CEFETSC Felipe Wagner, Izel Molinete e Carla Becker. Florianópolis, maio de 2008. Disponível no acervo do Laboratório de Imagem e Oralidade Franklin Cascaes.

201 ALMEIDA, Alcides Vieira de. Dos Aprendizes Artífices ao CEFET/SC: Resenha Histórica. Florianópolis: Gráfica Agnus, 2002. P. 54

202 O decreto de N. 47.038, de 16 de outubro de 1959, estabeleceu os requisitos básicos necessários ao processo de classificação das Escolas. A classificação feita em quatro categorias decrescentes, era baseada em requisitos, entre eles: a qualidade das instalações e a eficiência escolar verificada através das provas realizadas nas diferentes matérias, trabalhos das oficinas e provas de rendimento escolar, realizadas, normativamente, pelo educandário. Ressalta que as escolas classificadas na 4ª categoria não poderiam conceder diplomas e certificados.

“Quero sair desse pardieiro”, dizia o diretor-executivo, Professor Benvenuti. O elevado custo projetado para o transporte do maquinário e móveis da Escola, fez com que o diretor optasse por uma solução mais econômica; a utilização de um pequeno caminhão, carinhosamente conhecido como “Mazaropi”, de propriedade do professor do professor Edmundo Paegle. A mudança aconteceu em várias etapas com a ajuda dos professores, dos administrativos e dos alunos.²⁰³

As atividades escolares começaram oficialmente, na Avenida Mauro Ramos, no segundo semestre de 1962. É importante destacar que a década de 60 também foi promissora para a Escola. O decreto 3552, de 1959, possibilitou uma maior autonomia administrativo-pedagógica. Do “pardieiro” para as novas instalações, que deveriam, conforme o decreto N. 47.038, zelar pelas “condições higiênicas”. O aluno Enio Miguel de Souza afirma que no novo prédio não havia espaço para “argila, chifre de boi...” afinal qualquer “coisa para ele (professor Franklin) servia para o futuro”. Nos anos 60, “na escola que se dizia nova, toda pintada, a sala do Franklin era um monte de coisa velha”²⁰⁴. Nos relatos do antigo aluno uma constatação: aqueles eram tempos de tensões e conflitos.

Ensinar desenho técnico, nos anos 40 e 50, na Escola industrial de Florianópolis significava ensinar desenho ornamental e desenho geométrico. A prova do concurso, em que o aluno Franklin foi admitido como professor indica que o mesmo domina os conhecimentos relacionados a desenho geométrico. Sem romper com o programa da disciplina de desenho, o autor/professor seleciona saberes, privilegia o desenho à mão livre em detrimento do desenho com régua e compassos, privilegia o desenho ornamental em detrimento do desenho geométrico. Em algumas páginas, como um artista, o professor assina o desenho feito.

Se o professor Franklin Cascaes privilegia nos anos 50 o ensino de desenho à mão livre, os outros professores de desenho da Escola, em especial os professores do aluno Dílson Ribeiro, não fazem a mesma opção. Dílson Ribeiro relata que o professor Valmy Bittencourt não gostava de dar aula de desenho artístico. Formado em arquitetura, dava aula apenas de desenho técnico. Afirma que a aula do professor Idalino Rozendo dos Santos, cujo apelido era “Bala Queimada”,

203 ALMEIDA, Alcides Vieira de. Dos Aprendizes Artífices ao CEFET/SC: Resenha Histórica. Florianópolis: Gráfica Agnus, 2002. P. 58-59.

204 Souza, Enio Miguel de . Entrevista concedida aos alunos do CEFETSC Felipe Wagner, Izel Molinete e Carla Becker . Florianópolis, maio de 2008. Disponível no acervo do Laboratório de Imagem e Oralidade Franklin Cascaes.

porque ele vivia “chupando essas balas”, “era uma gozação”. Relembra que o professor brincava com ele e falava: “Ribeiro, você desenha melhor do que eu. Eu não sou desenhista. O meu desenho é técnico”.

3.3.- Sobre as práticas e os saberes ensinados nos anos 60...

Guardados no Museu Universitário Osvaldo Rodrigues Cabral, da Universidade Federal de Santa Catarina, os diários de classe do professor Franklin Cascaes, referentes ao período de maio de 1964 e novembro de 1969, indicam que os mesmos não ficaram na Escola, nem mesmo no “arquivo morto”. Assim como o caderno do professor Franklin, de 1945, os diários de classe, tem o peso da realidade imediata, ainda viva e constituem “a fonte documental que mais se aproxima e nos aproxima (...) das práticas ou da realidade cotidiana da aula”²⁰⁵. Documento tido como oficial, o diário de classe pode ser entendido como um dos suportes usados para registrar as práticas e os saberes ensinados em sala de aula durante o ano. Um olhar mais atento nos diários de classe utilizados pelo professor Franklin, indicam que os mesmos permitem conhecer tanto as práticas e os saberes ensinados na sala de aula, como alguns aspectos da realidade material e pessoal da aula do professor e da Escola Industrial. Com relação aos diários de classe, também questiono: que conjunto de regras determina o funcionamento dos mesmos?

Os diários de classe de 1964 a 1967 têm na “capa”, primeiramente o reconhecimento do ministério em que a instituição está inserida: Ministério da Educação e Cultura. Logo a seguir o nome da instituição: Escola Industrial de Florianópolis e a indicação do ano letivo. Outros elementos compõem a capa: série, turma, disciplina e professor. Na contracapa aparece com freqüência uma lista de nomes datilografados, provavelmente provisória, onde o professor substituía os alunos faltosos por novos alunos, especialmente nas chamadas do primeiro ano do ginásial industrial.

O último número do ano era preenchido utilizando uma caneta. Os diários adquiridos em quantidade excedente foram utilizados nos anos de 1966 e 1967, mesmo quando a instituição não mais se chamava “Escola Industrial de Florianópolis”. Em agosto de 1965, recebeu a denominação de “Escola Industrial Federal de Santa Catarina”. O mesmo aconteceu nos dois anos seguintes. Novos diários confeccionados. Só que agora a Escola não mais se chama “Escola Industrial Federal de Santa Catarina” e sim “Escola Técnica Federal de Santa Catarina” (figura

²⁰⁵ VIÑAO, A. Relatos e Relações Autobiográficas de Professores e Mestres. In: MENEZES, Maria Cristina. Educação, Memória, História: Possibilidades, Leituras. Campinas: Mercado de Letras, 2004. P. 344.

20). Nas falas dos antigos alunos a Escola Técnica Federal de Santa Catarina continuou sendo a “Industrial”.

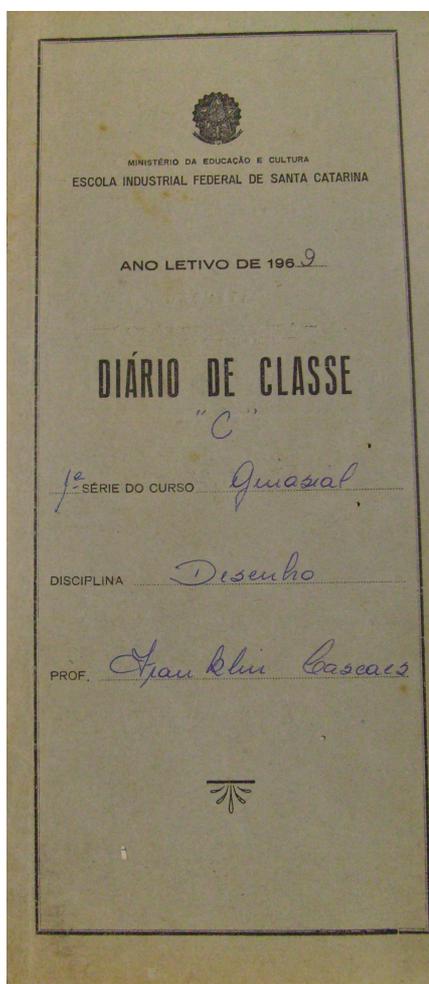


Figura 20-Diário de Classe. 1969.
Acervo do Museu Universitário Osvaldo Rodrigues Cabral – UFSC

Dentro do diário de classe existem folhas referentes a cada um dos meses do ano letivo, ou seja, de março a novembro. As folhas referentes a cada mês contêm uma coluna, em que consta o nome de cada aluno/aluna, escrito à mão e duas pequenas colunas onde devem ser anotadas as faltas e as notas dos alunos. Não há uma regularidade com relação aos critérios utilizados para listar os nomes. Ora aparece em ordem alfabética, ora aparecem os nomes das meninas em ordem alfabética e depois os nomes dos meninos. Em algumas chamadas, aparentemente, não existe nenhum critério. Observamos que a chamada era feita todos os dias e, que o registro da avaliação sempre se fazia presente.

Na página seguinte, uma coluna larga, com a expressão “matéria lecionada”, para que o professor anotasse o conteúdo desenvolvido. Outros elementos compõem esta página do diário de classe: uma coluna para as observações, um pequeno espaço para as aulas previstas, aulas dadas, feriados, as faltas do professor e a assinatura do professor.

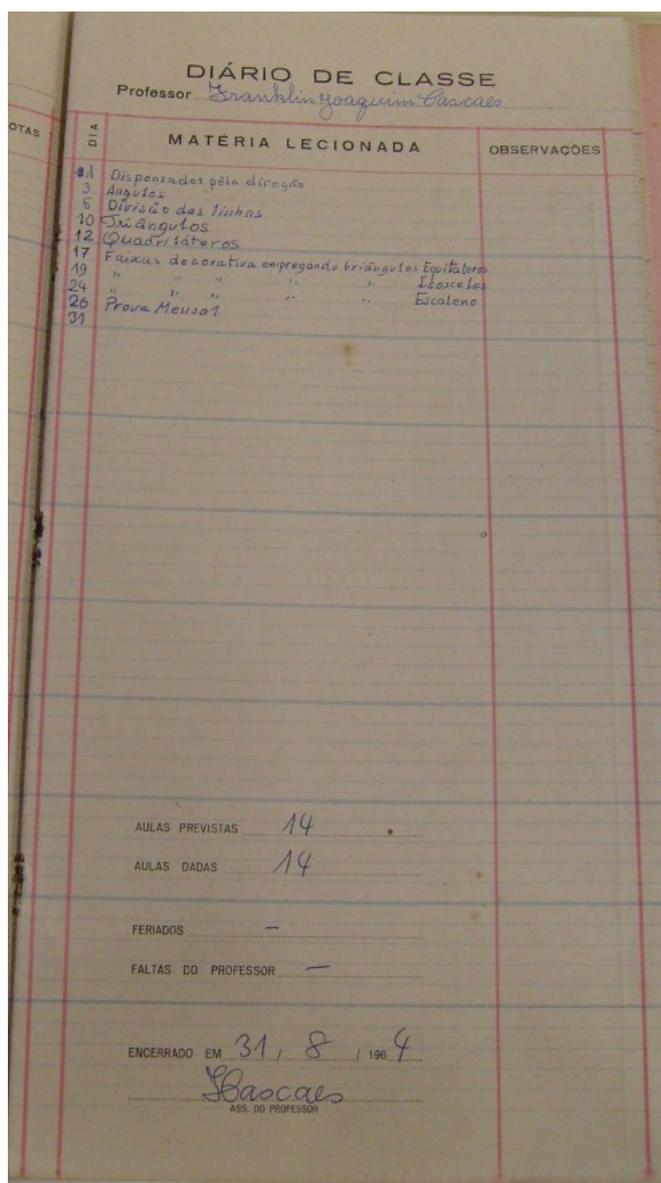


Figura 21-Diário de Classe. 1964
Acervo do Museu Universitário Osvaldo Rodrigues Cabral – UFSC

Na coluna referente às “matérias lecionadas” o professor Franklin, em uma parte significativa dos diários, registra também as aulas não ministradas, indicando alguns “rituais escolares”. Rosa Fátima de Souza estabelece “duas categorias para analisar os rituais escolares: os ritos de representação simbólica do sucesso escolar

e os ritos de manifestação do imaginário sociopolítico”²⁰⁶. Entre os ritos de representação simbólica do sucesso escolar aparecem as provas mensais e o encerramento do ano letivo e; entre os ritos de manifestação do imaginário sociopolítico está a suspensão das aulas pela direção devido à visita do Presidente da República ao Estado (março/1969), dispensa para exercício de marcha patriótica e para a celebração dias “santificados”. A participação do professor em “comissão de inquérito” (1964) e também o dia do pagamento (dia 20) são atividades freqüentemente assinaladas.

Com relação a comissão de inquérito, Oswaldino Hoffmann afirma não entender muito bem o porquê da participação do professor Franklin Cascaes, pois o mesmo sempre se posicionou na “defesa” dos alunos. Afirma que em 1964 era presidente do Grêmio da Escola e assim como outros alunos, teve que depor. Na ata do Conselho de Representantes realizada no dia 07 de outubro de 1964, o presidente faz a leitura das conclusões a que chegou a referida comissão:

Segundo os quais o autor dos artigos publicados no jornal da “UCETI”, sob o pseudônimo de Peçanha, é o estudante Sérgio Lopes. Lê o parecer da comissão que concluiu não haver dolo por parte do indiciado e opinou por pena de suspensão e censura prévia aos próximos artigos escritos pelos estudantes. O Sr presidente esclarece que, na sua opinião, em vista dos fatos e documentos, o indiciado estaria sujeito a pena maior, porém acata as conclusões e parecer da comissão ²⁰⁷.

O Professor Franklin Cascaes, no relato de alguns alunos, foi um crítico do regime militar instalado em 1964. A princípio contraditória, a sua participação na referida comissão, talvez tenha contribuído para abrandar a pena do estudante Sérgio Lopes. O estudante, no entanto, ficou sujeito a pena de suspensão e de censura, caso no futuro escrevesse novos artigos. O silêncio imposto a Sérgio Lopes, no entanto, não impediu que o mesmo se tornasse décadas seguintes um dos mais atuantes jornalistas políticos do Estado.

Com relação às provas mensais, era reservado o último dia de cada mês. Na fala do antigo aluno, não existe tais lembranças. O aluno Dílson Ribeiro afirma:

206 SOUZA, Rosa Fátima de. Rituais Escolares: liturgia cívica e glorificação da memória: aproximações históricas. In: PORTO, Maria do Rosário Silveira et al. Tessituras do Imaginário: cultura & educação. Cuiabá: Edunic/cice/feusp, 2000. p. 173.

207 ALMEIDA, Alcides Vieira de. Dos Aprendizes Artífices ao CEFET/SC: Resenha Histórica. Florianópolis: Gráfica Agnus, 2002. P. 80.

Ele dava nota através de trabalhos que se fazia durante as aulas não tinham um dia pra prova, ele avaliava em cima daquilo que a gente produzia na sala. Digamos que em um mês nós fazíamos três, quatro desenhos... Qualquer coisa errada ele chamava a pessoa e aí ele dava nota mensal.²⁰⁸

As fontes, dezenas de provas mensais guardadas no acervo do Museu Osvaldo Rodrigues Cabral, indicam que existia um dia e uma atividade intitulada “prova mensal”. Talvez para aluno/artista, a avaliação mensal de desenho não tivesse o peso das provas das demais disciplinas. O último dia de cada mês era destinado para a realização das provas mensais. Era uma norma. . A prova mensal realizada pelo aluno L.C.L., realizada em 25 de junho de 1969, nos fornece vestígios de como o professor Franklin realizava e registrava as avaliações. No diário de classe, do mês de junho, apenas consta a nota 6. Nos registros feitos à caneta pelo professor na prova mensal do aluno, observamos que três notas foram somadas (5,5 e 1) totalizando 11 pontos que divididos por três levaram a uma nota final 4, conforme figura 22. Outros critérios foram utilizados no fechamento da média final? No lado esquerdo da página aparece uma nota 6. Um novo trabalho recuperou a avaliação que não havia atingido a média? Tudo indica que sim. O aluno Dílson apenas não percebia que o último dia do mês era destinado para a realização da “prova mensal”. O professor realizava de três a quatro avaliações mensais. Apenas uma era registrada no documento oficial da Escola: o Diário de Classe. Podemos perceber que no cotidiano da escola, “multiplicam-se as astúcias, criam-se múltiplas formas de usar o que é imposto”²⁰⁹. Tomo de empréstimo as palavras de Michel de Certeau: o cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada.²¹⁰

A avaliação realizada pelo aluno L.C.L., sobre “Morfologia, geometria e triângulos”, correspondia aos conteúdos ensinados naquele mês de junho? No diário de classe, na coluna destinada as “matérias lecionadas”, nenhum registro. Naquele ano de 1969, a preocupação em registrar apenas uma “prova mensal” parece ser maior do que registrar o que foi trabalhado em sala de aula.

208 RIBEIRO, Dílson. Entrevista concedida a Denise Araújo Meira e Patrícia de Souza. Florianópolis, maio de 2007. Mimeo. Disponível no acervo do Laboratório de Imagem e Oralidade Franklin Cascaes.

209 ALVES, Nilda. Diário de Classe, espaço de diversidade. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; CUNHA, Maria Teresa Santos. Práticas de Memória Docente. São Paulo: Cortez, 2002. P.76.

210 CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer. 10. Ed. Petrópolis: Vozes, 1994. P.38.

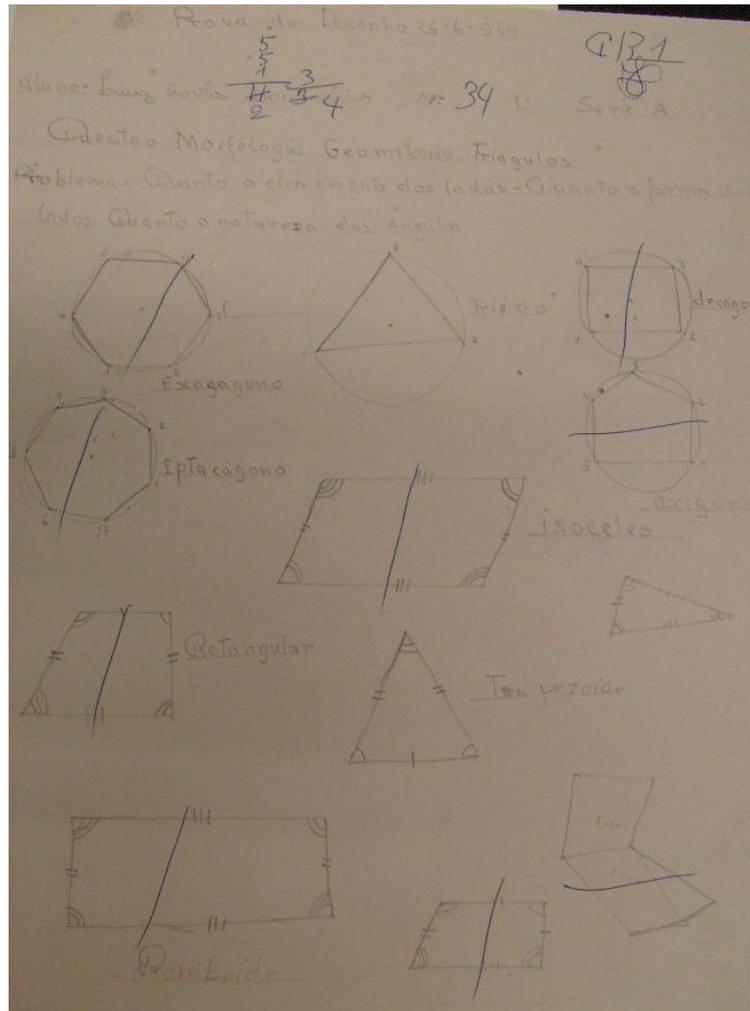


Figura 22 – Prova Mensal do aluno L.C.L. Realizada em 25 de junho de 1969. Acervo do Museu Osvaldo Rodrigues Cabral - UFSC

Com relação às notas, observamos que as mesmas revelam que a frequência, em alguns casos, era determinante na nota final. São muitos os casos de alunos pouco freqüentes que tem notas baixíssimas (0 a 4). Afinal as avaliações, de 3 a 4 por mês, eram realizadas com regularidade. No entanto, não era esse o único critério utilizado pelo professor, pois são muitas as notas baixas dadas a alunos muito freqüentes. O aluno L.C.L. é um exemplo. É freqüente, porém possui, em alguns meses, nota 4. Nos relatos dos alunos, uma fala é constante: ele era um professor muito exigente.

Nos anos 60, devido a caráter prático – instrumental do ensino de desenho, percebemos na coluna “matérias lecionadas” que as aulas eram voltadas para o estudo de desenho geométrico. Mas como diria Michel de Certeau, existem mil

maneiras de jogar/desfazer o jogo do outro²¹¹. O professor Franklin alterava com frequência as regras fazendo “trampolinagens”²¹². Entre uma aula de circunferência e uma aula de projeções octogonais uma aula de desenho artístico ou de desenho livre. Entre as dezenas de provas de desenho geométrico, uma chama atenção. A prova mensal do aluno V. R., de 1969, que tinha como tema o “estudo das letras”. “A imaginação é mais importante que o conhecimento” é a frase que serve de modelo para a avaliação. O professor Franklin não deixa de avaliar os conteúdos referentes a desenho geométrico. Sutilmente se posiciona. Tal situação revela os usos das “táticas de resistência” acionada pelo professor no cotidiano da escola.

Os alunos do professor Franklin afirmam que:

Ele era incansável. Vinha de manhã e de tarde. [...] Ele estava sempre em sala de aula. Saía para almoçar porque ele morava aqui perto. Mas muito assíduo. [...] Ele chegava às 7 horas, às 7h 30 min dava o sinal e ele estava na sala de aula. Sempre com aquela postura de professor [...] Estava sempre na sala de aula.²¹³

Conflitos com os alunos também existiram. [...] Para os alunos era imprevisível. Não tinha como saber se aquele seria um dia em que ele estava de bom humor [...]. Porque dependia do que acontecia na entrada da escola até a sala de aula. Alguma coisa que ele não gostasse. A escola vivia um momento muito difícil: salas de aula sujas, funcionários mal preparados.

[...] almoçava e ficava esperando pela aula de desenho que começava às duas horas da tarde. Chegava lá já com sono, ficava esperando, mas o Franklin já tava lá na sala, era um dos poucos professores que entrava na sala antes dos alunos, uma hora, meia hora, antes, quando dava o sinal ele abria a porta e o pessoal entrava, entrava na sala dele [...]

Eu observava que o Franklin era muito reservado, vivia meio solitário, ele ia muito à carpintaria conversar com o professor Nilo Dias, ele era pintor também, então conversavam sobre política e outro assuntos.²¹⁴

Antonio Henrique Pinto, citando Maria Helena C. de Lima, destaca que a autora “chama a atenção para o comportamento de “busca de isolamento” manifestado pelo professor, esclarecendo que atitudes dessa natureza constituem

211 CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer. 10. Ed. Petrópolis: Vozes, 1994. P. 89.

212 Termo utilizado por De Certeau. Afirma que “palavra que um jogo de palavras associa à acrobacia do saltimbanco e a sua arte de saltar no trampolim (...) modo de utilizar ou driblar os termos dos contatos sociais”. CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer. 10. Ed. Petrópolis: Vozes, 1994. P.79

213 Souza, Erio Miguel de. Entrevista concedida aos alunos do CEFETSC Felipe Wagner, Izel Molinete e Carla Becker. Florianópolis, maio de 2008. Disponível no acervo do Laboratório de Imagem e Oralidade Franklin Cascaes.

214 RIBEIRO, Dílson. Entrevista concedida a Denise Araújo Meira e Patrícia de Souza. Florianópolis, maio de 2007. Mimeo. Disponível no acervo do Laboratório de Imagem e Oralidade Franklin Cascaes.

uma forma de resistência às imposições hierárquicas”²¹⁵. Parafraseando a autora, afirmo que a “invisibilidade” da sala de aula não só permitiu o seu isolamento, pois como diria Dílson Ribeiro ele era meio solitário, como também favoreceu em parte a autonomia do seu trabalho docente. As aulas de desenho artístico foram possíveis no interior da sala de aula.

Sérgio Pereira Cândido, aluno do professor Franklin em 1970, lembra de um episódio ocorrido na sala de aula. O professor Franklin permitiu que um aluno desenhasse uma silhueta de mulher na parede da sala de aula. Ressalta que por várias aulas, o aluno ficou envolvido na elaboração do desenho. Em anos marcados pelo autoritarismo, como foi o final dos anos 60 e o início dos 70, a permissão por parte do professor para tal atividade, significava que certa autonomia era possível no espaço da sala de aula.

Algumas regras são estabelecidas para o uso do diário de classe. Nelas, há a expressão do que a instituição espera do professor. Na leitura das regras (figura 9) percebo que o diário escolar foi pensado como um espaço produzido para registrar e controlar as práticas e os saberes trabalhados em sala de aula.

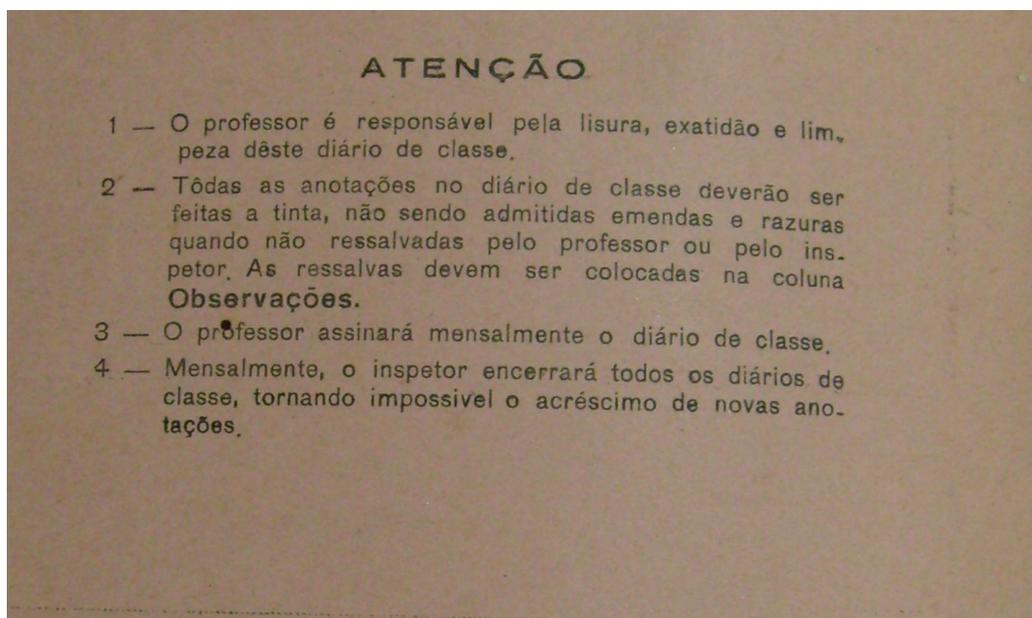


Figura 23-Diário de Classe. 1964
Acervo do Museu Universitário Osvaldo Rodrigues Cabral – UFSC

Como dispositivo de vigilância, usado pela instituição para controlar o que ocorria em sala de aula, os diários de classe do professor Franklin indicam a

²¹⁵ PINTO, Antonio Henrique. Educação Matemática e Formação para o trabalho: Práticas Escolares na Escola Técnica de Vitória. 2006. Tese (Doutorado) - Curso de Pós Graduação em Educação, Unicamp, Campinas, 2006. P.120.

fragilidade do papel fiscalizador da Escola. O serviço de inspeção escolar deveria encerrar mensalmente as anotações feitas em cada diário. Nos cinco anos estudados, isso nunca aconteceu. A única assinatura presente, em uma parcela expressiva dos diários analisados, era a do Professor. Em alguns meses o professor não assinava e também não pontuava as matérias lecionadas, conforme pode se observar na figura 24:

ESCOLA INDUSTRIAL DE FLORIANÓPOLIS		Novembro 1964 2º Ano Ginásial Industrial D		DIÁRIO DE CLASSE	
NOMES		NOTAS	Professor		
			MATERIA LECIONADA	OBSERVAÇÕES	
Alunos do 2º Ano		451112	Prova Mensal		
Aluno I.S. número 11					
Aluno I.S. número 12					
Aluno I.S. número 13					
Aluno I.S. número 14					
Aluno I.S. número 15					
Aluno I.S. número 16					
Aluno I.S. número 17					
Aluno I.S. número 18					
Aluno I.S. número 19					
Aluno I.S. número 20					
Aluno I.S. número 21					
Aluno I.S. número 22					
Aluno I.S. número 23					
Aluno I.S. número 24					
Aluno I.S. número 25					
Aluno I.S. número 26					
Aluno I.S. número 27					
Aluno I.S. número 28					
Aluno I.S. número 29					
Aluno I.S. número 30					
Aluno I.S. número 31					
Aluno I.S. número 32					
Aluno I.S. número 33					
Aluno I.S. número 34					
Aluno I.S. número 35					
Aluno I.S. número 36					
Aluno I.S. número 37					
Aluno I.S. número 38					
Aluno I.S. número 39					
Aluno I.S. número 40					
Aluno I.S. número 41					
Aluno I.S. número 42					
Aluno I.S. número 43					
Aluno I.S. número 44					
Aluno I.S. número 45					
Aluno I.S. número 46					
Aluno I.S. número 47					
Aluno I.S. número 48					
Aluno I.S. número 49					
Aluno I.S. número 50					
Aluno I.S. número 51					
Aluno I.S. número 52					
Aluno I.S. número 53					
Aluno I.S. número 54					
Aluno I.S. número 55					
Aluno I.S. número 56					
Aluno I.S. número 57					
Aluno I.S. número 58					
Aluno I.S. número 59					
Aluno I.S. número 60					
Aluno I.S. número 61					
Aluno I.S. número 62					
Aluno I.S. número 63					
Aluno I.S. número 64					
Aluno I.S. número 65					
Aluno I.S. número 66					
Aluno I.S. número 67					
Aluno I.S. número 68					
Aluno I.S. número 69					
Aluno I.S. número 70					
Aluno I.S. número 71					
Aluno I.S. número 72					
Aluno I.S. número 73					
Aluno I.S. número 74					
Aluno I.S. número 75					
Aluno I.S. número 76					
Aluno I.S. número 77					
Aluno I.S. número 78					
Aluno I.S. número 79					
Aluno I.S. número 80					
Aluno I.S. número 81					
Aluno I.S. número 82					
Aluno I.S. número 83					
Aluno I.S. número 84					
Aluno I.S. número 85					
Aluno I.S. número 86					
Aluno I.S. número 87					
Aluno I.S. número 88					
Aluno I.S. número 89					
Aluno I.S. número 90					
Aluno I.S. número 91					
Aluno I.S. número 92					
Aluno I.S. número 93					
Aluno I.S. número 94					
Aluno I.S. número 95					
Aluno I.S. número 96					
Aluno I.S. número 97					
Aluno I.S. número 98					
Aluno I.S. número 99					
Aluno I.S. número 100					

Figura 24 -Diário de classe – Novembro de 1964
Acervo do Museu Universitário Osvaldo Rodrigues Cabral – UFSC

Na coluna observações, nos cinco anos analisados, apenas um registro, no mês de março de 1967. O professor Franklin assinala: “O aluno I.S. número 11 apresenta êste número de faltas alegando até então não possuir uniforme”. Alcides Vieira de Almeida, afirma que “no período compreendido, entre 1910 e 1960, não encontramos informações oficiais que levassem a uma definição do tipo de uniforme utilizado pelos alunos em suas atividades escolares”. Destaca que o uso do uniforme escolar esteve “totalmente descartado, tendo em vista, principalmente, ser a maioria dos alunos provenientes de famílias pobres”²¹⁶. Aluno da Escola, nos anos 60, Leonel de Paula Neto, relata que:

216 ALMEIDA, Alcides Vieira de. Dos Aprendizes Artífices ao CEFET/SC: Resenha Histórica. Florianópolis: Gráfica Agnus, 2002. P. 124

O uniforme, na época do ginásio, era cinza, brim, vendido pela escola. A Escola vendia a fazenda na alfaiataria. Ela dava o modelo. No início do ano, quando você fazia matrícula na Escola, tu recebias o modelo. A Escola comprava essa fazenda em Brusque, comprava em peças. Qual era a vantagem? Saia tudo igual. Não tinha um com o uniforme mais claro e outro mais escuro. O uniforme que tivesse aqui com outra tonalidade, o aluno já não entrava. Tinha que ser tudo na mesma tonalidade. Com rigor. [...] Era um uniforme cinza, no caso dos homens, com dois bolsos na frente. No lado esquerdo, o bolso tinha uma engrenagem bordada, em cor azul, com doze dentes e com a sigla da escola.²¹⁷

O aluno I.S. citado pelo professor Franklin, não conseguiu freqüentar, no ano de 1967, a nova “Escola Industrial Federal de Santa Catarina”. Antônio Henrique Pinto afirma que “os cursos já haviam começado a ganhar uma solidez, quanto à preparação dos alunos para o trabalho”²¹⁸ O autor destaca que “havia uma determinação governamental de ampliar a capacidade escolar devido à urgência da formação de técnicos de nível médio.” Não há mais espaço para os alunos que freqüentavam a escola sem uniforme e de pé descalço. Os “desfavorecidos de fortuna”, nos anos 60, deveriam agora comprar o uniforme. Novos tempos

217 PAULA NETO, Leonel de. Entrevista concedida a Denise Araújo Meira a. Florianópolis, abril de 2008.. Mimeo. Disponível no acervo do Laboratório de Imagem e Oralidade Franklin Cascaes.

218 PINTO, Antonio Henrique. Educação Matemática e Formação para o trabalho: Práticas Escolares na Escola Técnica de Vitória. 2006. Tese (Doutorado) - Curso de Pós Graduação em Educação, Unicamp, Campinas, 2006. P.120.

Entrelaçando alguns fios...

Neste estudo, procurei dar visibilidade à trajetória e os contornos da prática docente de Franklin Cascaes na Escola Industrial de Florianópolis. No meu primeiro exercício de escrita “O mestre e o artista: algumas notas a partir das biografias de Franklin Cascaes”, apresentado à disciplina de Educação e Epistemologia, finalizo afirmando que a vida de Franklin Cascaes, narrada por ele e por outros, silencia o professor. Saliento que o Franklin Cascaes que me fascina, parafraseando Le Goff, o “meu Franklin” estava para ser contado. Hoje percebo que o “meu Franklin” é o Professor Franklin presente nos discursos dos colaboradores Dílson Ribeiro, Enio Miguel de Souza, Sérgio Pereira Cândido, Leonel de Paula, Nereu do Valle Pereira e Oswaldino Hoffmann. O caderno do professor, as provas dos alunos, os diários de classe, os trabalhos e as correspondências permitem traçar um quadro da trajetória do professor na Escola Industrial de Florianópolis. No entanto, essa materialidade, como diria Walter Benjamin, não comunica o instante vivido no tempo, não transmite a experiência. Essas memórias possibilitaram entrelaçar alguns fios dessa trajetória e de certa forma alguns aspectos da história da Escola Industrial de Florianópolis.

Elaborado em 1945, o caderno de desenho do professor Franklin Cascaes, ficou guardado, protegido durante décadas por um aluno/ artista. Como suporte de memória, aparentemente simples registro dos saberes a serem ensinados, o caderno adquire, na atualidade, o estatuto de “reliquia”, carregando as marcas de um outro tempo. Cruzando as informações obtidas nas páginas do caderno com a memória do antigo aluno, é possível traçar um quadro aproximado dos saberes trabalhado nas aulas do autor/ professor. A prova do concurso, em que o aluno Franklin foi admitido como professor indica que o mesmo domina os conhecimentos relacionados a desenho geométrico. No entanto, me apropriando da reflexão de De Certeau, verifiquei que o cotidiano se inventa e se faz de mil maneiras: privilegiando o desenho à mão livre em detrimento do desenho com régua e compassos; avaliando o conteúdo “estudo das Letras” adotando como frase “a imaginação é mais importante que o conhecimento”; permitindo que o aluno desenhe uma mulher na parede durante várias aulas ou enviando bilhetes em papel de embrulho para o Diretor da Escola em uma época marcada pela censura e pela repressão.

Foi justamente no cotejo entre os relatos orais e os documentos escritos que tive a possibilidade de perceber que o artista foi tentando construir-se como professor. Se por um lado o caderno elaborado pelo professor em 1945, nos trouxe

indícios que o professor privilegiava o desenho artístico em detrimento do desenho geométrico, o depoimento do aluno Oswaldino Hoffmann nos trouxe uma informação singular. Na sala de aula, no espaço destinado à sua principal atividade profissional, professor, a obra do artista, resultante muitas vezes dos depoimentos dos alunos oriundos do interior da Ilha de Santa Catarina ou de outras localidades do Sul do Estado, se transforma em material didático. Se nos escritos - provas dos alunos, na “Páscoa do Estudante”, trabalhos dos concursos referentes aos “grandes nomes” da “Pátria” - estava escrito o professor, também fazia parte daqueles registros o Franklin Cascaes artista. A carreira profissional, o artista, assim como uma parte da sua prática como docente, analisada nesta dissertação parece se entrelaçar.

Os adjetivos utilizados pelos colaboradores para definir o professor são muitos: austero, pontualíssimo, motivado para o trabalho, educador, conselheiro, e tantos outros relatados ao longo das entrevistas. Não podemos pensar Franklin Cascaes como um professor, um artista ou um folclorista. Ele foi resultado da junção de todos esses “Franklins” da vida cotidiana. O professor Franklin na fala dos antigos alunos da “Industrial” se humaniza. Afinal como diria Guimarães Rosa, “a natureza da gente é muito segundas-e-sábados, tem dia e tem noite, versáteis”.

A década de 60 foi marcada por mudanças significativas na estrutura e no cotidiano da Escola. A reforma de ensino implantada, a partir do golpe militar de 1964, integra o ensino às necessidades econômicas e às exigências do mercado do trabalho. Há uma maior valorização dos cursos técnicos industriais, que correspondiam ao segundo ciclo do ensino médio. Franklin Cascaes é o professor que na sala de aula continua privilegiando o desenho artístico em detrimento do desenho geométrico. Aqui fica um questionamento: em que medida, o gosto pelo “desenho artístico” em detrimento do “desenho geométrico”, nesses “novos tempos”, contribuiu para indispor o professor com a direção da escola?

Na Escola dos anos 60, os professores sem “diploma”, pois no momento da sua contratação não havia essa exigência, não são legalmente reconhecidos como professor. Franklin era um deles. A sua aposentaria carrega as marcas da sua formação acadêmica, ou melhor, da inexistência dela. Não há indícios que tenha concluído o Curso Noturno de Desenho, no final dos anos 30. Ele não tinha a formação necessária para atuar como professor desses “novos tempos”. Por que o professor Franklin não se atualizou? Por que não cumpriu as “novas” exigências de formação? São questões a serem pensadas.

Ainda, com relação a sua trajetória como funcionário da Escola Industrial de Florianópolis é interessante perceber que a experiência da aposentadoria extrapolou os muros da Escola. Ganha uma conotação mais ampla, quando o Professor busca no “pequeno grupo” de alunos da antiga Escola Industrial de Florianópolis, que na década de 70 assumiram cargos públicos, um “apoio”. É nesse circuito informal de sociabilidade, que o Professor Franklin encontrará resposta para uma necessidade: Onde guardar uma obra elaborada durante 30 anos nas oficinas de modelagem e nas salas de aulas da “Industrial”? Um convênio assinado entre a UFSC, a Prefeitura Municipal, o Governo de Estado e o Professor Franklin Cascaes garantiu a solução para o problema. A coleção Professora Elisabeth Pavan Cascaes ficou sob a guarda e a tutela do Museu Universitário (UFSC). O Museu tem o nome do Professor Osvaldo Rodrigues Cabral, que como muitos homens do seu tempo, percebia Franklin Cascaes como um homem que não deveria circular nos meios universitários, pois não tinha a formação que o meio exigia. Durante anos alugou a casa na Rua Júlio Moura, onde Franklin viveu e produziu parte dos seus trabalhos, e também deu o nome ao Museu que hoje conserva a obra do artista e folclorista. Como diria Pierre Bourdieu, a vida é feita de acasos.

Encarar a incompletude, como diria Maria Helena Werneck na obra “O Homem Encadernado”, é um desafio a ser enfrentado tanto por biógrafos como por historiadores. Na minha condição de aluna do curso de mestrado, não tenho a pretensão de esgotar a discussão sobre o assunto. Fiz um pequeno recorte. Acrescentei algumas constatações sobre trajetória e a prática do professor Franklin Cascaes na Escola Industrial de Florianópolis, mas também produzi novas lacunas, novos silêncios. Muitos são os professores /artistas que circularam no CEFETSC neste último século, como Ticiano Basadona, Martinho de Haro, Nilo Dias, Franklin Cascaes e Isabela Mendes Sielski. Muitos também são os alunos que assim como os seus professores também são artistas. O ex-aluno Franklin Cascaes afirma que Manoel Portela foi o seu professor referência. Foram os professores/artistas, acima citados, referência para os seus alunos? Em que medida as aulas do professor Franklin contribuiu para a formação dos alunos Dílson Ribeiro e Oswaldino Hoffmann que assim como ele também se dedicaram as artes? São questões a responder.

BIBLIOGRAFIA

1. Fontes documentais

ALMEIDA, Alcides Vieira de. **Dos Aprendizes Artífices ao CEFET/SC: Resenha Histórica**. Florianópolis: Gráfica Agnus, 2002. 132 p.

ALVES, Nilda. Diário de Classe, espaço de diversidade. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; CUNHA, Maria Teresa Santos. **Práticas de Memória Docente**. São Paulo: Cortez, 2002.

ARAÚJO, Adalice Maria de. **Mito e Magia na arte catarinense**. 1977. Tese (Concurso Para Professor Titular) - Departamento de Ciências Humanas, Letras e Artes, Ufpr, Curitiba, 1977.

ASSIS, Leonora Portela de. **Desvelando uma Intimidade: algumas breves leituras sobre Elisabeth Pavan Cascaes**. 1997. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de História, Ufsc, Florianópolis, 1997.

AURAS, Gladys. Mary Teive. Uma vez normalista sempre normalista - cultura escolar e produção de um habitus pedagógico (Escola Normal Catarinense - 1911/1935). Florianópolis: Insular, 2008.

BARBOSA, Renato. **O Garoto e a Cidade** – Florianópolis dos anos 20. Secretária de Comunicação Social. 1979.

BARBOSA Rui. **O desenho e a arte industrial**. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/template_01/default.asp?VID_Secao=105>. Acesso em: 20 abr. 2008.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas - Magia e Técnica, Arte e Política**. 7ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar, a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BOURDIEU, Pierre (Org.). A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

BÜENDGERS, F.G. **22 Anos de ETF/SC**. Florianópolis: 1986.

CAMARGO, Marilena A. Jorge Guedes de. **Coisas velhas - Um percurso de investigação sobre cultura escolar (1928- 1958)**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

CAMPOS, Cyntia Machado. **Santa Catarina, 1930: da degenerescência à regeneração**. Florianópolis: UFSC, 2008. p.264.

CASCAES, Franklin (Org.). Método de Trabalho. In: CARUSO, Raimundo. **Franklin Cascaes - Vida e Arte- E a Colonização Açoriana**. 2. ed. Florianópolis: Ufsc, 1989. P. 21-30.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. 10. Ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CINTRA, Maria Cristina. O processo de aprendizado do ofício de alfaiate em Florianópolis (1913-1968). 2004. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ppge, Departamento de Educação, Ufsc, Florianópolis, 2004.

CORREA, Carlos Humberto P. (Carlos Humberto Pederneiras). **Quatro artistas da cerâmica**. Florianópolis: Imprensa Universitária, UFSC, 1978. 103p. (Arte e artesanato)

CORTELAZZO, Patrícia Rita. **O Ensino do Desenho na Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro e o Acervo do Museu D. João VI (1826-1851)**. Dissertação (Mestrado) - Curso de Artes, Unicamp, Campinas, 2004.

COSTA, Marli de Oliveira. **Impressos Imagem e Fé: História da Menina que virou santa no Sul do Brasil**.

Disponível em : http://www.gedest.unesc.net/seilacs/virousanta_marli.pdf .
Acesso em: 25 de abril de 2008.

CUNHA, Luiz Antônio. **O Ensino Industrial-Manufatureiro No Brasil**. Disponível em: <http://www.flacso.org.br/data/biblioteca/392.pdf>. Acesso em: 01 de maio 2008

DARTON, Robert. **O Grande Massacre dos Gatos**: e outros episódios da História Cultural Francesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DELGADO, Andréa Ferreira. **A invenção de Cora Coralina na Batalha das memórias**. Tese de doutorado. Unicamp. Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP. Orientadora; Luzia Margareth Rago. 2003.

DIAS, Haylor Delambre Jacques. **A Arte de Nilo Dias no Cenário Cultural Florianopolitano**. 2004. 185 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós Graduação em História, Ufsc, Florianópolis, 2004.

DORIA, Renato Palumbo. **Entre o belo e o útil: métodos e professores de desenho no Brasil do século XIX**. In: II Congresso Brasileiro de História da

Educação, 2002, Natal. Anais do II Congresso Brasileiro de História da Educação. História e Memória da Educação Brasileira. Natal, 2002.

D'ENFERT, Reunaud. **Uma nova forma de Ensino de Desenho na França no início do século XIX: o Desenho Linear**. História da Educação, Pelotas, n. 22, ago. 2007. Quadrimestral.

ESPADA, Heloisa; MELIM, Regina. **Na cauda do boitatá: um estudo do processo de criação dos desenhos de Franklin Cascaes**. Florianópolis: UDESC, 1996. 77 p.

FANTIN, Monica. **No mundo da brincadeira: jogo, brinquedo e cultura na educação infantil**. Florianópolis: Cidade Futura, 2000. 244p

FRAGO, António Vinão. **História de la Educación e História Cultural: possibilidades, problemas, cuestiones**, 1994. Revista Brasileira de Educação. Campinas n.0, p 63-82, set/out/nov/dez, 1995.

Relatos e Relações Autobiográficas de Professores e Mestres. In: MENEZES, Maria Cristina. **Educação, Memória, História: Possibilidades, Leituras**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. P. 333-373.

El espacio y el tiempo escolares como objeto histórico. Contemporaneidade e Educação. Instituto de Estudos de Cultura e Educação Continuada (IBC), Rio de Janeiro, n.7, p.100-101, 2000.

FILIZOLA, Anamaria. **O cisco e a ostra: Augustina Bessa-Luis biografa**. 2000. Tese (Doutorado) - Curso de Teoria e Crítica Literária, Departamento de Filosofia do Instituto de Unicamp, Campinas, 2000.

FONSECA, Celso Suckow da. **História do Ensino Industrial no Brasil**. Vol 2. Rio de Janeiro: SENAI.1986.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: **Ditos & Escritos III. Estética: Literatura, pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. P.411-422.

FREITAS, Patrícia de. **A Presença do negro nas esculturas de Franklin Cascaes**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1996. 37p. (Cadernos de cultura e educação; 8)

GRUGINSKI, Loris Do Rocio Eastwood **A manifestação da cultura africana na obra de Franklin Joaquim Cascaes**. 1999. 66 f. Monografia (especialização) - Universidade do Estado de Santa Catarina.

GUIMARÃES, A. **Relatório Histórico**. Florianópolis: 1987.

GVIRTZ, Silvina. **Do currículo Prescrito Ao Currículo Ensinado**: Um olhar sobre os cadernos de classe. Bragança Paulista: São Francisco, 2005.

GOMES, Angela de Castro (Org.). Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre. In: GOMES, Angela de Castro. Escrita de Si: Escrita da História. Rj: Fgv, 2004. Cap. 2.

HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: o espaço gráfico dos cadernos escolares. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Número 1. Campinas/ SP: Autores Associados, 2001.

HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, Memória e Resíduo Histórico: Uma Reflexão sobre Arquivos Pessoais e o caso Filinto Müller. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/209.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2008.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como objeto Histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Número 1. Campinas/ SP: Autores Associados, 2001, pp.9-43.

LEVI, Giovanni (Org.). Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. **Pontes para o futuro: relações de poder e cultura urbana. Florianópolis, 1950 a 1970.** 2002. Tese (Doutor) - Curso de Pós Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2002.

MAKOWIECKY, Sandra. **A Representação da cidade de Florianópolis na visão dos artistas Plásticos.** 2003. Tese (Doutorado) - Curso de Interdisciplinar em Ciências Humanas, Ufsc, Florianópolis, 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** 4ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2002.246 p.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Decifrando o Recado do Nome :: uma Escola em Busca da sua Identidade Pedagógica. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 74, n. 178, p.619-638, 1993. Trimestral.

MIGNOT, A. C. V.; CUNHA, M. T. S. **Razões para guardar: a escrita ordinária em arquivos de professores/as.** Educação em Questão, v. 25, 2006.

MURICY, J.C.da S. **Resenha Histórica da Escola de Aprendizizes Artífices de Santa Catarina.** Florianópolis: 1922.

NORA, P. **Entre Memória e História: A problemática dos lugares.** Projeto História: Programa de Pós Graduação de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História, São Paulo, n. 10, p.7-28, dez. 1993.

NÓVOA, António. As palavras das Imagens: Retratos de professores- (séc. XIX-XX). Atlântida: Revista de Cultura, 2001.

PANDINI, Sílvia. **A Escola de Aprendizizes Artífices do Paraná: "Viveiro de Homens Aptos e Úteis" (1910-1928).** 2006. 158 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Educação, UFPR, Curitiba, 2006.

PINTO, Antonio Henrique. **Educação Matemática e Formação para o trabalho: Práticas Escolares na Escola Técnica de Vitória**. 2006. Tese (Doutorado) - Curso de Pós Graduação em Educação, Unicamp, Campinas, 2006.

RIBEIRO, Dílson. **O Romance**. Florianópolis: Insular, 2006.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão Veredas**. 18. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 239 p.

ROMERO, Olga; CASCAES, Franklin Joaquim. **Cascaes**. [Florianópolis]: Museu Universitário - UFSC, [1984?]. [8]p

SAYÃO, Thiago Juliano. Nas veredas do folclore: Leituras sobre política cultural e identidade em Santa Catarina (1948-1975). 2004. 106 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de PPGH, Departamento de História, UFSC, Florianópolis, 2004. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PHST0220.pdf>>. P.54 Acesso em: 10 jan. 2009.

SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias: historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos, Estudos Históricos, Rio de Janeiro, número 19, 1987.

_____ Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. Educação Unisinos, São Leopoldo, v., n.10, jul.2004. Quadrimensal. P. 140.

SCHWARTZMAN, Simon et al. **TEMPOS DE CAPANEMA: O ENSINO INDUSTRIAL**. Disponível em: <<http://WWW.Schwartzman.org.br/Simon/Capanema/capit8.html>> Acesso em 20 de abril,2008.

SILVEIRA, Cláudia Regina. **Um Bruxo na Ilha: Franklin Cascaes: Resgate de Narrativas Inéditas**. 1996. 160 f. Dissertação (Mestre) - Curso de Pós-graduação em Letras Literatura Brasileira e Teoria Literária, Departamento de Letras, Ufsc, Florianópolis, 1996. Cap. 2.

SOUZA, Evandro André de. **Franklin Cascaes: uma cultura em transe**. 2000. Dissertação (Mestre) - Curso de Pós Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 2000.

SOUZA, Rosa Fátima de. Rituais Escolares: liturgia cívica e glorificação da memória: aproximações históricas. In: PORTO, Maria do Rosário Silveira et al. **Tessituras do Imaginário: cultura & educação**. Cuiabá: Edunic/cice/feusp, 2000.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica**. Educação Unisinos, São Leopoldo, v., n.10, jul.2004. Quadrimestral.

TOMASELLI, D.C. **Síntese da Evolução Histórica da ETF/SC**. Florianópolis: 1987.

VENANCIO, Giselle Martins. Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna.

Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/308.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2008.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Cultura e Práticas Escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares**. In: SOUZA, Rosa Fátima e Vera Teresa Valdemarin (orgs.). A Cultura Escolar em debate – Questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. P. 3 a 30.

VIDAL, Diana Gonçalves et al. **“As Múltiplas estratégias de”**. Disponível em: [http // www.usp.br/ niephe /reuniões/ “Projeto_novembro_2006.doc](http://www.usp.br/niephe/reuniões/Projeto_novembro_2006.doc)> Acesso em: 10 de abril, 2008.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Intelectuais e o discurso da modernidade na I Conferência Nacional de Educação (Curitiba-1927). In: Marcus Levy Bencostta. (Org.). Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2007, v. 1.

VIÑAO, Antonio. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Cadernos à Vista: Escola, Memória e Cultura Escrita. RJ: EdUERJ, 2008. Ca.p.2.

WERNECK, Maria Helena. O homem Encadernado: Machado de Assis na escrita das biografias. Rj: EdUERJ, 1996, 279p.

WOOLF, Virginia. **Orlando**. 2.ed.Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

2. Fontes orais

RIBEIRO, Dílson. Entrevista concedida a Denise Araújo Meira e Patrícia de Souza. Florianópolis, maio de 2007. Mimeo. Acervo do Laboratório de imagem e Oralidade Franklin Cascaes.

HOFFMANN, Oswaldino. Entrevista concedida as alunas Aline Amorim, Carolina Fávero e Jessica Gomes. Florianópolis, outubro de 2008. Disponível no acervo do Laboratório de Imagem e Oralidade Franklin Cascaes.

SOUZA, Enio Miguel de. Entrevista concedida aos alunos do CEFETSC Felipe Wagner, Izel Molinete e Carla Becker. Florianópolis, maio de 2008. Disponível no acervo do Laboratório de Imagem e Oralidade Franklin Cascaes.

PAULA NETO, Leonel de. Entrevista concedida a Denise Araújo Meira . Florianópolis, abril de 2008. Disponível no acervo do Laboratório de Imagem e Oralidade Franklin Cascaes.

PEREIRA, Nereu do Valle. Entrevista concedida a Denise Araujo Meira, outubro de 2008. Disponível no acervo do Laboratório de Imagem e Oralidade Franklin Cascaes

3. Fontes arquivísticas

ACERVO DO LABORATÓRIO DE IMAGEM E ORALIDADE FRANKLIN CASCAES
(CEFETSC)

- Fotografias

-Ata do concurso de Ingresso – 1941

-Caderno de desenho -1945

- Revista Arte & Indústria. 15 de novembro de 1948, ano III. Secção de Artes Gráficas da escola Industrial de Florianópolis.

ACERVO DO MUSEU UNIVERSITÁRIO OSVALDO RODRIGUES CABRAL (UFSC)
Coleção Elizabeth Pavan Cascaes

- Provas

-Diários de Classe

-Exercícios

CASA DA MEMÓRIA

- Fotografias

BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DE SANTA CATARINA

- Jornal *O Estado*, 16 de março de 1983.

Jornal *O Estado*, 20 de março de 1983.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Diário oficial do Estado de Santa Catarina, 21 de maio de 1941.